

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**EMERGÊNCIA DO NARCISISMO NA CULTURA E NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA: NOVOS RUMOS,
REITERADAS QUESTÕES**

POR

ELIANA RIGOTTO LAZZARINI

BRASÍLIA – DF - BRASIL, 2006

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**EMERGÊNCIA DO NARCISISMO NA CULTURA E NA CLÍNICA
PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA: NOVOS RUMOS,
REITERADAS QUESTÕES**

ELIANA RIGOTTO LAZZARINI

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Terezinha de Camargo Viana

BRASÍLIA – DF – BRASIL, 2006

TESE APROVADA PELA SEGUINTE COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Dra. Terezinha de Camargo Viana - Presidente

Profº Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes

Profª Dra. Vera Lucia Decnop Coelho

Profª Dra. Claudia Amorim Garcia

Profº Dr. Roberto Menezes de Oliveira

BRASÍLIA – DF – BRASIL, 2006

DEDICATÓRIA

Para Waldemar e Delba, meus amados pai e mãe
aos meus amores Ataliba, Sabrina, Alessandra, Felipe, Amanda e Daniel
queridas Ana, Giuliana e Renata
estimados Marcus e Victor

AGRADECIMENTOS

À Terezinha, sou-lhe muitíssimo grata pela orientação e dedicação e pelos momentos preciosos de seu convívio durante todo percurso de nossa empreitada. Gostaria de retribuir em dobro sua amizade, carinho e confiança.

Ao Luiz Celes pela generosidade em partilhar seu conhecimento e por tudo que me ensinou. Receba toda minha gratidão.

Aos meus alunos, supervisionandos e clientes, por terem me ensinado a escutar e a repartir e, sobretudo, por terem me permitido participar de suas vidas.

Ao grupo de orientação pelas discussões sempre tão produtivas e bem humoradas e por tudo que partilhamos neste caminho.

Retrato de Narciso

Ser único, todo poderoso pelo corpo e pelo espírito encarnado no seu verbo, independente e autônomo sempre que queira, mas de quem os outros dependem sem que ele se sinta portador em relação a eles do menor desejo. No entanto residindo entre os seus, os de sua família, de seu clã e de sua raça, eleito pelos signos evidentes da Divindade, feita à sua imagem. Ele é o primeiro deles, senhor do Universo, do Tempo e da Morte, todo vaidoso de seu diálogo sem testemunhas com o Deus único que o enche de favores –inclusive na queda pela qual é o objeto escolhido de seu sacrifício -, intercessor entre Deus e os homens vivendo

do intangível, do imortal e do intemporal.

Quem não reconheceria, no segredo de seus fantasmas, esta figura, quer a sirvamos ou sustentemos o demente projeto de encarna-la/... Mas eis-nos longe da inocente flor que ressuscita o efebo apaixonado por seu reflexo, até fundir-se, na água calma sem fundo.

Narcisismo de vida, narcisismo de morte.

André Green

RESUMO

Tem sido corrente a afirmação de que vivemos, na cultura contemporânea, sob o signo do narcisismo; e no campo da psicanálise isso aparece frequentemente através das referências ao crescimento das patologias chamadas narcísicas.

Em nossa pesquisa chamamos a atenção para o conceito de narcisismo como base para o relacionamento social e a comunicação amorosa. Procuramos resgatar a metapsicologia subjacente ao conceito dando ênfase aos primórdios do desenvolvimento infantil e a precoce relação mãe/criança, fundamental para o desenvolvimento psíquico e social do sujeito.

A psicanálise freudiana concebe o sujeito constituído em seu fundamento pela relação com o outro. A introdução do narcisismo esclarece a importância desse outro na constituição do sujeito, e as consequências a que sua privação vai dar lugar. No presente trabalho procuramos defender que no contexto contemporâneo a resposta narcísica, ou seja, a presença de um conflito cuja gênese não se encontra propriamente na sexualidade edípica, encontra-se concretizada e efetivada em diferentes graus de intensidade.

Procuramos mostrar que as patologias narcísicas são pautadas pelo mecanismo da cisão mais do que pela repressão. Entendemos que o conceito de narcisismo e idealização em Freud são essenciais para a compreensão das formas de constituição das subjetividades contemporâneas.

ABSTRACT

The statement that we live under the sign of narcissism in our contemporary culture has become common and, in the field of psychoanalysis, this reference has occurred frequently as a result of the increase of the so-called narcissistic pathologies.

In our research, we focused the concept of narcissism as the basis for social relationship and love communication. We have aimed at recovering the underlying metapsychology concept by emphasizing the early times of child development and of the mother-child relationship, essential to the individual's psychic and social development.

The Freudian psychoanalysis conceives of the individual as being composed of his basic relation with the other. The introduction of narcissism clarifies the importance of this other being in the subject's constitution and the consequences resulting from his/her lacking of it.

In this paper, we have sought to argue that, in the contemporary context, the narcissistic response, i.e., the presence of a conflict whose genesis is not actually contained in edipian sexuality, is present and made effective in different degrees of intensity.

We have sought to demonstrate that the narcissistic pathologies are more often guided by the *ceisure* (*cisão*) mechanism than by the repression. We understand that the concepts of narcissism and idealization in Freud's theory are essential for the comprehension of the contemporary subjectivities constitution.

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| Percurso da pesquisa | 24 |

CAPÍTULO I

| | |
|--|----|
| CULTURA E SUBJETIVAÇÃO: METAMORFOSES CONTEMPORÂNEAS | 28 |
| Modernidade e pós-modernidade: uma linha tênue de separação | 30 |
| Subjetivação em tempos pós-modernos | 35 |
| Subjetividade contemporânea, uma subjetividade narcísica? | 39 |
| Contemporaneidade: vergonha ou culpa? | 50 |

CAPÍTULO II

| | |
|--|-----|
| NARCISISMO, AS INSTÂNCIAS IDEAIS E A IDENTIFICAÇÃO: QUESTÕES METAPSICOLÓGICAS | 59 |
| A evolução do conceito de narcisismo em Freud até 1914 | 62 |
| A categoria conceitual narcisismo | 66 |
| Aspectos metapsicológicos do narcisismo | 72 |
| Narcisismo primário e secundário | 73 |
| A retirada dos investimentos do mundo exterior | 75 |
| Narcisismo e sexualidade | 78 |
| As instâncias ideais: eu ideal e ideal do eu | 87 |
| O circuito das instâncias ideais e a identificação | 94 |
| As instâncias ideais e o narcisismo | 102 |

CAPÍTULO III

| | |
|--|-----|
| SUBJETIVIDADE E O SENTIDO DO CORPO EM PSICANÁLISE | 106 |
| A concepção do conceito de corpo em psicanálise | 111 |

| | |
|---|-----|
| O corpo da histeria | 112 |
| O corpo pulsional | 115 |
| O corpo narcísico: princípio de subjetivação | 120 |
| O corpo da segunda tópica: o corpo é o próprio, a primeira pessoa | 122 |
| O discurso do corpo narcísico | 129 |

CAPÍTULO IV

| | |
|--|------------|
| NARCISISMO, SUAS VICISSITUDES E A CLÍNICA | 134 |
| As configurações narcísicas ou “os casos limites”: circunscrevendo o fenômeno | 136 |
| A experiência tornada objeto | 149 |
| Aspectos metapsicológicos e clínicos dos fenômenos narcísicos | 157 |
| O olhar para a outra cena | 164 |
| A condição primordial do desamparo e o mecanismo da cisão no caso do fronteiro | 171 |
| | |
| CONCLUSÃO | 178 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 185 |

INTRODUÇÃO

Afinal, o paradoxo da situação analítica não é de que um *outro*, que não é um outro eu,
mas um *neuter* subtraído ao olhar, me é necessário para eu *me* encontrar?

Entre o sonho e a dor

J.B.Pontalis

Bordas ou confins?

Entre o sonho e a dor

J.B.Pontalis

O homem contemporâneo tem sido designado como narcisista termo este usado como sinônimo de individualista. Mas o que caracterizaria este narcisismo/individualismo? Teria o termo um valor positivo de emancipação, preconizado pelo movimento iluminista do século XVIII, ou caracterizaria um retrocesso no sentido do apego à coisa própria como centramento do universo?

Muito se tem falado da cultura narcisista para definir a constituição das subjetividades na sociedade contemporânea. Figueiredo (2003) alerta para os fenômenos sociais e psíquicos que estamos experimentando no final do século XX e início do século XXI: “A ameaça de destruição da humanidade cedeu lugar a uma cultura do individualismo esquizóide na qual, entre mortos e feridos, todos nos salvamos, cada um na sua e nada entre nós” (p.52-53). Figueiredo se refere ao retraimento esquizóide do indivíduo, gerador de muito sofrimento a ele associado.

Nesse contexto o que se denomina cultura pós-moderna, ou cultura contemporânea, gira em torno da caracterização de um neo-individualismo hedonista associado a uma subjetividade que se considera freqüentemente como narcisista. Nessa cultura o valor da

imagem é cultuado e ser homem, no sentido genérico, significa ser reconhecido como imagem por outro homem que também o é: a condição de espetáculo requer a presença de um espectador ou testemunha do fato (Debord, 1967). O terror narcísico é o de ser comum, de não ser especial e o *merchandising* usa e abusa disto.

A imagem do corpo ganha papel de relevância na composição dessa personagem. O corpo é elevado à condição de objeto fetiche e submetido aos mandatos do ideal veiculado e, de tal forma sobrevalorizado e exigido, que acaba sucumbindo sob o efeito dos *stresses*. A exacerbação desta lógica ganha contornos especiais na contemporaneidade e seus efeitos patogênicos se fazem notar, principalmente aqueles que envolvem a corporeidade: compulsão alimentar, consumo de drogas, fisiculturismo, cirurgias estéticas e mutiladoras, rejuvenescimento e restrições de toda ordem. Em nome da ilusão de domínio sobre os seus próprios limites e diante da incapacidade de dar conta de tamanha demanda o indivíduo tem se sentido, freqüentemente, confuso e culpado.

Além destes aspectos que envolvem a corporeidade, pensamos que a questão das ligações entre as pessoas também se encontra comprometida; as relações amorosas e afetivas tendem a ser superficiais e passageiras com muito pouca condição de se transformarem em vínculos mais duradouros. Os afetos passam a ser tênues e as relações são vividas em meio ao tédio, a futilidade e ao vazio. Nessa condição o indivíduo se vê a mercê do desamparo e angústia. Não se trata da perda do objeto ou de um ideal no qual o sujeito identificado ao objeto retirava-se, de certa forma, do mundo dos vivos como observa Freud (1915), mas da incapacidade de se constituir um objeto consistente, substituto primordial do outro. A dificuldade é a de manter vínculos afetivos, dificuldade que os ideais individualistas da contemporaneidade vêm promovendo cada vez mais.

Birman (2000) acentua que se a interiorização e a reflexão sobre si mesmo eram características da modernidade, a marca de nosso tempo recai sobre a ausência de um princípio unificador e a decorrente exacerbação da individualidade na cultura do narcisismo e da exterioridade na sociedade do espetáculo. Este despedaçamento da subjetividade, ao qual o autor se refere, parece ser o que está subjacente à condição das novas formas de subjetivação.

Freire Costa (2003) adverte que o indivíduo contemporâneo pode ser considerado um indivíduo em trânsito, isto é, um indivíduo que ainda toma para si os valores do universo constituído pelas heranças culturais de tradição burguesa formada pelo tripé “religião, família e propriedade” e, ao mesmo tempo, esse indivíduo necessita lidar com os valores hegemônicos da sociedade vigente. Tais valores são caracterizados, segundo o autor, pela ideologia em voga do alcance do bem estar físico-psicossexual, de uma normalização no sentido do desestabelecimento das hierarquias, das relações entre os membros da família e pela compulsão ao consumo imediato e supérfluo. Freire Costa observa que “este recentramento corpóreo do individualismo repercute penosamente no psiquismo do sujeito levando-o compulsoriamente a recorrer cada vez mais a agências de controle e manutenção da identidade pessoal” (p.159). De acordo com o autor, essa que ele considera ser a moral urbana pós-moderna é centrada no indivíduo e se distingue da moral individualista anterior pela ênfase colocada no corpo. Não ter o corpo da moda, e ao afirmarmos isso nós estamos nos referindo não somente ao valor estético, mas também à condição de saudável, parece ser o mesmo que estar numa posição marginalizada com todas as conseqüências que daí possam advir.

Para Lasch (1987) o sujeito contemporâneo perdeu uma parcela de sua individualidade e sente-se ameaçado pela desintegração e por um sentido de vazio interior.

No texto referido, Lasch propõe mudar a expressão cultura do narcisismo, cunhada por ele em trabalho anterior (Lasch, 1979) para descrever a cultura que acolhe tais sujeitos, para “cultura do sobrevivencialismo” (1987, p. 47). Essa mudança, observa o autor, seria necessária para explicar melhor as condições da vida cotidiana contemporânea pautada por estratégias de sobrevivência impostas aos que estão expostos à extrema adversidade. Para ele a apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez em condições extremas passaram a configurar a vida das pessoas comuns em condições normais de nossa sociedade contemporânea, altamente burocrática. Lasch observa que a cultura contemporânea está organizada em torno do consumo de massa que estimularia o narcisismo, não porque torna as pessoas gananciosas e agressivas, mas porque as torna frágeis e dependentes. Nas palavras do autor: “se a cultura burguesa do século XIX reforçava os padrões anais de comportamento – estocagem de dinheiro e mantimentos, controle das funções fisiológicas, controle do afeto – a cultura do consumo de massa do século XX recria os padrões orais, enraizados numa fase ainda mais anterior do desenvolvimento emocional, quando a criança era completamente dependente do seio materno” (1987, p. 25).

Temos observado uma produção teórica considerável de autores psicanalíticos contemporâneos que discorre a respeito do impacto dessa cultura sobre a organização psíquica dos indivíduos. Expressões, tais como, “novas características das subjetividades na contemporaneidade”, “novas formas de sofrimento psíquico”, “nova forma de mal estar contemporâneo” parecem designar algo como uma condição peculiar ao nosso tempo caracterizada por uma mudança no perfil dos pacientes. De que tratam essas novas expressões? Estamos sendo confrontados por novas patologias ou estamos falando das

reiteradas formas de manifestação do sofrimento psíquico? Os sintomas na contemporaneidade não se encontram referenciados somente a uma ordem pré-estabelecida, mas se tornam possibilidades plurais servindo para que o sujeito tente se identificar a este ou aquele modelo, ideologia ou grupo. De que forma, então, se apresentam as atuais formas de subjetivação?

O que se observa na clínica psicanalítica, segundo esses autores, nessas últimas décadas, é o surgimento de uma exacerbação mais acentuada de manifestações psicopatológicas que em seus aspectos estruturais são diversas das neuroses clássicas mais comuns na época de Freud, ou seja, final do século XIX e início do século XX. A atmosfera cultural vivida por Freud nos primórdios do século XX favorecia o desenvolvimento da histeria. Como consequência os primeiros analistas centraram suas atenções no complexo de Édipo e sua derivada, a neurose. Criaram uma metapsicologia coerente com as metodologias científicas da época de tal forma que os quadros patológicos não inseridos nessa singularidade permaneciam fora da condição de análise. Mas a psicanálise, antes mesmo da morte de seu mestre, já havia sofrido mudanças produto das transformações tanto por parte dos analistas, quanto por parte dos analisandos e do processo cultural subjacente (Jones, 1979).

Os temas freqüentes que caracterizaram a clínica naquele período relacionados à repressão sexual, à culpa e à frustração parecem ter, gradativamente, aberto espaço a temas como o medo intenso aos compromissos, à falta de limites, à insegurança, à desesperança e a vergonha. Roudinesco (1999) enfatiza que a depressão – aqui forma atenuada de melancolia – domina a subjetividade contemporânea, tal como a histeria predominou no fim do século XIX e princípio do XX. Segundo a autora, no terceiro milênio a depressão tornou-se epidemia psíquica nas sociedades democráticas. Roudinesco esclarece que “emancipado das proibições

pela igualdade de direitos e pelo nivelamento de condições, o deprimido deste fim de século é herdeiro de uma dependência viciada do mundo. Condenado ao esgotamento pela falta de uma perspectiva revolucionária, ele busca na droga ou na religiosidade, no higienismo ou no culto de um corpo perfeito o ideal de uma felicidade impossível” (1999, p.19). As toxicomanias também se tornaram emblemáticas tomando proporções endêmicas, uma a mais das tantas maneiras de lidar com o excessivo pulsional na contemporaneidade.

A cena psicopatológica na contemporaneidade tem se voltado para a dimensão do traumático e para os processos de cisão basicamente característicos dos distúrbios narcisistas e pelas patologias agrupadas sobre o denominador comum de uma escolha de objeto narcísica como base para sua sustentação. Dentre elas evidenciam-se a bulimia, a anorexia, as doenças psicossomáticas, as depressões, a síndrome do pânico e as mais diversas formas de adições.

Em trabalho anterior (Lazzarini, 2001) já havíamos ressaltado essa particularidade de distúrbio narcísico ao abordarmos o tema da anorexia chamando a atenção para sua condição exacerbada de sintoma contemporâneo e gerador de mal estar e sofrimento psíquico. Ressaltamos, naquela ocasião, que o estar anoréxico diz respeito a busca de um ideal absoluto que impõe a prevalência da imagem sobre a percepção. A condição anoréxica de restrição quase que absoluta triunfa sobre a necessidade alimentar, sobre a sexualidade e sobre as regras de bom senso e moderação. Evidenciamos ainda o valor do fundamento narcísico como possibilidade de sustentação subjacente ao conflito psíquico¹.

¹ O que se observa na anorexia é uma ausência de discriminação entre dentro/fora, ou seja, o corpo não tem a capacidade de exercer uma de suas funções básicas que seria delimitar, colocar os limites, entre o eu e o outro. Nossos estudos se basearam em autores que sugerem que se situe a anorexia entre o que se denomina pacientes fronteiros ou casos limites. Tal configuração nosográfica se mostrou extremamente importante para pensarmos a patologia em questão, pois coloca em evidência a condição do limite, mais precisamente a condição de fronteira que, aliás, as patologias de cunho narcisista parecem trazer à todo momento.

Quanto ao processo de subjetivação na contemporaneidade parece-nos importante um retorno à Freud e aos seus fundamentos teóricos, pois acreditamos que os pressupostos dessa situação contemporânea já estão postos na sua obra. Em nosso entendimento, Freud sempre se preocupou em articular a humanidade e seus destinos com seus construtos teóricos. Suas reflexões sobre a cultura foram tentativas de pensar psicanaliticamente o social e, ao mesmo tempo, o individual. Freud construiu uma teoria sobre a sexualidade que serve à causa do desejo revelando, assim, a paixão no homem.

Em *O mal estar na civilização*, Freud problematiza a busca da felicidade e o ideal de perfeição. No texto ele observa que a civilização repousa sobre a coerção dos impulsos fundamentais do homem. Diz Freud que a civilização é necessária para que o pequeno ser humano se transforme num adulto, mas, ao mesmo tempo, ela também é responsável por não levar em consideração a felicidade do indivíduo no sentido de fazer valer o caráter civilizatório. Como ressalta Freud:

“A integração numa comunidade humana, ou a adaptação à ela, aparece como uma condição dificilmente evitável, que tem que ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade seja alcançado. [...]. Em outras palavras, o desenvolvimento do indivíduo nos parece ser um produto de duas premências, a premência no sentido da felicidade, que geralmente chamamos ‘egoísta’ e a premência no sentido da união com os outros da comunidade, eu chamamos ‘altruísta’”(Freud, 1930,p.165).

A tese freudiana do mal estar vai sustentar que o estado civilizatório determina em parte a perda da felicidade, pois se ‘egoísmo’ e ‘altruísmo’ subsistem dentro do indivíduo, assim também, os dois processos de desenvolvimento, o individual e o cultural, se colocam frente à frente na acomodação do espaço. Porém, esclarece Freud “essa luta entre indivíduo e sociedade não constitui um derivado da contradição entre os instintos de Eros e de morte.

Trata-se de uma luta dentro da economia da libido comparável à distribuição da libido entre o ego e os objetos, admitindo uma acomodação final do indivíduo [...]” (1930,p.166).

Nestas duas citações de Freud em *O mal estar...* podemos perceber como estão imbricados os valores do indivíduo e da cultura em sua teoria, de tal forma que, segundo Freud, o indivíduo ao mesmo tempo em que participa do curso do desenvolvimento da humanidade, também persegue o seu próprio caminho na vida. Essa foi uma das idéias grandiosas de Freud, ou seja, a de vincular entre si as esferas da experiência subjetiva e da cultura que só aparentemente nada têm a ver uma com a outra.

Freud associa no texto o sentimento de culpa a uma variedade topográfica da ansiedade que coincide, em suas fases posteriores, com o medo do superego. Ressalta ainda, que os sintomas neuróticos são satisfações substitutivas para desejos sexuais não realizados, sendo possível poder afirmar que talvez toda neurose oculte um sentimento inconsciente de culpa, o qual, por sua vez, fortifica os sintomas: “Agora parece plausível formular a seguinte proposição: quando uma tendência instintiva experimenta a repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus sentimentos agressivos em sentimento de culpa” (1930, p. 163).

Podemos pensar o mal estar na cultura contemporânea refletindo acerca dessas propostas em Freud. Quando Freud expõe em seus textos as dificuldades encontradas na sociedade da sua época ele as associa à repressão, feita pela civilização, às moções pulsionais. E hoje, como isso se daria? As transformações sociais trouxeram novos paradigmas a serem confrontados. O que antes era tomado como pecado passou a ser um discurso que fala do corpo e da vida. A causa da moralidade deu lugar à causa da vida. Portanto, se em nossa sociedade nós também temos vivido, efetivamente, um excesso pulsional, como lidamos com

ele? Seria o sentimento de culpa também o pressuposto do processo de subjetivação na contemporaneidade?

Anzieu (2000) ressalta que a mudança na natureza do sofrimento dos pacientes que procuram pela psicanálise tem sido significativa nestes últimos anos. Observa o autor que diferentemente da época de Freud na qual os psicanalistas se ocupavam das neuroses histéricas, obsessivas e mistas, hoje mais da metade da clientela é constituída pelo que ele chama de casos-limites e/ou personalidades narcísicas. Para ele, tais pacientes sofrem de

“(…) uma falta de limites, isto é, incertezas entre o Eu psíquico e o Eu corporal, entre o Eu realidade e o Eu ideal, entre o que depende do Self e o que depende do outro, bruscas flutuações destas fronteiras, acompanhadas de quedas na depressão, indiferenciação das zonas erógenas, confusão das experiências agradáveis e dolorosas, não distinção pulsional que faz sentir a emergência de uma pulsão como violência e não como desejo, vulnerabilidade à ferida narcísica devido a fraqueza ou às falhas do envelope psíquico, sensação difusa de mal estar, sentimento de não habitar a sua vida, de ver de fora funcionar seu corpo e seu pensamento, de ser o espectador de alguma coisa que é e que não é sua própria existência” (Anzieu, 2000, p. 22).

Tais estados na atualidade, segundo Anzieu, devem muito à cultura atual que cultiva ambições desmedidas, encoraja a abolição de sentimentos, encoraja a utilização de drogas químicas na procura do êxtase artificial, favorece a imaturidade e que, enfim, suscita uma proliferação de perturbações psíquicas limites. Se levarmos em consideração que o contexto atual não adota a repressão como norma de controle social, podemos pensar que a ação do recalçamento se torna mais vulnerável, pois não conta com a repressão para garantir sua eficácia.

Se em Freud a função paterna é o operador estruturante para qualquer sujeito, é a partir da forma como o sujeito responde à lei paterna, aquilo que vai posicioná-lo como

perverso, neurótico ou psicótico. Mas, já em seu tempo, Freud previra que a civilização caminharia para uma organização diferente da neurótica. Como temos observado, parece ser justamente de uma dificuldade em inscrever o campo da alteridade que padece o sujeito hoje. Birman (2000) complementa a esse propósito que “justamente o que caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo (aqui sinônimo de cultura pós-moderna) é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical” (p. 25). Supomos que o sujeito se encontra hoje na impossibilidade de satisfação pela catexia objetal e, uma das alternativas da libido seria seu retorno e represamento no eu caracterizando um investimento narcísico que vai dificultar a saída pelo investimento no objeto; em termos freudianos, portanto, uma saída pela alteridade. Na contemporaneidade a referência ao outro tende a se esvaecer e, como conseqüência, acentua-se o sentimento originário de desamparo e a incapacidade do sujeito de lidar com os perigos internos e externos.

A identificação edípica freudiana relaciona-se a uma defesa à dupla exigência narcísica - ser um e dois ao mesmo tempo. Quando ocorre a dificuldade da imposição do limite surgem as diferentes tentativas de resolução consideradas, aqui, como sintomas da contemporaneidade. O sujeito passa a alocar o referente no próprio eu pela identificação ao ideal perdido. Duas conseqüências podem se manifestar: de um lado exacerbam-se os imperativos do culto ao corpo, manutenção da eterna juventude e superexposição da intimidade; de outro, retorna com a ausência do encontro e da ligação evidenciando-se as toxicomanias, a violência e a depressão.

Essa descrição nos leva a pensar sobre a característica referente ao campo dos quadros narcísicos – uma organização subjetiva que não tem seus parâmetros fornecidos pela sexualidade edípica e nem é norteadada pelo recalque. Nessa configuração subjetiva o corpo

será sentido como um eterno fardo que, por sua insistência em se expressar, joga sempre o sujeito em situações-limite de desamparo. Para evitar isso o sujeito pode tentar promover uma clivagem radical entre eu e corpo daí que a sensação de unidade dada pela conjunção eu/corpo é efêmera ou quase nula e a sensação de posse do corpo e de intimidade corporal inexistente. Essa falta de possessividade torna a percepção do corpo insuportável e qualquer sensação aí localizada um enigma a ser decifrado, um acontecimento inquietante que esses sujeitos parecem não estar preparados para lidar. São pessoas que, a não ser que estejam na posição de observadores do mundo, possuem pouca evidência de sua existência: a observação como a única coisa concreta, assim como a única ação a que podem se entregar sem receios.

Tornou-se truísmo afirmar que as questões ligadas ao corpo começam a tomar proeminência em nosso tempo. De fato o corpo na contemporaneidade parece ser o local preferencialmente atingido pelo sofrimento que não pode ser metabolizado de outra forma. Segundo Lima (2000), o aparelho psíquico tende a falência e a caotização por não dar conta da intensidade e do excesso a que está submetido no presente momento histórico e, como consequência dessa impossibilidade de orquestração simbólica, o corpo é atingido: “o corpo é assignificante, porém sempre presente e sempre atingido quando esse universo não pode ser compassado” (p. 237).

Fernandes (2002) afirma que o corpo vem tomando a frente como fonte de insatisfação, de sofrimento e de impedimento à potência fálico/narcísica passando a ser cada vez mais veículo de expressão da dor e do sofrimento, ao invés de veículo de satisfação pulsional. Sendo assim, há algo dessa imagem corporal que necessita ser recuperada e essa recuperação poderá se dar pelo olhar de um outro que confere ao corpo substância. Quer dizer, se o corpo está em cena, ele necessita ser nomeado, compreendido, delimitado.

As formações psicopatológicas atuais tendem a ser incluídas sob a denominação geral de patologias de *borda*, patologias *atuais* ou *contemporâneas* tanto pelo caráter epidêmico como a partir do papel dos modos hegemônicos de produção de subjetividade. Compreendemos que trabalhar o tema do narcisismo tornou-se questão emergente no sentido de elucidarmos o processo de subjetivação do homem contemporâneo. No domínio da clínica, nossa vocação nos coloca no lugar de um pesquisador muito particular que deve estar atento para refletir sobre todas essas questões singulares da cultura e, ao mesmo tempo, refletir sobre nós mesmos e nosso papel como profissional, ou seja, refletir o trabalho terapêutico que desenvolvemos e a teoria que o sustenta. Portanto, para explicar as manifestações do que se chama o sofrimento psíquico na atualidade pensamos que o retorno a Freud, no sentido de explorar suas premissas significativas e suas contribuições (assim como de autores pós-freudianos), nos coloca, com maior precisão, no caminho da nossa pesquisa. Mas, nesse dado contexto e para a construção de um perfil da subjetividade contemporânea não podemos nos esquecer que nossos interlocutores passaram a ser também os pesquisadores das ciências humanas e sociais.

O sujeito da psicanálise, o sujeito tal como formulado por Freud, está constituído por identificações diversas que implicam seus desejos, afetos e fantasias. Esse sujeito construirá sua subjetividade na relação com seus semelhantes, relação esta marcada historicamente por uma cultura que o perpassa e, também, pelo desamparo e pela sua condição de ser pulsional. Lembrando Pontalis (2005) quando expõe e pergunta: “é bem possível que a cultura do si-mesmo (e não mais o culto do eu) que se anuncia seja ela mesma um efeito desse processo. A que sucessão de ilusões perdidas vem ela suceder?” (p.262).

A contemporaneidade ampliou as possibilidades de um viver mais diversificado, mas por outro lado passou a expor o sujeito a um desamparo maior, uma solidão mais difícil de lidar. Contudo esta mesma cultura pode fornecer respostas possíveis para a busca de sentido que o homem faz de uma certa felicidade. Tais respostas positivas dependem de mutações diferenciadas que proporcionem novas formas de ser e de viver. Pensamos ser mister ressaltar que a mesma cultura contemporânea que privilegia as idolatrias e as imagens efêmeras em detrimento das formas mais vantajosas da linguagem apresenta, também, muitas possibilidades de estímulo à criação, podendo ser enfocada nas suas condições de se abrir para formas de subjetivação mais criativas.

É nosso intuito no percurso a ser empreendido refletir sobre certas questões a respeito do narcisismo e seu lugar na cultura e na clínica contemporânea. O tema do narcisismo, introduzido por Freud, inseriu a problemática do eu na teoria e na clínica, marcando um momento singular da estruturação psíquica; demonstra a importância do objeto na constituição do psiquismo e, por consequência, nas características da patologia e no percurso do processo analítico.

A psicanálise freudiana concebe o sujeito constituído em seu fundamento pela relação com o outro. A introdução do narcisismo esclarece a zona psíquica onde está marcada a importância desse outro e as consequências a que sua privação vai dar lugar, principalmente quando se tenta reconstruir uma história de amor mítico independente da realidade. Na condição de privação, o aparelho psíquico vai propiciar uma zona caracterizada por uma estrutura intrapsíquica do eu com o ideal, que resulta tanto em lugar de refúgio diante do poder do objeto, como também, de fonte de patologias (depressão, toxicomanias, anorexia,

bulimia, etc) quando a projeção do ideal intrapsíquico se situa num objeto exterior a que se concede um poder excessivo.

Percursos da pesquisa

Assumindo a teoria psicanalítica como referencial teórico, nosso objetivo é compreender o processo de constituição do sujeito num momento histórico pautado por uma crise de valores, de enfraquecimento das regras simbólicas e dos ideais. Entendemos que no contexto contemporâneo a resposta narcísica – a presença de um conflito cuja gênese não se encontra propriamente na sexualidade edípica – discutida pela psicanálise encontra-se concretizada e efetivada em diferentes graus de intensidade, desde as saídas mais regressivas e patológicas até as saídas mais organizadas e criativas, nas experiências diárias de cada sujeito. Vamos procurar compreender a metapsicologia subjacente a esse fenômeno, pois entendemos que a recuperação do significado do narcisismo pode nos indicar caminhos que nos possibilitem pensar o refortalecimento do indivíduo no sentido de ampliar sua autonomia, capacidade crítica e efetiva participação real. Em suma, repensar as ressonâncias da cultura – como crise cultural e moral – na estruturação psíquica do sujeito contemporâneo.

A origem de nosso trabalho encontra-se situada num entrelaçamento entre nossa prática clínica e a experiência de um momento histórico marcado por rápidas mudanças e transformações que podem possibilitar inseguranças e ambigüidades do sujeito. Apesar de não ser uma pesquisa exclusiva e direta a respeito da prática clínica compreendemos que sua presença permanece no fundo como forma de suporte para nossas reflexões, pois é no confronto clínico diário com nossos pacientes que nossa reflexão ganha corpo.

Julgamos que a relevância de nossa pesquisa reside não só no aspecto teórico de explanação e compreensão dos conceitos, como também no aspecto da prática clínica.

Concernente ao aspecto teórico, o estudo tem a pretensão de contribuir para a discussão teórica dos conceitos e suas conseqüências sobre o sofrimento psíquico dos sujeitos e, para a prática a clínica, no sentido de procurar estabelecer a sistematização de um encadeamento de idéias que possa sustentar sua prática.

A projeto está estruturado a partir de uma pesquisa bibliográfico-analítica dos textos de Freud e de trabalhos realizados no campo da psicanálise, da psicologia e da sociologia e, principalmente, em torno dos temas *narcisismo, corpo, psicanálise e cultura contemporânea*.

Com o objetivo de sistematizar nossa discussão estruturamos nosso trabalho em quatro capítulos como se segue:

No primeiro capítulo procuramos fazer um levantamento das características da contemporaneidade trazendo como contraponto o modelo da modernidade. Descrevemos sucintamente as condições do estabelecimento da modernidade e da contemporaneidade traçando um paralelo entre ambas e a cultura do narcisismo. Discorremos sobre o social e cultural contemporâneo de forma a nos ajudar a conjeturar o fato de que o momento atual não está exclusivamente marcado pela subjetividade neurótica, modelo paradigmático da modernidade. Destacamos a cultura do narcisismo como sinônimo de predomínio do sentimento de vazio, do desencorajamento à participação ativa na coletividade e das ligações mais profundas entre as pessoas. Analisamos o conjunto de transformações culturais às quais podem corresponder transformações psicológicas que marcam a constituição da individualidade e promoção dos modos de subjetivação.

No segundo capítulo tratamos do conceito de narcisismo e a subjacente estruturação psíquica do indivíduo na obra de Freud e teóricos contemporâneos. Damos ênfase aos primórdios do desenvolvimento infantil, a relação mãe/criança, fundamental para o desenvolvimento psíquico e social do sujeito. Ressaltamos que esta relação inicial está baseada na fusão mãe/criança sem haver, portanto, diferenciação eu-outro, consciência de limite e estruturação egóica, o que possibilita uma ilusão de auto suficiência e independência externas. A essa relação corresponde o conceito de narcisismo em Freud. Chamamos a atenção para o conceito de narcisismo primário como base para o relacionamento social e a comunicação amorosa. Evidenciamos que a vivência narcisista proporciona um sentimento de completude e segurança e um retorno do sujeito à ela nunca deixa de ser almejado. Damos atenção, ainda, às instâncias ideais e ao processo de identificação na formação da maturidade emocional.

No terceiro capítulo trabalhamos o conceito de corpo em psicanálise e sua relação com o modo de funcionamento psíquico buscando evidenciar como o corpo foi ganhando estatuto na clínica psicanalítica contemporânea e na cultura que a permeia. Procuramos ressaltar como o valor do corpo se destaca principalmente por propiciar um retorno a si na condição narcísica.

No quarto capítulo fazemos uma apresentação e reflexão a partir das idéias de teóricos psicanalíticos contemporâneos que têm no narcisismo uma maneira de pensar as patologias contemporâneas. Destacamos o pensamento de André Green e seu estudo sobre o narcisismo e as patologias de borda tão características do momento contemporâneo. A nossa

escolha pelo autor se apóia nas suas elaborações teóricas sobre a constituição do eu e sua articulação muito próxima a Freud. Green considera a lição de Freud mais real nos seus postulados e na sua probabilidade e mais aberta nas potencialidades. Para Green (2000) o correlato psíquico do sexual deve ser concebido na relação que rodeia, simultaneamente, o objeto e o alvo, construídos pelas duas faces da experiência: presença e ausência. Ele deixa sobressair que para Freud “esse caráter ocupa posição inaugural desde a realização alucinatória do desejo que é simultaneamente uma tentativa de reencontrar a satisfação ausente, quando do regresso da necessidade, pela criação de um objeto que é necessariamente idealizado sob a pressão da falta, fazendo sobressair o desamparo do sujeito a quem ele falta” (p.129). Green ressalta que a teoria freudiana considera o objeto como o elemento mais contingente, ou seja, o objeto é simultaneamente interno à construção pulsional. Neste sentido, para Green, a fecundidade da teoria freudiana vem do que nela se articula os pontos de vista intrapsíquico e intersubjetivo.

Por último apresentamos, resumidamente, à título de fechamento desse trabalho, os temas abordados procurando levantar algumas questões deixadas em aberto no decorrer da pesquisa e que pensamos serem pertinentes para novas investigações.

CAPÍTULO I

Cultura e subjetivação: metamorfoses contemporâneas

As Metamorfoses são o poema da rapidez, tudo deve seguir-se em ritmo acelerado, impor-se à imaginação, cada imagem deve sobrepor-se a uma outra imagem, adquirir evidência, dissolver-se. É o princípio do cinematógrafo; cada verso como cada fotograma deve ser pleno de estímulos visuais em movimento. O horror *vacui* domina tanto o espaço quanto o tempo. Ao longo de páginas e mais páginas todos os versos estão no presente, tudo acontece diante de nossos olhos [...]

Ítalo Calvino

É bastante complexa a relação entre modernidade e pós-modernidade no que se refere à separação valorativa dos conceitos, na medida em que parece não ter havido uma ruptura segura entre ambas. A maioria dos autores com os quais trabalhamos considera a possibilidade de prevalecer uma extensão de um momento para outro, uma passagem gradual na qual não se evidenciam marcos delimitatórios precisos. Contudo, a caracterização de alguns aspectos peculiares evidencia que, em alguns segmentos, a concepção de valores do ponto de vista moderno e do ponto de vista pós-moderno se faz notar.

A modernidade tem seu fundamento, num sentido bem amplo, nas instituições e modos de comportamento estabelecidos na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais tal a magnitude de seu impacto. A modernidade corresponde em grande parte ao mundo industrializado referente à dimensão do capitalismo tomado como sistema de produção e mercantilização. Pode ser creditado a esse período o progresso das nações capitalistas, principalmente nos séculos XIX e XX, progresso fundado na construção de grandes fábricas. Expandiram-se as metrópoles urbanas, consumando a família nuclear que

se instala agora em um local restrito, a casa ou apartamento individual, que abriga seus membros. Referente ao conhecimento científico, a modernidade faz seu fundamento na reflexão buscando um conhecimento que não é, *a priori*, circunstancial, mas constitutivo em suas etapas. É o conhecimento fundado na experiência no qual as afirmações da razão devem superar os dogmas da tradição.

Giddens (2002) define a modernidade como sendo “o contexto da consumada reflexividade que se refere à suscetibilidade da maioria da atividade social e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa à luz do novo conhecimento ou informações” (pág. 25). Contudo, ainda segundo o autor, “em relação ao conhecimento científico, tanto social quanto natural, a reflexividade da modernidade acaba por confundir as expectativas do pensamento iluminista, embora seja produto deste pensamento” (pág. 26).

Lipovetsky (2005) ressalta que a revolução cultural moderna tem início no final do século XIX, estendendo-se até meados do século XX e está caracterizada por uma verdadeira rebelião definida por um processo de negação não apenas das regras e valores da sociedade burguesa centrada no trabalho, na poupança, na moderação e no puritanismo de onde nasceu, mas, também, contra si mesma. O movimento revolucionário cultural moderno está, a princípio, restrito aos artistas e intelectuais, mas com o aparecimento do consumismo de massa, o hedonismo vai se tornar o comportamento usual da vida moderna. De acordo com Lipovetsky (2005) é o próprio capitalismo e não o modernismo artístico que vai ser o artesão principal da cultura hedonista: “O estilo de vida moderna resulta não apenas da mudança da sensibilidade impulsionada por artistas um século atrás, mas, também, e ainda com maior profundidade, das transformações do capitalismo há sessenta anos” (pág. 59).

Na esfera política Bauman (1998) acrescenta que o que tendia ser totalitário nos programas modernos era mais do que algo além da captação da ordem que eles prometiam. Era a determinação de não deixar nada ao acaso, desde a simplicidade das prescrições de limpeza até a meticulosidade com qualquer coisa que colidisse com o postulado da pureza.

Segundo o autor:

“A modernidade viveu num estado de permanente guerra à tradição, legitimada pelo anseio de coletivizar o destino humano num plano mais alto e novo, que substituísse a velha ordem remanescente por uma nova e melhor. Devia, portanto, purificar-se daqueles que ameaçavam voltar sua irreverência contra seus próprios princípios. Uma das mais inquietantes “impurezas” na versão moderna da pureza eram os revolucionários que eram nada mais do que entusiastas da modernidade (...) ansiosos por extrair da mensagem as lições mais radicais e estender o esforço de colocar em ordem além da fronteira do que o mecanismo de colocar em ordem podia sustentar” (Bauman, 1998,p26).

A modernidade, a partir das categorias que a ela estão relacionadas, pressupõe uma prevalência das relações dicotomizadas que procuram manter um diálogo entre si, mas que permanecem contidas cada qual em sua categoria, ou seja, sujeito/objeto, cultura/natureza, paixão/razão, afeto/linguagem, normal/anormal e tantas outras. Tais categorias propostas nessa forma procuram pela busca da ordem e da necessidade de classificar, purificar, unir, catalogar e universalizar, condição para poder ser absorvido e esclarecido pelo pensamento racional; e, por último, mas com a mesma importância, a busca de um elo comum que liga os processos.

Modernidade e pós-modernidade: uma linha tênue de separação

Autores que postulam que vivemos em uma época que supera a modernidade, dizem que pouco mais de meados do século XX, entre as décadas de 50 e 60, o pós-modernismo

começa a revelar suas características que, no entanto, já estavam sendo engendradas no momento anterior. Considera-se os movimentos da contra cultura e as revoluções estudantis acontecimentos típicos desses primórdios do pós-modernismo. Liberação do prazer, liberação sexual, liberação das drogas, aumento do comportamento agressivo (em todos os níveis: violência urbana, panfletagem, literatura, teatro) a cultura tende a se harmonizar ao redor de uma proposta libertária de prazer e sexo.

Santos (1986) observa que o ano de 1950, por convenção, encerra o período moderno. Ele subdivide os períodos da seguinte forma: as mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50, toma corpo com a arte pop nos anos 60, cresce ao entrar pela filosofia nos anos 70 como crítica da cultura ocidental e amadurece a partir dos anos 80 alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência.

Para a maioria dos autores consultados, as décadas de 50 e 60 são marcadas pelas ofensivas contra os valores puritanos e utilitaristas, mas é também o começo de uma cultura pós-moderna que é menos revolucionária do que a antecedente, uma cultura sem “inovação e audácia verdadeiras que se contenta em democratizar a lógica hedonista e a radicalizar a inclinação para privilegiar as tendências mais baixas em detrimento das mais nobres” (Lipovetsky, 2005 pág. 83).

De acordo com Sousa Santos (1998) o tempo presente é um tempo de transição em sincronia com muita coisa que está além ou aquém dele. Geralmente as fases de transição, revela o autor, são bastante profícuas, pois deixam perplexos os espíritos mais atentos fazendo com que se reflita sobre os fundamentos da sociedade vigente e da ordem científica

emergente. Sousa Santos (1995) sintetiza esse momento de transição e a passagem do contexto moderno para o pós-moderno no seguinte fragmento de texto:

“O paradigma cultural da modernidade constituiu-se antes de o modo de produção capitalista se ter tornado dominante e extinguir-se-á antes de este último deixar de ser dominante. A sua extinção é complexa porque é em parte um processo de superação e em parte um processo de obsolescência. É superação na medida em que a modernidade cumpriu algumas das suas promessas e, de resto, cumpriu-as em excesso. É obsolescência na medida em que a modernidade está irremediavelmente incapacitada de cumprir outras das suas promessas. Tanto o excesso no cumprimento de algumas das promessas como o déficit no cumprimento de outras são responsáveis pela situação presente, que se apresenta superficialmente como de vazio ou de crise, mas que é, a nível mais profundo, uma situação de transição. Como todas as transições são simultaneamente semicegas e semi-invisíveis, não é possível nomear adequadamente a presente situação. Por esta razão lhe tem sido dado o nome inadequado de pós-modernidade. Mas, à falta de melhor nome, é um nome autêntico na sua inadequação” (Sousa Santos, 1995, pp. 76-77).

Os momentos de transformação, segundo Viana (1999), são bastante ricos para uma análise psicossobiológica. De acordo com a autora,

“(…) as novas relações ainda não se configuraram em toda sua plenitude e as velhas relações ainda persistem, sem terem, entretanto, a mesma força que tinham no passado. É no confronto com as novas relações que as antigas mostram sua historicidade, isto é, seu caráter de algo transitório, que se modifica pela ação humana. Essa perspectiva mais geral não impede, antes pressupõe, buscar aprofundar o entendimento das não lineares relações entre os fenômenos de ordem subjetiva e o estruturar de um processo sociocultural” (Viana, 1999, p.13).

Ao examinarmos a proposta pós-moderna devemos ter em mente essa perspectiva de transitoriedade que nos fala Viana (1999) e a dimensão processual a qual localiza a noção de sujeito numa lógica mais ampla para que possa conter todas as dimensões nas quais o homem está inserido.

De acordo com os autores citados, em termos da pós-modernidade, o que deve ser valorizado, nesse contexto, não é a teoria acabada ou a produção de um conhecimento estanque, mas a busca de métodos que detectem as ligações e as articulações biopsicosociais. O universalismo e as leis gerais passam a não ter muito sentido, nessa emergente proposta pós-moderna, como objetivos principais a serem atingidos. O intuito é que possam surgir universos de discurso mais diversificados no qual o homem, nessa nova concepção, possa ter maiores chances de ser concebido como sistema aberto e integrado ao meio em que vive.

Sousa Santos (1998) observa que: “A natureza da revolução científica que atravessamos é estruturalmente diferente (...). Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico tem também de ser um paradigma social” (p.37). Nessa idéia a origem do conhecimento é a atividade prática e a ação humana. O homem passa a ser compreendido pela realidade de sua ação ante as alternativas concretas que enfrenta.

No final do século XIX e princípio do século XX a arte era considerada uma das condições revolucionárias da sociedade. O movimento de vanguarda se alinhava na posição fronteira com o intuito de abrir espaço para o novo. Na época atual, esse valor revolucionário e vanguardista da arte perde um pouco seu sentido, posto que o devir está na ordem do dia. Isto não significa que os movimentos vanguardistas tenham se erradicado por completo na época atual, mas o que parece ocorrer é o fato deles terem passado a perder sua virtude provocadora pela falta de ressonância da mesma. Na era contemporânea tudo parece ser mais rápido: o imediatismo toma conta dos movimentos. Segundo Lipovetsky (2005) a tensão entre os defensores do comportamento inovador e o público em geral fica diluída, pois o costume e a tradição não mais oferecem resistência e, como consequência, esse é o momento em que a

vanguarda não mais suscita indignação: “O pós-modernismo aparece como a democratização do hedonismo, a consagração generalizada do novo, o triunfo do antimoral e do anti institucionalismo e o fim do divórcio entre valores da esfera artística e o cotidiano” (pág. 83). Portanto, a cultura pós-moderna, segundo o autor, passa a designar o momento em que as pesquisas são inovadoras, e em que o prazer e o estímulo se tornam valores da vida comum.

O aspecto novo, caracteristicamente pós-moderno da diversidade dos nossos dias, parece resultar da dificuldade de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, ou seja, uma impossibilidade de achar uma forma de expressão da identidade que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício e a resultante necessidade de não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de que se possa revê-la se for necessário. Se por um lado isso gera uma falta de pontos de referência mais duradouros e fidedignos podendo, inclusive, gerar insegurança, por outro pode dar condições para a abertura, para o novo, o que caracterizaria um movimento mais criativo.

Sousa Santos (1998) sugere que na pós-modernidade o caráter autobiográfico e de auto referência é plenamente assumido, tendo um valor premente. De acordo com o autor:

“Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isto é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. A criação científica no paradigma emergente assume-se como próxima da criação literária ou artística, porque à semelhança destas pretende que a dimensão ativa da transformação do real (o escultor a trabalhar a pedra) seja subordinada à contemplação do resultado (a obra de arte)” (Sousa Santos, 1998,p.54).

De acordo com esses aspectos evidenciamos que o processo de constituição do mundo pós-moderno está em vigor. Como ressaltamos anteriormente e, de acordo com os autores citados, a passagem da modernidade para a pós-modernidade parece não se ter dado

de forma abrupta ou, como diz Sousa Santos (1995), rigorosamente ela pode nem se ter dado. Acreditamos, porém, que tal passagem, caracteriza-se por um prolongamento ou uma continuidade do processo anterior, mas com uma continuidade peculiar, fruto de um ajustamento das instâncias comprometidas. Como enfatiza Sousa Santos (1995): “A relação entre o moderno e o pós-moderno é uma relação contraditória. Não é de ruptura total como querem alguns, nem de linear continuidade como querem outros. É uma situação de transição em que há momentos de ruptura e momentos de continuidade” (p.103). De fato, parece não ter havido uma ruptura verdadeira com os valores e tendências modernas, mas um certo desencantamento, uma tendência ao desaquecimento e até uma apatia diante do imaginário revolucionário que foi a marca dos tempos modernos. O caráter vanguardista da modernidade parece ter dado lugar ao comportamento mais interiorizado e personalizado da pós-modernidade.

Subjetivação em tempos pós-modernos

A noção de sujeito nas ciências em geral é fruto da modernidade. A própria psicologia, supostamente a ciência que tem como objeto de estudo o homem, surgiu a partir do processo de individualização e identificação do sujeito como ser individual. Para Bezerra (1989), a emergência da questão da subjetividade nos primórdios do pensamento moderno não implica o aparecimento da questão do sujeito tal como hoje é pensada. A reflexão cartesiana do ‘penso, logo existo’, de acordo com sua observação, acentua mais o verbo e não o pronome, isto é, o sujeito da ação. Bezerra observa que a singularidade do eu não está em pauta e o que interessa ao pensamento moderno é a universalidade da consciência e a supremacia da atividade racional da qual o indivíduo concreto é suporte. Contudo, ressalta,

dois traços da concepção moderna de sujeito já estão presentes: o princípio da igualdade e o da liberdade. O caráter identitário da modernidade dizia respeito a como o sujeito deveria construir e manter uma mesma identidade ao longo de uma vida inteira. Essa condição acabava, muitas vezes, abortando ou despotencializando a sua criatividade subjetiva pela condição de renúncia imposta a ele, mas, por outro lado, podia lhe trazer uma certa segurança e estabilidade.

Nesse sentido, se a ética da modernidade é levada ao extremo, ocorre a cristalização do sujeito em uma identidade estanque que nega a possibilidade de que sua existência possa adquirir outras formas e, o grande desafio da subjetividade na pós-modernidade, seria o de resgatar a processualidade e a reversibilidade com o intuito de possibilitar a geração de novas categorias que não dependam das categorias universais abrindo, dessa maneira, a possibilidade para o aparecimento da mudança.

A subjetividade na pós-modernidade fala da condição de um sujeito referido num espaço e num tempo e deve ser entendida como expressões de como o ser humano é afetado pelo mundo sempre em mutação, ao mesmo tempo em que atua sobre ele numa condição dialética. Rolnik (1996) classifica a subjetividade pós-moderna como intrinsecamente processual ao dizer que “o homem contemporâneo vive uma intensificação da experiência da ruptura, ao mesmo tempo em que se encontra em plena transformação o modo como esta experiência o afeta” (p.13). Na consciência pós-moderna, segundo Gergen (1992), torna-se central a idéia de construção. De acordo com o autor, dá-se conta cada vez mais que, o que se é ou quem se é, não é somente resultado de uma essência pessoal, mas de como se é construído nos diversos espaços vivenciais.

Os acontecimentos, até mesmo os mais distantes no espaço, exercem uma influência muito próxima sobre os indivíduos deixando marcas sobre si. Na contemporaneidade a mídia com o desenvolvimento da comunicação de massa desempenha um papel central nesse processo, pois parece contribuir para fazer o mundo em que vivemos muito diferente, em certos aspectos específicos, daquele mundo habitado por nossos antecedentes, mesmo os mais próximos. Segundo Giddens (2002) o mundo contemporâneo é apocalíptico não porque se dirija à calamidade, mas porque introduz determinados riscos e novidades que as gerações anteriores não tiveram que conhecer e, conseqüentemente, enfrentar. Para o indivíduo, viver na pós-modernidade é viver num ambiente de oportunidade mas também de risco.

De acordo com Viana (s/d) “o desenvolvimento de perspectivas de estudos de modos e processos de subjetivação e singularização, em suas dimensões clínicas e culturais tem considerado que determinadas conjunturas históricas são decisivas para configurar rupturas/estruturações”(p. 08). Trata-se então de identificar o que foi sendo modificado nessa passagem do mundo moderno para o mundo contemporâneo nos campos individual, social e cultural que trouxeram alterações para o campo subjetivo findando por promover novos formatos referentes ao sofrimento humano e a própria subjetividade do sujeito.

A sociedade pós-moderna apresenta uma tendência mais voltada para a vida privada, para as relações pessoais, para a valorização do espaço da intimidade, dos interesses íntimos e para as necessidades pessoais urgentes, mesmo que essa necessidade seja promulgada pela sociedade de consumo. É uma volta para o mundo interno e, como conseqüência, para o superinvestimento do eu.

Sennett (1988) observa que no século XVIII os termos público e privado vieram a adquirir o sentido que têm hoje: público passa a ser identificado com o eleitorado e com as

áreas da vida abertas aos olhos de todos ou com o domínio do bem comum; e a esfera do privado tornou-se a área da vida especificamente excluída do domínio público. Ele ressalta, ainda, que nas formas sociais modernas o Estado e a sociedade civil se desenvolvem em conjunto e interligados: o Estado influenciando muitos aspectos do comportamento diário e a sociedade civil sendo estruturada como o “outro lado” da penetração do Estado na vida diária.

Anteriormente o espaço privado e a própria família não eram considerados o cerne do mundo social e psíquico como o é agora. Para Norbert Elias (1990) a condição do privado e as necessidades psicológicas associadas a ela, quase com certeza, surgem no rastro de uma separação relevante: a da infância e vida adulta. A tomada de consciência de que a infância é instância separada da vida adulta introduziu uma dimensão e uma experiência nova, ou seja, a demarcação da experiência do crescimento. Segundo Elias, a infância passa a ser oculta e domesticada fato que gera, como consequência, uma ocultação gradual de vários outros aspectos importantes da vida privada dentre eles a sexualidade que foi para trás dos bastidores. A sexualidade virou propriedade do indivíduo e, mais especificamente, de seu corpo.

Lasch (1979) ressalta que em função de um sentimento de incapacidade para controlar o ambiente social mais amplo, as pessoas na contemporaneidade, se retiram para as preocupações de caráter mais pessoal e íntimo na busca de um auto-aperfeiçoamento psíquico e corporal. Contra este pano de fundo as pessoas anseiam por segurança psíquica e bem estar. Para Lasch, o capitalismo, principalmente relacionado ao aspecto consumidor, com seus esforços de padronizar o consumo e formar os gostos pela propaganda, passa a desempenhar um papel básico na difusão deste tipo de comportamento que ele associa com o fenômeno do narcisismo. O consumo se apresenta como solução ao indivíduo, pela promessa de

proporcionar charme, beleza, popularidade e bem estar através do consumo “certo” de bens e serviços.

Uma das contribuições de Baudrillard (2005) para a discussão a respeito das categorias público e privado, na pós-modernidade, refere-se ao conceito, introduzido por ele, de personalização. Baseando sua análise na sociedade de consumo, Baudrillard pretende pensar o mito da igualdade/desigualdade na cultura contemporânea. Tal mito define a sociedade de consumo como sendo uma sociedade de desequilíbrio que preconiza o reequilíbrio a partir do estabelecimento de prioridades estabelecidas em função do bem comum e não de interesses particulares. Ocorre que essa mesma sociedade que preconiza tal atitude estabelece também que, na maioria das vezes, quando todos podem ter acesso aos bens desejados outros bens sejam criados de tal forma que apenas alguns privilegiados possam ter acesso a eles, privatizando em muito a questão. Dessa maneira, a estrutura do consumo seria formada pela posição relativa que cada indivíduo ocupa na hierarquia de acesso aos bens. A fórmula do consumismo é, de acordo com Baudrillard, individualizante e personalizante.

Subjetividade contemporânea, uma subjetividade narcísica?

Entendemos que cada época produz uma rede de saber e de subjetivação característica, reflexo das relações que o homem empreende consigo mesmo, com seus pares e inserido na cultura que lhe suporta. Conseqüentemente, cada época vai se encarregar de acolher manifestações subjetivas peculiares ao momento configurando um discurso próprio que a define e a identifica. Podemos considerar que a expressão do sujeito está também

marcada pelo contexto cultural que o mantém assim como, num movimento reversivo, esse sujeito também marcará o seu contexto.

Severiano (2001) sugere que a caracterização do narcisismo como fenômeno cultural e social contemporâneo expressa a emergência de um novo tipo de indivíduo social “profundamente marcado pelas rápidas transformações e tumultos sociais deste final de século revelando, assim, não uma ruptura abrupta com antigas formas de identidade e de socialização, mas tais transformações dizem respeito a processos sociais mais amplos, resultado de uma evolução a longo prazo da cultura” (p. 139).

Lasch (1979) trata, muitas vezes em seus trabalhos, a cultura contemporânea como sinônimo de cultura narcísica. Os seus estudos sobre o narcisismo das sociedades contemporâneas retomam a tradição do pensamento da Escola de Frankfurt. Para ele, o indivíduo norte americano (cultura estudada pelo autor mais detidamente) reproduz os padrões típicos de sua cultura cujos traços apresentam uma instigante afinidade eletiva com a sintomatologia da patologia narcísica, descrita pela psicanálise. Segundo Lasch, os sintomas seriam psicanaliticamente explicados pela dinâmica de um supereu punitivo e arcaico responsável pela socialização da reprodução e fabricante do homem narcísico. Para o autor, o homem narcísico descartou-se de seu ancestral puritano, moralista, reprimido e individualista para dar vez a um novo homem pretensamente liberado, permissivo e tolerante. Entretanto, diz Lasch, isso não significa respeito e aceitação do outro mas, sim, profunda indiferença para com tudo que não seja interesse exclusivo do próprio indivíduo, isto é, o narciso da época atual tornou-se intransigente e tirânico em relação a tudo e a todos que porventura possam opor-se à gratificação imediata de seus desejos. O homem, ressalta o autor, apesar de liberado da culpa religiosa que o mantinha atado nem por isto encontrou a paz; busca, dessa forma,

pela via ascética, a felicidade entrando no círculo vicioso da angústia pelo desempenho “sadio” do corpo e das relações autênticas.

Lasch (1979) cunhou a expressão “cultura do narcisismo” se referindo a um movimento atual para descrever exatamente um temor do sujeito pela velhice (castração) e morte. Para ele, o narcisista contemporâneo não olha para seu reflexo com a admiração esperada, mas busca incessantemente na imagem refletida pelo olhar do outro os sinais da imperfeição, da fadiga e da decadência. Neste sentido, para o autor, o narcisismo do homem contemporâneo é um narcisismo patológico fruto da institucionalização social que o distingue do narcisismo normal, componente indispensável do bom funcionamento de todo ser psíquico. De acordo com Lasch, a sociedade contemporânea é narcísica e o indivíduo nela inserido vive num paradoxo, ou seja, vive para si próprio sem se preocupar com suas tradições nem com sua posteridade e, no entanto, depende de outros para validar sua auto estima. Para Lasch (1987) a cultura atual organizada em torno do consumo imediato, estimula o narcisismo pois torna as pessoas frágeis e dependentes do olhar do outro, isto é, os indivíduos não conseguem viver plenamente sem a possibilidade de serem admirados. Isso, por sua vez, pode gerar em tal indivíduo um mal estar generalizado que contribui para seu sofrimento, completa o autor.

Lasch (1987) evidencia que a publicidade que antes se limitava a anunciar um determinado produto exaltando-lhe as qualidades, hoje fabrica seu próprio produto, o consumidor insatisfeito, ansioso e entediado. O autor desenvolve sua tese tentando provar que o indivíduo narcisista é a criatura fabricada pela violação capitalista daquilo que a família burguesa tradicional sempre quis preservar como sendo a essência de seu mundo. Para Lasch (1987), o narcisismo moderno é patológico porque se manifesta como uma necessidade de eu

regredido, submetido a um supereu arcaico e dominado pela pulsão de morte. Segundo o autor, essa seria a estrutura psicodinâmica do comportamento social do sujeito ansioso: voltado para o sexo e para o corpo, ávido de celebridade, frio afetivamente, invejoso e destrutivo nas relações amorosas e humanas em geral.

O narcisismo em Lasch (1979) não é dominado por uma rígida consciência internalizada ou pela culpa; ele está mais para um “caráter caótico levado por impulsos que necessita de muita admiração, mas se entrega pouco à intimidade” (p.74). O narcisismo é aqui retratado, sobretudo, como uma estratégia defensiva que é adaptativa em relação à natureza ameaçadora do mundo externo.

Lasch (1979) observa que o medo atual de envelhecer e de morrer faz parte de um narcisismo novo (neo-narcisismo). Segundo ele a permanente necessidade de ser admirado, valorizado pela beleza e pela celebridade tornam a perspectiva de envelhecimento intolerável. Diz o autor que o indivíduo está, desde sempre, numa posição de enfrentamento de sua condição mortal e, se antes possuía uma série de subterfúgios que podia utilizar contra essa angústia existencial, atualmente parece se encontrar sem direito a qualquer apoio transcendental seja ele de ordem política, religiosa ou moral. O resultado esperado, para ele, é o aumento de novas ideologias, ou seja, um apelo para a manutenção da juventude, para a moda e na conservação da identidade.

Olhando mais detidamente para a caracterização de Lasch, observamos que ele evidencia o caráter patológico do fenômeno do narcisismo que vê aparecer cada vez mais profusamente na vida cotidiana. A relação que ele passa a estabelecer entre o sujeito e a cultura diz respeito ao fato de considerar a cultura contemporânea uma cultura patogênica e o

indivíduo nela submerso um indivíduo narcísico, fruto dessa cultura. Para ele, portanto, a cultura tornaria os indivíduos portadores de traços patológicos.

Sennet (1988), anteriormente a Lasch, já havia atribuído o caráter narcísico das sociedades ocidentais e interpretado o fato como uma consequência da retração da esfera da sociabilidade pública. Na contemporaneidade o autor defende a tese de que o espaço público encolheu, ou mesmo, desapareceu sendo essa uma das prerrogativas para o surgimento do narcisismo condição que, para ele, não deve ser confundida com a idéia leiga de auto admiração. As pessoas procurariam no âmbito do privado o que lhes é negado na esfera pública buscando uma certa diferenciação na base do sentimento mais do que sobre o controle racional. Segundo Sennet (1988): “Hoje, a experiência impessoal parece sem sentido e a complexidade social uma ameaça que parece falar sobre o eu. Ajudar a defini-lo ou mudá-lo, tornou-se uma preocupação esmagadora” (p.395). Sennet ressalta, ainda, que os sintomas históricos predominantes na clínica freudiana do início do século passado tendem ao desaparecimento e em seu lugar surgem os distúrbios narcisistas de personalidade. No seu entender, isto se caracteriza por uma busca de definição interior de “quem sou” que provoca um mal estar contínuo que, no entanto, não leva o indivíduo a promover sua auto destruição.

Baudrillard (2005), ao estudar a teoria do consumo, destaca a existência de dois fenômenos contemporâneos importantes no estabelecimento da sociedade moderna: o consumismo e o narcisismo. Para Baudrillard o consumismo é, por excelência, individualizante, na medida em que toda propaganda moderna tem como primeiro mandamento a personalização do modismo consumista que faz com que o indivíduo, massificado e uniformizado, sinta-se único na posição que ocupa socialmente quando se apropria de determinados bens e objetos. Em Baudrillard o narcisismo contemporâneo é

analisado como sendo derivado da posição dada ao corpo na sociedade de consumo. Para ele, o corpo tornou-se objeto de consumo na sociedade atual: o indivíduo é repetidamente induzido a investir o próprio corpo de atenção e cuidados. Mas, segundo o autor, este investimento do corpo não representa uma abertura que daria vazão à sexualidade e aos desejos reprimidos. Baudrillard entende que a sexualidade é recalcada debaixo de um erotismo de fachada, espetacular e ruidoso na superfície, mas desvitalizado nas profundezas. O investimento no corpo, de acordo com Baudrillard, não significa investimento naquilo que ele tem ou pode vir a ter de singular e específico, ao contrário, o corpo de consumo é investido enquanto reflexo dos signos do sistema da moda que refletem os traços colocados no topo do prestígio social. Segundo o autor, este seria o narcisismo dos tempos modernos: um narcisismo dirigido para aquilo que no corpo do sujeito exprime sua vinculação e posicionamento na pirâmide de diferenciação social.

Para Lipovetsky (2005) o eu na contemporaneidade tende a ser superinvestido na tentativa de poder mostrar a “perfeição” para poder agradar, seduzir e ser amado. Temos então o mesmo paradoxo já mencionado em Lasch, ou seja, a emergência do eu particularizado e a necessidade da presença do olhar do outro que faz espelho para que esse eu possa sobreviver. Lipovetsky afirma que nossa época está caracterizada pela disseminação de um mal estar difuso, um sentimento de vazio interior e invasor característico de uma desestabilização narcísica.

Freire Costa (2003) tem uma posição um tanto quanto diferenciada dos autores precedentes. Para ele, a utilização do conceito de narcisismo como característica das subjetividades contemporâneas tornou-se confusa e problemática porque o conceito foi superestimado em seu potencial explicativo.

Freire Costa (2003) observa que o mal estar da cultura contemporânea não se explica por um excesso de narcisismo ligado à economia da experiência de satisfação. Para ele o narcisismo moderno é um narcisismo regenerador, isto é, o investimento no corpo seria uma forma encontrada pelo indivíduo para limitar os efeitos da sociedade de consumo sobre si. Em suas palavras:

“Tornando o corpo e o sexo objetos de consumo, o capitalismo moderno obrigou o indivíduo a adotar uma estratégia de sobrevivência narcísica que pouco tem a ver com o prazer e muito a ver com a dor. O indivíduo moderno é um indivíduo violentado antes de ser narcisista. É esta violência que explica seu narcisismo e as aparências patológicas que ele assume. Seu corpo e seu sexo monopolizam a libido objetal porque, como o órgão lesado ou hipocondríaco de Freud, tornaram-se fontes de sofrimento, dor e ameaça de morte para o eu” (Freire Costa, 2003, p. 224).

Para Freire Costa (2003) a condição narcísica do sujeito contemporâneo pode ser vista como defensiva e voltada para o investimento do corpo como proteção pelo fato de que o corpo tenha se tornado foco de sofrimento e ameaça de morte pela ação da violência. Isso faz, segundo ele, com que o indivíduo volte-se para si mesmo na esperança de superar o estado de privação em que seu corpo é socialmente mantido.

Podemos pensar que pela pressão imposta à conformidade dos valores na cultura contemporânea e a proliferação de um excesso de imagens, a singularidade do sujeito pode estar sendo ameaçada. Refletindo sobre o que os autores dizem a respeito do incremento do fenômeno narcísico no mundo contemporâneo nossa questão recai sobre os alicerces para seu surgimento e manutenção.

O indivíduo vive rodeado por um mundo de imagens das mais diversas tendendo a introjetá-las de uma forma maciça o que pode levar a duas conseqüências: encontrar dificuldade de eleição e escolha de uma imagem identificatória mais fidedigna ou, pelo

contrário, ficar refratário às imagens voltando-se para si num movimento centrípeto, característico de um movimento narcísico. De qualquer forma, em ambos os casos, há um enfraquecimento de sua soberania e vontade e uma possibilidade de sujeição aos desígnios desse ideal imposto. A esse propósito, Freud (1921) esclarece quando diferencia o processo de identificação e o de fascinação/servidão:

“É fácil agora definir a diferença entre a identificação e esse desenvolvimento tão extremo do estado de estar amando, que podem ser descritos como ‘fascinação’ ou ‘servidão’. No primeiro caso, o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, ‘introjetou’ o objeto em si próprio, como Ferenczi (1909) o expressa. No segundo caso empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto” (Freud, 1921,p.144).

Ribeiro (2000) observa que quando Freud fala desse estado de apaixonamento ou fascinação ele está falando do narcisismo, da identificação e da formação do eu. O empobrecimento do eu decorrente do estado de apaixonamento ou fascinação põe em evidência a importância do objeto na formação do eu, na impossibilidade de traçar um limite preciso entre ele (o objeto) e o eu, ou seja, “entre um eu que ainda não está constituído e um objeto que, por isso mesmo, não tem como ser percebido como tal” (2000, p. 67).

Podemos supor, por extensão, que é pois no âmbito do fascínio ou da servidão que o eu é mantido preso pelas imagens no mundo contemporâneo. Essa constatação nos mostra que as relações continuam a se manter, porém com um fluxo libidinal mais frágil na qual os objetos são investidos, mas de uma forma tão maciça (ou pelo contrário tão desapegada) que denota um empobrecimento do eu de acordo com a citação de Freud. E ainda, pelo valor da intrusão das imagens, o sujeito pode ficar como que embriagado ou enfastiado e tende a se desligar delas pela impossibilidade de sua assimilação, e assim o ciclo se repete: o excessivo

que gera o descarte e instala a falta. Se o objeto não for introjetado adequadamente, como diz Freud, a condição do eu se enriquecer é precária.

A cultura contemporânea tem sido anunciada como uma cultura da imagem, a própria “cultura do espetáculo”², na qual se privilegia a proliferação de imagens e *performances* de todos os tipos. A própria experiência humana contemporânea tem sido percebida e vivenciada como um mundo de imagens oscilantes em que é cada vez mais difícil diferenciar realidade e fantasia. A realidade parece, assim, coincidir com as imagens que dela se produzem. As imagens, como “reflexos no espelho”, podem ser elementos constituintes do sujeito e a mediação necessária para a sociabilidade humana. Contudo, parece que o sujeito contemporâneo tomado pelo excesso de imagens veiculadas talvez se tenha colocado na condição de espectador. Essa condição gera uma volta para si, um movimento de retorno ao eu, configurando o que os autores chamam de fenômeno da “cultura do narcisismo”³. Como salienta Severiano (2001), “[...] as atuais configurações culturais apresentam condições mais propícias para o desenvolvimento de uma dinâmica psíquica, individual e coletiva, fundada na expansão do narcisismo, do que no seu controle” (p.163). Poderíamos pensar o narcisismo contemporâneo a partir do incremento das imagens e de uma possível perda de valores de referência que sirvam mais consistentemente como modelos identificatórios.

Pensamos que se o indivíduo contemporâneo passa por momentos de falta ou descrença nos ideais coletivos ele, de fato, poderia tender a colocar em seu lugar imagens massificadas pela cultura e propaladas pela mídia representadas por promessas de beleza, bem estar e felicidade. Como se trata muitas vezes de simulacros o eu do indivíduo provavelmente

² Uma alusão à “sociedade do espetáculo” introduzida por Guy Debord (1967).

³ “Cultura do narcisismo” foi uma expressão cunhada por C. Lasch, mas que se tornou senso comum devido a grande utilização do termo por autores contemporâneos.

não irá encontrar a devida ressonância interna o que pode levá-lo a se sentir fracassado e, conseqüentemente, desconfortável por isso.

Freire Costa (2004a) salienta que encontramos na contemporaneidade um indivíduo que necessita buscar na exterioridade sua confirmação, mas pelo excesso de imagens é reconduzido a uma regressão defensiva do eu que acionada pelo medo do aniquilamento acaba por priorizar os funcionamentos defensivos do eu. Nessa mesma direção, para Lasch (1983), a valorização da técnica e a descrença em ideais coletivos privilegiam a emergência dos traços narcísicos contemporâneos, pois ao indivíduo, perdido em meio a um mundo caótico de imagens, só lhe resta retirar-se de qualquer satisfação que a coletividade poderia lhe oferecer e se dedicar à auto-referência de sua vida privada. Segundo o autor, um retorno ao mundo narcísico.

Severiano (2001) ressalta, a propósito da sociedade de consumo, que os ideais veiculados pela mídia não têm a intenção de satisfazer realmente os desejos por eles suscitados e que isso é justamente o que torna esse estado de busca narcísica permanente, que se resume por ser o próprio combustível do consumo. A autora acrescenta que apesar da frustração que isso gera, o sujeito não é levado à “reflexão crítica entre a realidade e as possibilidades de onipotência propostas”, pois “há sempre um fluxo incessante de sempre novos modelos-ideais para que a idealização seja permanentemente alimentada e o sujeito seja engolfado [...] pelos objetos” (p.160).

É importante fazermos algumas pontuações a respeito do diagnóstico relativo à cultura contemporânea e à subjetividade do indivíduo nela inserido, aludida pelos autores supracitados. Chama a atenção uma certa caracterização essencialmente passiva que os autores fazem do sujeito contemporâneo diante das forças sociais externas que são, via de

regra, consideradas esmagadoras: Sennett sustenta que a complexidade social nos dias de hoje representa uma ameaça impossível de manejar; Lasch, por seu lado, fala da questão da extrema adversidade social como aquilo que vai pautar a busca de estratégias de sobrevivência do indivíduo e Baudrillard fala da refração narcísica de traços coletivos sobre o indivíduo. Ressaltamos que, se por um lado nós podemos considerar que as instituições contemporâneas criam um mundo perigoso, ou difícil de conduzir, no qual as oportunidades são duvidosas e arriscadas, por outro lado nós também devemos observar que esse mundo não constitui um ambiente refratário a qualquer tipo de intervenção. Além disso, o indivíduo pode, de fato, aproveitar as possibilidades que lhe são oferecidas no ambiente social aumentando com isso a convivência com seus semelhantes e o cultivo de uma diversidade de interesses em geral. Sob muitos aspectos as condições de expansão na sociedade contemporânea permitem que os indivíduos se apropriem de formas criativas e inovadoras de suas vidas e de seus relacionamentos. De fato pode haver mesmo, utilizando um termo de Lasch, uma grande preocupação com a sobrevivência evidenciando-se uma subjetividade mais narcísica, mas isso não implica, necessariamente, uma fuga para o mundo fechado do eu, protótipo da condição do narcisismo patológico. Ao contrário, algumas reestruturações poderiam indicar abertura e envolvimento do indivíduo em seu meio. Evidenciamos que se uma parcela de indivíduos sofre demasiado com as condições dos excessos proclamados pelos padrões pós-modernos outros se beneficiam sobremaneira. Devemos levar seriamente em consideração tais aspectos, mas não devemos generalizar: essa mesma cultura que muitas vezes gera riscos e provoca o adoecimento, também estimula a criatividade e o avanço das idéias.

Giddens (2002), nesse sentido, fala que a expansão do espaço público e a possibilidade dos indivíduos de nele participarem pode aumentar com o amadurecimento das instituições. Como salienta o autor a condição privada é sem dúvida característica de grandes áreas da vida urbana pós-moderna conseqüência da dissolução do lugar e do aumento da mobilidade das pessoas, mas, por outro lado, as áreas urbanas também permitem o desenvolvimento de uma vida pública mais cosmopolita, uma vida diferente da que estava disponível em comunidades mais tradicionais e, em muitos momentos, mais rica em possibilidades para os indivíduos.

Contemporaneidade: vergonha ou culpa?

Uma das conseqüências psicológicas intrínsecas ao processo de estabelecimento de características peculiares à pós-modernidade e ao processo de subjetivação diz respeito a crescente predominância da vergonha sobre a culpa.

A culpa foi amplamente explorada em Freud, como podemos apreender na maior parte de seus textos, ocupando lugar importante em sua hipótese sobre o estabelecimento do processo civilizatório e o estabelecimento crescente do mal estar. Na literatura psicanalítica a culpa está relacionada, basicamente, à ansiedade produzida pelo temor à transgressão moral, uma contraposição ao modelo normativo. O aposto da culpa, nesse contexto, diz respeito à reparação e as coisas feitas e não feitas.

Classicamente, a culpa está referida aos sistemas modernos e é considerada uma forma de ansiedade que atinge importância máxima em tipos de sociedade onde o comportamento social é governado segundo preceitos morais mais rígidos. O modelo de civilização, na qual a culpa é fator predominante, é aquele no qual os preceitos morais estão

explicitados e a conseqüente renúncia ao desejo bem estabelecida. A sociedade freudiana, mais rígida e tradicional do início do século passado, representa bem esse padrão.

De acordo com Vertzman (2005) na culpa há uma convicção do pecado, mas tal convicção é vivida no âmbito privado do sujeito e, portanto, para sua ocorrência, não requer audiência. Pode-se, dessa forma, sofrer as agruras do sentimento de culpa sem que ninguém saiba o que se está passando.

Totem e tabu é o texto no qual Freud denuncia a presença do sentimento de culpa dos indivíduos contingente à cultura da sua época. Neste texto, e também no *O mal estar na civilização*, Freud usa o termo civilização num sentido amplo de organização social ou cultural que vai além do primitivo e, segundo ele, para que essa complexidade sobreviva estabelece-se uma crescente repressão e, conseqüentemente abre-se espaço para o surgimento da culpa. Para Freud (1930), a civilização é uma ordem social progressiva que implica em crescente complexidade e o preço a pagar por essa complexidade, assim como pelas realizações culturais que a vida civilizada torna possível, é a repressão. A civilização, segundo Freud, supõe a privação corporal porque os impulsos que de outra maneira poderiam levar a um investimento erótico desviado em direção a estranhos, ou a uma agressividade inaceitável em relação a eles, devem ser mantidos sob controle.

Mezan (1997) esclarece que o enigma da civilização freudiana repousa na satisfação das exigências pulsionais que esbarram na hostilidade. O indivíduo se vê obrigado, pela desproporção entre seus meios físicos e a violência da natureza, a associar-se a outro indivíduos impondo, assim, determinadas limitações à satisfação de suas pulsões. Mezan acrescenta que a organização social é uma arma de dois gumes; se por um lado faz a mediação entre a pulsão e seu objeto, por outro ela introduz entre ambos uma distância

sentida como peso intolerável pelo indivíduo. Desse modo, complementa Mezan, a vida em comum é complexa e fonte de satisfações, tanto quanto de frustrações. O autor observa ainda que a cultura é ameaçada, sobretudo, pelas tendências destrutivas, anti-sociais e anticulturais que nascem dos sacrifícios que a cultura impõe à organização pulsional de seus membros.

No texto *Moral sexual civilizada e a doença nervosa*, de 1908, Freud reflete sobre o antagonismo entre a civilização e a vida pulsional do sujeito. A hipótese freudiana formulada no texto, a partir da reflexão clínica era a de que a moral sexual civilizada do início do século XX trazia efeitos danosos à saúde dos indivíduos causados pelos sacrifícios exigidos às pessoas que, por fim, atingiriam a própria cultura. Um desses danos era o ‘nervosismo’ moderno em plena expansão. O fator apontado por Freud como central levava em conta a intensa repressão sexual e o rigor das normas de conduta sexuais. Freud acreditava que a cultura em sua época exercia uma influência prejudicial sobre o indivíduo pela repressão nociva da vida sexual através da moral sexual, levando os indivíduos à sofrerem de distúrbios neuróticos. Isso geraria, segundo ele, como consequência, a neurotização crescente da população. O que prevalece no texto de 1908 é a afirmação de Freud de que o fator sexual é essencial no aparecimento das neuroses e das psiconeuroses. O conflito formulado por Freud se dá entre a cultura e a sexualidade individual na medida em que a civilização e a sexualidade se opõem fundamentalmente.

Em *Totem e Tabu*, de 1913, Freud procura desenvolver as relações que estabelece entre a sexualidade e a civilização tentando especificar melhor a genealogia da cultura e dos interditos por ela impostos e seus reflexos na história das produções desejantes humanas. A partir da dupla fonte representada pela ambivalência e pelo tabu, Freud chega a sugerir uma solução para o problema da origem da moralidade. No texto Freud introduz a figura da morte

do pai primordial e o mito da horda primitiva a partir de uma visão neo-darwinista relativa aos paralelismos entre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos. No mito, o pai teria sido morto e devorado pelos irmãos expulsos que assim realizaram juntos o que não teria sido possível isoladamente. Ao devorar o pai os membros do clã se identificavam com ele apropriando-se de sua força. O sentimento de culpa aparece pelo remorso ao assassinato e o pai morto adquire mais poder do que em vida. Esse sistema figura, sobremaneira, a encarnação da moral e da culpa. No texto *O futuro de uma ilusão*, novamente Freud reitera que toda civilização repousa numa renúncia às pulsões. O fato de uma pulsão não poder ser satisfeita, segundo ele, é uma frustração e a norma pela qual essa frustração se estabelece é chamada de proibição e, a condição produzida por esta proibição, é chamada de privação.

No texto *O mal estar na civilização* Freud reputa em grande parte à civilização a causa da proliferação das neuroses. O homem, segundo Freud, apesar de obstinado pela civilização lhe imputa sentimentos hostis transformando-a em responsável por sua miséria. Um dos aspectos característicos da civilização, ou seja, a maneira pela qual os relacionamentos mútuos dos homens são regulados é, segundo Freud, difícil de ser avaliado no sentido de perceber aquilo que é civilizado em geral. O elemento da civilização entra em cena para regular esses relacionamentos o que, muitas vezes, causa revolta dos indivíduos por eles considerarem as regras injustas. A civilização, segundo Freud, não consegue regulamentar adequadamente as relações dos homens entre si sem causar-lhes grandes dissabores aumentando sua hostilidade, pois ela imputa aos homens grandes sacrifícios na forma de restrição às pulsões.

Em Freud aprendemos que a civilização se constrói sobre uma renúncia às pulsões, renúncia esta que impõe grandes sacrifícios à sexualidade e à agressividade do homem. De

acordo com seu pensamento, os prazeres da vida civilizada vêm num pacote fechado que contém também os sofrimentos e a insatisfação com o mal estar. Segundo Freud, “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (1930, p.137). Os mal estares desse homem possivelmente resultavam do excesso de ordem ao qual havia se submetido e que lhe gerou, conseqüentemente, uma escassez de liberdade.

Podemos entender que vista por esse ângulo a civilização pode ser considerada um empreendimento moral, de tal forma que a agressividade reprimida por ela, em conjunto com as pulsões também reprimidas, são canalizados de volta para o eu na forma de uma consciência moral. De acordo com Freud (1930) a civilização e um forte supereu andam juntos e a culpa, em seu entendimento, seria um dos problemas mais importantes no desenvolvimento da civilização. O preço que os homens pagam pelo avanço da civilização, segundo ele, seria uma perda parcial do sentimento de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa.

Toda essa afirmação aludida acima tem sentido ao fazermos a conexão repressão, culpa e consciência moral. Seria a culpa também um atributo da pós-modernidade? E o que dizer dessa conexão num mundo em que a permissividade moral e a exposição do sujeito está mais presente?

De acordo com Giddens (2002) se descartarmos o teorema segundo o qual mais civilização implica em mais culpa podemos ver as coisas sob uma luz diferente, ou seja, o movimento característico da pós-modernidade, em termos da experiência individual, tem sido de afastamento em relação à culpa. Ainda, segundo o autor, quanto mais se rompem as amarras da tradição mais surge um projeto do eu e tanto mais a dinâmica da vergonha, por

oposição à da culpa, vem ocupar o centro da cena. Giddens observa, porém, que na pós-modernidade os mecanismos de culpa ainda continuam importantes, mesmo que com menor intensidade.

Nas questões relativas à subjetividade a vergonha tem encontrado um lugar relevante na constituição do sujeito contemporâneo. A vergonha tem origem tão cedo quanto a culpa, pois é estimulada por experiências nas quais os sentimentos de inadequação ou humilhação são provocados, sentimentos esses relacionados à vivências muito primitivas, antes mesmo do estabelecimento da linguagem no indivíduo. Baseia-se igualmente em sanções externas, mas é uma emoção advinda de uma reação frente à avaliação crítica de outras pessoas.

De acordo com Galimberti (2004) a palavra vergonha provém de *vereor gognam* que significa “temo a berlinda, a minha exposição pública” (p.96); envergonhar-se é um verbo reflexivo que direciona para uma reflexão, para uma relação do sujeito com ele mesmo da qual não existe motivo para se envergonhar; deve-se observar também que é um verbo que fala da exposição do sujeito aos outros.

Alguns autores afirmam que enquanto a culpa diz respeito a uma relação com o mundo privado, ou a um estado privado, a vergonha é pública. Mas, independente de seu caráter, ambas se relacionam às figuras introjetadas. O caráter público da vergonha diz respeito aos sinais visíveis de sua manifestação, ou seja, se apresenta de uma forma clara, visível e persistente. A vergonha é visível ao outro ou pelo menos quem a sente a percebe dessa forma. O próprio enrubescer mostra ao outro supostamente aquilo que vai dentro do sujeito, algo que ele não consegue esconder. A vergonha como manifestação é visível e aparente, ou seja, é um afeto profundo que os sinais visíveis para os outros fazem disparar. A

vergonha remete basicamente a sentimentos de insuficiência pessoal e pode ser entendida em relação aos aspectos de integridade do eu do sujeito, enquanto a culpa parece derivar de sentimentos de se ter agido de forma contrária à norma.

Vertzman (2005) sintetiza as características da vergonha em três tempos. O primeiro tempo refere-se a uma externalização da avaliação moral seguida, num segundo momento, por uma impossibilidade de reparação por meio da confissão e marcado, no terceiro, pela contundente e expressiva presença do olhar do outro. Segundo o autor, a vergonha vai sempre gerar uma sensação de inadequação no sujeito.

Apesar de ter sido pouco explorada pela literatura psicanalítica o tema da vergonha está presente em diversos momentos da obra de Freud, mas em nenhum texto em particular como no caso da culpa. Ao longo da obra freudiana a vergonha aparece ligada à sexualidade e articulada com o recalçamento, com o pudor, ao olhar de um outro que vai evidenciar a nudez. Está ligada também ao rubor denunciando o que seria insuportável para o eu no mostrar-se ao outro e se evidenciaria pela impossibilidade de poder esconder o que o corpo mostra e que escapa à censura do eu. Essas duas formas de vergonha estão articuladas com a noção de recalque⁴ seja na relação com o outro, seja na relação com as instâncias ideais. Uma outra concepção de vergonha, em Freud, parece ser de ordem narcísica e aponta para a insuficiência: vergonha de estar aquém das exigências e na qual as pessoas se envergonham de suas incapacidades e incompetências.

A compreensão do mecanismo da vergonha é importante elemento para nos ajudar a entender a subjetividade narcísica da pós-modernidade. A vergonha tem suas raízes no

⁴ Recalque e repressão são ambos os termos tradução correspondente ao termo alemão *Verdrängung*. O verbo *Verdrängen* remete a uma sensação de incomodo que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda. Mas, apesar de ser afastado, tal material permanece junto ao sujeito, pressionando pelo retorno e exigindo a mobilização de esforço para mantê-lo longe (Hanns, 1996)

ambiente arcaico do eu e deriva basicamente do fato do indivíduo sentir não ser capaz de viver as expectativas que fazem parte do eu ideal. A vergonha tende a aparecer sempre que uma meta não foi alcançada e a sensação do sujeito é de incompetência por não conseguir realizar algo que era esperado dele e, ainda, a conseqüente sensação de ter sido desvendado o seu segredo. A vergonha vai indicar uma limitação, uma incapacidade de fazer algo que seria esperado pelo outro. Dessa forma, em seus mecanismos psíquicos, parece que podemos relacionar a vergonha ao narcisismo.

Segundo Galimberti (2004) nosso pudor é uma tentativa de manter a própria subjetividade por estarmos expostos demais ao outro, ao olhar do outro. A necessidade do pudor, ou melhor, manter a intimidade, se conjuga com a discrição, no sentido de que “se estar em intimidade com alguém significa estar irremediavelmente nas mãos do outro, é preciso sermos discretos na intimidade, não revelando, por inteiro, o próprio íntimo, a fim de que não se dilua aquele mistério que, revelado internamente, extingue não apenas a fonte do fascínio, mas também o recinto de nossa identidade que, a partir daquele momento, não está mais disponível nem sequer para nós” (p. 94), observa o autor. Mas, segundo Galimberti, a nossa sociedade contemporânea deseja a publicação do privado, exige que as mercadorias sejam expostas e, dentre elas o homem o qual somente tem a sensação de existir se se coloca à mostra. Para o autor o mundo contemporâneo se tornou uma “mostra”, uma exposição.

Green (1988) faz uma importante correlação entre vergonha e narcisismo. Segundo ele uma das características da vergonha no universo do narcisismo é a de participar na construção da imagem narcísica e, ao mesmo tempo, colocá-la em contato com o meio social, portanto, permanentemente em tensão. Por esta razão, salienta o autor, a vergonha desempenha uma função ética não podendo ser descartada sem as devidas conseqüências

psíquicas e sociais. Ao contrário do que ocorre na culpa quando se supõe que o outro que está avaliando nossas atitudes é hostil, na vergonha a opinião do outro pode ser neutra ou indiferente, ou seja, o que importa na vergonha não é tanto o que o sujeito atribui ao outro, mas o que ele sentiria se estivesse no lugar do outro. Ao nos tornarmos “ex-postos” ou seja, “postos para fora”, a nossa identidade está fora de nós, naquilo que é dito de nós, naquilo que é visto de nós. Quem não tem nada para mostrar, um corpo, uma habilidade, uma mensagem vai deixar à mostra sua própria intimidade.

Um dos signos da contemporaneidade tem sido uma maior tendência à exposição principalmente da intimidade. Esta exposição que é estimulada e, algumas vezes até mesmo valorizada, deixa à mostra tanto a eficiência como a ineficiência do sujeito. O espaço público contemporâneo tem feito apelos de exibição ao sujeito para que ele apareça e se mostre. O sujeito fica assim a mercê do olhar do outro e se sentindo cada vez mais avaliado e até mais devassado. Por isso talvez possamos supor que na contemporaneidade uma ocorrência de questões relacionadas ao estabelecimento da vergonha esteja também em voga e seja transformada em sintoma. Se pensarmos a cultura contemporânea como a cultura em que a predominância da imagem é bastante clara faz todo sentido a prevalência dos sentimentos de vergonha sobre os sentimentos de culpa.

Nesse contexto, portanto, uma espécie de mal estar que tende a se instalar se traduz principalmente pela forma de atuação de cada sujeito e pelo desafio que é lançado pelo momento histórico que vivemos. É nosso intuito na seqüência buscar na teoria freudiana os fundamentos para o entendimento desse sujeito em pauta. Iniciamos por uma compreensão do narcisismo como categoria conceitual pela necessidade de um esclarecimento teórico que nos permita refletir sobre seu impacto na vida psíquica do sujeito.

CAPÍTULO II

Narcisismo, as instâncias ideais e a identificação: questões metapsicológicas

“Tirésias, cuja grande fama se espalhara pelas cidades de Aônia, dava respostas infalíveis às pessoas que o consultavam. A primeira a experimentar a veracidade de suas palavras foi a cerúlea Liriope. Que outrora o Cefiso enlaçara nas curvas de seu curso, e, uma vez presa violentara. Belíssima, engravidou-se e deu à luz um filho, já então digno de ser amado pelas ninfas, a quem chamou Narciso. Consultado a seu respeito, se o menino viveria muito, se teria uma velhice prolongada, o adivinho respondeu: “Se não se conhecer”. Por muito tempo as palavras do augure pareceram destituídas de sentido. Mostraram o seu acerto a maneira com que se desenrolaram os acontecimentos, o modo como morreu Narciso e a estranheza de sua loucura. (...). Havia uma fonte de água muito pura, brilhante e prateada (...). Ali, o adolescente cansado pelo esforço da caça e pelo calor, estendeu-se no chão, atraído pelo aspecto do lugar e pela fonte. Mas, logo que procura saciar a sede, uma outra sede surge dentro dele. Enquanto bebe, arrebatado pela imagem de sua beleza que vê, apaixona-se por um reflexo sem substância, toma por corpo o que não passa de uma sombra. (...). Deseja a si mesmo, em sua ignorância (...). Oh! Se eu pudesse separar-me do meu próprio corpo! (...) E já o sofrimento abate o meu vigor, não me resta mais muito tempo a viver e me extingo na flor da idade. A morte não me assusta (...). Para aquele que amo desejaria que vivesse mais. agora exalaremos juntos o último suspiro”

As metamorfoses
Ovídio

O foco da presente análise reside na compreensão metapsicológica do fenômeno do narcisismo como categoria conceitual freudiana e suas relações com a estruturação do eu e a formação dos ideais. O nosso interesse específico no aprofundamento do narcisismo toma duas direções distintas, mas convergentes. A primeira consiste em buscar compreender a repercussão e a crescente difusão do fenômeno no espaço de vida contemporâneo, é o estudo

do narcisismo pela via da cultura; a segunda se dá na medida da observação da crescente difusão do conceito como sinônimo não só de tipologia, mas também de patologia típica de nossa época atual: o narcisismo visto pela ótica da clínica psicanalítica contemporânea. Nosso objetivo no presente capítulo é o de compreender as imbricações metapsicológicas do conceito, tais como concebidas por Freud e alguns de seus seguidores.

Muito embora o narcisismo não tenha sido formulado por Freud como uma teoria, seus estudos abriram para uma compreensão aprofundada do psiquismo mais primitivo pelo entendimento do lugar essencial que sua elaboração ocupa no processo de separação/individuação da criança pequena em relação ao adulto (André, 1996). O estudo de Freud sobre o narcisismo introduz, também, os conceitos de eu ideal e ideal do eu, traz uma nova distinção entre libido do eu e libido do objeto, além de esclarecimentos sobre as relações de objeto.

Green (2001b) enfatiza que anterior a introdução do narcisismo, Freud não encontrava a maneira de falar adequadamente do objeto, vez que ele se vê tomado entre sua subestimação na perversão e sua superestimação no enamoramento. De acordo com Green porém, Freud já havia feito um retorno à questão do objeto anterior à introdução do narcisismo na teoria, mas esse retorno se produz de todos os modos sob os auspícios de uma problemática narcisista: o luto e suas relações com a melancolia. Para o autor, ainda que o narcisismo não tenha sido mais do que uma breve especulação de Freud, sempre se pode afirmar que esta especulação teve a vantagem considerável de obrigá-lo a reavaliar suas concepções sobre o objeto, e isto é o fato teórico principal dos anos que vão de 1914 à 1920, período de latência para a introdução da pulsão de morte. Freud, segundo Green, se aproveitará para diversificar consideravelmente as vicissitudes do objeto, pelo recurso de

situá-las de maneira mais rigorosa em relação com as vicissitudes das pulsões. Não obstante, a despeito de elaborações teóricas de considerável interesse (natureza narcisista da angústia hipocondríaca, regressão narcisista do eu na psicose, identificação do eu com o objeto perdido na melancolia, invenção do supereu e do ideal do eu, etc.) parece que Freud experimentou sempre certa reticência para insistir demasiadamente no objeto, como se temesse encontrar-se tomado por essa alternativa.

Em Freud (1914) o narcisismo é definido como um estágio no desenvolvimento da libido entre o auto-erotismo e o amor objetal, sendo que o caráter fragmentário e parcial do auto-erotismo contrasta com os aspectos da crescente unificação do narcisismo. Nesse sentido, para Freud, o desenvolvimento humano se efetua em decorrência de determinados processos sucessivos de identificação - primárias e secundárias - que faz com que o indivíduo vá se distanciando da reunião simbiótica com o objeto. Freud fala da importância do narcisismo no texto dizendo que “a observação também nos indicou que talvez esta libido, que podemos designar de narcisismo, abranja um campo bem mais vasto do que o das perversões, e mais, que se poderia atribuir a ela um importante papel no desenvolvimento normal do ser humano” (Freud, 1914,p. 97).

Se partirmos da formulação freudiana de que o fortalecimento e desenvolvimento do eu se dá em direção a uma emancipação e afastamento da instância narcísica primitiva base de todo o processo, chegaremos a que a individuação se daria pelo afastamento do objeto e pela instauração da alteridade. Conforme o proposto por Freud inicialmente, o narcisismo é concebido enquanto uma dimensão estruturante do psiquismo. Contudo, Pontalis (2005) nos apresenta uma reflexão importante à respeito do narcisismo e sua relação com o eu. Ressalta o autor que: “O narcisismo não é uma fase nem um modo específico de investimento, é uma

posição, um componente insuperável e permanente do sujeito humano. Das funções mais intelectuais (o pensamento) ou mais objetivas (a percepção do real) aos comportamentos mais próximos do instinto (comer), todos trazem sua marca”(p.184).

A leitura de algumas obras nas quais Freud desenvolve o conceito de narcisismo nos aponta a necessidade de proceder a uma abordagem da evolução do conceito até 1914 para que se possa apreender as dificuldades que foram se apresentando, no sentido de se acercar do objeto em questão, dificuldades que pensamos estarem relacionadas com o processo de estruturação do sujeito psíquico.

A evolução do conceito de narcisismo em Freud até 1914

O principal trabalho de Freud sobre o conceito de narcisismo é *À guisa de introdução ao narcisismo* de 1914. Em anos anteriores, porém, a elaboração do conceito já estava sendo preparada. A maioria dos autores concorda que a aparição do termo narcisismo se dá, em Freud, pela primeira vez em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, de 1910, no qual Freud formará a hipótese do narcisismo, designando o homossexualismo como um determinado tipo de escolha narcísica de objeto e dando relevância à introjeção das figuras parentais na formação da identidade sexual. Green (1988), contudo, defende que o texto precursor e menos reconhecido sobre o narcisismo é *O homem dos ratos*, escrito no ano de 1909. Seguindo a cronologia sugerida por Green o conceito de narcisismo vai aparecer primeiramente no texto de 1909, em seguida em 1910 em dois textos, *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* e *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. Também no *Caso Schreber*, de 1911, a escolha narcísica de objeto aparece claramente, passando o narcisismo a ocupar uma posição de destaque na teoria pulsional. Finalmente, e

antes do texto de 1914, o narcisismo surge em *Totem e tabu*, de 1913, no qual Freud dá destaque ao conceito de narcisismo como estrutura onto e filogenética. O estudo do narcisismo por esta via, em *Totem e Tabu*, permite a Freud estabelecer analogias entre o primitivo, a criança e as psiconeuroses.

Retrocedendo um pouco mais, em nota de rodapé⁵ à segunda edição dos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), datada de 1910⁶, também aparece explicitamente a atenção ao problema do narcisismo. Freud aí se refere à eleição narcísica de objeto dos homossexuais descrevendo a maneira como o adulto, geralmente a mãe, lida com a criança. Diz ele que o bebê no início de sua vida é impulsionado para a busca de um objeto (mãe) que lhe proporcione a satisfação de suas necessidades essenciais tais como os cuidados com seu corpo, amparo, calor, amor e leite. Freud chama tais pulsões de pulsões de autoconservação, pois servem unicamente para a preservação da vida do recém nascido. Distingue estas das posteriores pulsões sexuais que aparecem num segundo momento e que se tornam independentes e se destinam a satisfazer os desejos libidinais. O seio, segundo Freud, é o recurso inicial de manutenção e preservação do indivíduo e proporciona prazer corporal na medida que provê o alimento, mas ao mesmo tempo se erotiza na sua própria capacidade de fonte de prazer. De acordo com Freud, a experiência de sugar o seio materno obtendo com isto satisfação pela ingestão do leite e saciação da fome é a primeira e vital atividade da criança. Em princípio o prazer é nutricional, no sentido de que há uma função básica de satisfação da necessidade de alimento da criança e, posteriormente, há o desligamento da função nutricional passando para a função de satisfação sexual que passa a estar desligada da

⁵ Esta nota é contemporânea ao artigo *Leonardo e uma lembrança de sua infância* que trata do tema do homossexualismo.

⁶ Em nota de rodapé à pagina 82 do Vol. XII das EBS, o editor remete o leitor aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Vol VII, p.147, a respeito de nota de rodapé acrescentada em 1910 e que trata do narcisismo.

necessidade nutricional. Nesse trecho vemos claramente como Freud vai introduzindo a questão da libidinização do eu sobre as funções de autoconservação.

Voltando à cronologia, observamos que em *Leonardo e uma lembrança de sua infância* (1910a) o narcisismo aparece como um tipo de escolha objetal. Neste texto Freud faz menção explícita ao mito de Narciso:

“Depois deste estágio preliminar, estabelece-se uma transformação cujo mecanismo conhecemos, mas cujas forças determinantes ainda não compreendemos. O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama a medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome” (Freud, 1910a,p.92).

Em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, o *Caso Schreber* (1911a), Freud traz a primeira exposição razoavelmente elaborada do narcisismo como um estágio do desenvolvimento da libido interposto entre o auto-erotismo e o amor objetal. O narcisismo, neste sentido, é considerado uma fase evolutiva da vida psíquica do indivíduo. Numa passagem esclarecedora sobre o caso, Freud aponta:

“Pesquisas recentes” [referindo-se a pesquisas feitas por Sadger e por ele mesmo, Freud] “dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo,

como objeto amoroso, sendo apenas subseqüentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. Essa fase equidistante entre o auto-erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente; mas parece que muitas de suas características são por elas transportadas para os estádios posteriores de seu desenvolvimento” (Freud, 1911a, pp. 82-83).

Esse trecho do texto mostra que a libido retirada dos objetos retrocede ao eu próprio do indivíduo. Mas, se ela retrocede é porque dali procedeu, donde talvez possamos concluir que o eu seria o primeiro objeto a ser investido pelas pulsões sexuais. Tal estado constitui, por definição, a etapa narcisista (Mezan, 1997). Fica claro nessa passagem o caráter disperso do auto-erotismo e a função unificadora do narcisismo. Outro aspecto importante a ser ressaltado desse trecho é o referente a longa permanência de muitas pessoas nesse estágio do desenvolvimento. Freud diz que esse estágio considerado etapa normal no desenvolvimento pode se caracterizar, em algumas pessoas, por uma certa fixação fazendo com que estas pessoas transportem características dessa fase para outras fases posteriores. O trecho dá idéia de que pessoas fixadas nessa fase do narcisismo passam a funcionar, posteriormente, de acordo com determinadas características desta fase, a saber, tomam a si, seu próprio corpo, como objeto de amor.

Em *Totem e tabu*, de 1913, Freud trata da relação entre o narcisismo e a onipotência do pensamento em seguimento à sua descoberta anterior pela análise do *Homem dos Ratos* (1909). Em *Totem e tabu*, na terceira parte do texto, Freud menciona a descoberta de um estágio inaugural de unificação dos componentes pulsionais pelo intermédio da instituição do próprio eu como objeto da libido. Esta é uma referência ao narcisismo para explicar a onipotência do pensamento dos homens primitivos, cuja referência vai aparecer no texto de 1914. Com relação à *Totem e tabu*, Ribeiro (2000) chama a atenção para um trecho em que

Freud coloca a existência de uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor de objeto. Ribeiro sustenta que esta introdução de uma terceira fase insere uma separação no auto-erotismo fazendo com que Freud comece a pensar em dois tipos de ‘si mesmo’. Nas palavras de Ribeiro:

“É como se Freud tivesse sido compelido a pensar dois tipos de ‘si mesmo’: um auto-erótico, em que por exemplo, o seio da mãe e o polegar da criança são indiscriminadamente tomados como alguma coisa de ‘auto’ sem que esse ‘auto’ implique a existência de um eu unificado capaz de auto-referir-se; e um outro, narcísico, em que o corpo unificado da criança (ou o corpo unificado e fálico de um ‘semelhante’) é tomado como objeto por um eu psíquico (transposição metafórica do eu corporal) também unificado. Este segundo ‘si mesmo’, insistimos, parece ser cuidadosa e surpreendentemente mantido a distância das primeiras relações objetivas, vale dizer, a distância da mãe, tomada como primeiro objeto de amor”(Ribeiro, 2000,p.30).

Feito esse percurso histórico-conceitual em Freud vamos seguir pela conceituação de narcisismo e em seguida pela análise do ensaio de 1914, *À guisa de introdução ao narcisismo*. O texto de 1914 será examinado mais detalhadamente, pois consideramos ser este o texto mais importante e completo sobre o narcisismo em Freud. Sua importância reside na abordagem do conceito tanto nas perversões e nas psicoses quanto nas dimensões normais de desenvolvimento de todo indivíduo: na vida corrente, nas relações afetivas, nos ideais e também na psicologia coletiva. Pensamos ser, portanto, este texto merecedor de maior atenção.

A categoria conceitual narcisismo

Na psicanálise, o processo pelo qual o indivíduo assume a imagem de seu corpo próprio como sua e se identifica com ela dizendo “eu sou essa imagem” chama-se narcisismo.

O narcisismo trata do processo de constituição do eu, instância que em Freud não existe desde o nascimento, devendo-se constituir no momento em que o eu se identifica com a imagem de seu corpo, imagem que assume como sua e, mais ainda, como sendo ele próprio. O narcisismo se origina do retorno dos investimentos objetais em direção ao eu. Refere-se a um fenômeno segundo o qual um indivíduo elege a si próprio como objeto de amor: “A libido retirada do mundo exterior foi redirecionada ao eu, dando origem a um comportamento que podemos chamar de narcisismo” (Freud, 1914, p.98).

Para Green (1988) o narcisismo foi visto inicialmente por Freud como uma aquisição que permaneceu pertinente e esclarecedora, mas, posteriormente, Freud veio afirmar que esta pertinência era ilusória, pois conduzia a uma concepção monista do eu. De tal forma, segundo Green, o narcisismo foi perdendo cada vez mais terreno nos escritos freudianos na medida em que foi ascendendo o conceito de pulsão de morte, que faz sua aparição em *Além do princípio do prazer*. Green se refere a isto dizendo:

“Não serão as pulsões sexuais, mas as pulsões de vida que se oporão às pulsões de morte. O que parece ser apenas uma nuance tem inúmeras conseqüências, pois frente ao espectro da morte, o único adversário à altura é Eros, figura metafórica de vida. O que esta nova denominação reagrupa? A soma das pulsões anteriormente descritas que agora se encontram reunidas sob uma mesma denominação única: as pulsões de autoconservação, as pulsões sexuais, a libido objetal e o narcisismo” (Green, 1988, p.11).

O que Green ressalta, nesta citação, é que todos estes elementos passaram a estar reunidos em uma nova função, a defesa e a realização da vida em Eros contra os efeitos devastadores da pulsão de morte. Para o autor, uma outra razão para o esquecimento do narcisismo na obra de Freud, e também em seus discípulos, foi a criação da segunda tópica que pressupunha uma reavaliação do eu. Green alude ao fato de que poderia ter havido uma

retomada dos problemas inicialmente colocados pelo narcisismo, agora vistos pela teoria da segunda tópica e da última teoria das pulsões, mas isso não ocorreu. O resultado é que o narcisismo, na obra de Freud, ficou restrito ao campo das neuroses narcísicas, e unicamente à melancolia que, apesar de ser mantida sob a jurisdição do narcisismo, era descrita também como expressão de uma cultura de morte.

Ribeiro (2000) fornece o percurso da conceituação do termo narcisismo discorrendo que a identificação, o narcisismo e o homossexualismo são temas correlatos que com frequência ocuparam o centro das atenções dos primeiros psicanalistas no início do século XX. Ribeiro evidencia que o conceito de narcisismo em Freud, termo este tomado de P. Näcke, passa por uma série de formulações e discussões, principalmente com um de seus discípulos, I. Sadger, considerado o responsável pela introdução dos três temas: identificação, narcisismo e homossexualismo no círculo de Freud. Foi Sadger, segundo Ribeiro, quem introduziu uma ligação estreita entre os termos narcisismo e homossexualismo, retomando a questão da bissexualidade num artigo cujo tema do narcisismo é abordado a partir da relação entre a admiração da criança pela mãe e a identificação que surge desta admiração, associando três elementos: narcisismo, amor objetal e identificação precoce.

Contudo, ressalta Ribeiro, Freud e Sadger divergem no sentido de que, para Sadger, a identificação da criança com a mãe é contemporânea dos primeiros investimentos de objeto e para Freud teria havido uma fase inicial totalmente dominada pela ligação libidinal com a mãe, ligação esta que não comportaria vínculos identificatórios e que seria, posteriormente, transformada em identificação com o objeto e em investimentos de outros objetos anteriormente colocados em posição de rivalidade. Dessa forma, segundo Ribeiro, a teorização de Sadger sobre o narcisismo aponta para a identificação precoce com a mãe no

centro, sendo que tal concepção está afastada em Freud e, talvez, represente o primeiro passo rumo a uma concepção anobjetal do narcisismo primário em Freud, narcisismo sem objeto.

Freud definirá como narcísica a libido retirada do mundo exterior e depositada no eu. Mas isto não se dá de forma unívoca como pode parecer a primeira vista. De fato, o narcisismo é interpretado por Freud como um passo necessário do desenvolvimento entre o auto-erotismo e o amor objetal rumo à concepção de um eu unificado.

Neste sentido, Freud formula duas questões. A primeira questão diz respeito à relação entre narcisismo e auto-erotismo, a qual responde da seguinte forma:

“É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o eu precisa antes ser desenvolvido. Todavia as pulsões auto eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao auto erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo” (Freud, 1914, p. 99).

Freud parece estar falando aqui de uma unificação das pulsões que se encontram dispersas. Acrescenta ainda, que “uma unidade comparável ao ego” não existe desde o começo; para isso, o auto-erotismo, caracterizado por um funcionamento anárquico e fragmentado da sexualidade, sofre uma “nova ação psíquica” capaz de unificá-la em torno de um determinado objeto. Nesse artigo de 1914, o narcisismo não é colocado por Freud como sendo primário, vez que está precedido pelo auto-erotismo. Qual seria então o estatuto desse último? Seria dado desde o início? Seria ele primário? Freud parece sugerir que isso ocorre de fato, embora tenha feito referência anteriormente, nos *Três Ensaio*s, ao fato de que há, inicialmente, uma relação da criança com o seio materno, objeto que seria perdido posteriormente havendo uma retração da libido em torno de si; somente a partir daí é que se converteria em sexualidade auto-erótica.

De acordo com Mezan (1997), o narcisismo irá constituir o primeiro momento de unificação das pulsões até então dispersas pelos órgãos porque consiste no investimento do eu por parte delas. Tal investimento, segundo o autor, configura esta “nova ação psíquica” que lhe dá nascimento e que implica uma primeira ruptura da continuidade mãe/criança, passo necessário à constituição do eu: um esboço de eu e um núcleo de objeto tem aqui sua semente lançada.

A segunda questão de Freud diz da diferenciação entre libido sexual e energia não sexual pertencente às pulsões do eu, ao admitir para o eu um investimento primário libidinal. Em contraposição a Jung, Freud vai insistir na necessidade de se preservar a divisão da energia psíquica em duas vertentes completamente distintas: a libido sexual e a energia não sexual das pulsões do eu. A introdução do conceito de narcisismo faz a distinção de uma libido do eu e uma libido objetal. Com esta introdução do conceito de narcisismo as pulsões do eu continuam a ser as de autoconservação e sua energia, de origem não sexual e, por outro lado, as pulsões sexuais traçam seu caminho partindo do auto-erotismo para o amor objetal, mas detendo-se por um momento no corpo próprio do indivíduo, não mais como soma de zonas erógenas parciais, mas como conjunto organizado como totalidade formando o conceito de eu.

É importante observar a concepção de que o eu é investido primeiramente de libido e de que somente uma parte dessa libido é repassada posteriormente aos objetos, porém permanecendo a outra parte da libido retida no eu. Nas palavras de Freud (1914) “o que nos saltou a vista foram as emanções dessa libido, os investimentos objetais que podem ser lançados aos objetos e recolhidos de novo” (p.99).

Nesses termos, Mezan (2001) esclarece que “a explicação mais clara a respeito das componentes libidinais do eu parece-nos ser (...): o eu possui suas próprias pulsões, cuja energia é denominada ‘interesse’, e que se alinham sob a rubrica das pulsões de autoconservação; quando ele se converte no objeto sexual de si mesmo, tal fenômeno é designado com o termo de ‘narcisismo’ e se trata de um processo intrinsecamente sexual, como o revela o qualitativo de libido sexual” (p. 163). O que nos leva a crer que a fonte e objeto da libido são tomados inicialmente sobre o corpo próprio do indivíduo nos primórdios da formação do eu.

Laplanche e Pontalis (1983) afirmam que com a elaboração da segunda tópica, a concepção de um narcisismo puramente ligado ao objeto passa a não ter mais sentido. Freud vai propor a existência de um estado narcísico primitivo, ao qual ele dá o nome de narcisismo primário. Este narcisismo primário seria caracterizado pela ausência de relações com o meio e por uma indiferenciação entre o eu e o outro, cujo protótipo estaria no estado de sono. Mas, segundo Laplanche e Pontalis (1983), a idéia de um narcisismo por identificação com o outro não é totalmente abandonada, sendo este narcisismo denominado por Freud, narcisismo secundário, posto que se trata de um investimento retirado dos objetos e revertido para o eu. Os autores mostram que a noção de narcisismo primário, em Freud e seguidores é mais complexa e sujeita a diversas variações, ao passo que, a de narcisismo secundário encontra mais coerência e levanta menos discussões. A dificuldade com o narcisismo primário repousa no fato de que parece difícil conceber uma relação anobjetal pura, isto é, de que não tenha havido a percepção da presença do objeto, pelo bebê, desde o início. Esta ausência total do objeto parece possível ser pensada somente em termos hipotéticos e não em termos reais. A solução para o impasse encontramos em Freud, no texto de 1914, quando alarga o conceito de

narcisismo primário até torná-lo uma fase precoce, necessária no desenvolvimento ao lado do auto-erotismo, das pulsões parciais e da escolha do objeto.

Aspectos metapsicológicos do narcisismo

Freud considera a questão da descoberta da escolha narcisista de objeto a razão mais forte para aceitar a hipótese do narcisismo. Desta forma, o eu não seria mais um representante apenas dos interesses de conservação do indivíduo, ele também seria permeado pelo erotismo. Esta foi talvez a maior importância teórica do conceito de narcisismo para a concepção psicanalítica do eu, ou seja, o fato do eu se constituir como objeto libidinalmente investido e não apenas um representante dos interesses da autoconservação, como postulado na primeira teoria freudiana das pulsões.

O que aparece no artigo de 1914 é o fato de que o ser humano sente um fascínio por si mesmo, com uma certa facilidade, desde o início da vida psíquica. Ao colocar a ênfase sobre o amor de si mesmo, Freud parece se dirigir cada vez mais rumo a uma concepção do narcisismo dominada pela idéia de um fechamento em si mesmo. Num trecho de seu artigo Freud observa que:

“Assim chegamos à concepção de que originalmente o eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo essencialmente, a libido permanece retida no eu. Poderíamos dizer que ela se relaciona com os investimentos realizados nos objetos de modo análogo àquele com que o corpo de um protozoário se relaciona com os pseudópodos que projeta em direção aos objetos” (1914, p.99).

Com esta metáfora do protozoário Freud parece querer dizer que o exterior, neste momento a mãe ou seu substituto, é uma posse exclusiva do bebê e também sua extensão.

No texto de 1914 Freud estabelece de forma consistente os fundamentos metapsicológicos de sua concepção de narcisismo, fazendo referência explícita a Jung contestando, inclusive, seu desafio. A premissa básica do texto parece recair à tomada do corpo próprio como objeto libidinal. Num primeiro momento Freud traça uma evolução nomeando o auto-erotismo e, em seguida, o narcisismo primário, postulando este último como sendo uma etapa evolutiva que sucede a anterior. Posteriormente em seu pensamento ambas as denominações vão ficar superpostas e igualadas entre si. No narcisismo primário, em Freud, há uma indiferenciação entre o eu e a realidade exterior (metáfora do protozoário aludida acima) porque nessas condições tudo é uma posse exclusiva dele mesmo.

Narcisismo primário e secundário

A determinação do narcisismo primário nesse texto de 1914 trouxe uma questão bastante polêmica para a psicanálise uma vez que antes da elaboração da segunda tópica, Freud considera o lugar do narcisismo primário entre o auto-erotismo primitivo e o amor de objeto aparecendo como contemporâneo ao surgimento de uma primeira unificação do sujeito. Após a segunda tópica, porém, Freud suprime a distinção entre auto-erotismo e narcisismo exprimindo com o termo narcisismo primário um primeiro estado de vida, anterior mesmo à constituição de um eu.

Magalhães (2004) chama a atenção para uma outra questão polêmica referente ao narcisismo primário que diz respeito à sua condição de estado anobjetal. De acordo com a autora, caso esse estado fosse encerrado em si mesmo não haveria como poder se estruturar representações da experiência de separação e de alteridade, que são cada vez mais evidentes com o passar do tempo. Diz Magalhães que “tanto o desejo de ter um filho, como a realização

da célula narcisista acontecem em relação a um terceiro, podendo este ser repudiado (forcluído), renegado, reprimido ou desejado. Na célula narcisista a mãe representa o que se passa ao filho. As representações, identificações, por sua natureza, são a presença de uma ausência” (p. 58). O narcisismo primário, portanto, dá a referência do lugar do sujeito que é consequência de um projeto que o antecede.

A análise teórica do narcisismo primário, tal como foi colocado após a segunda tópica freudiana, nos mostra que na relação inicial mãe/bebê não se trata de uma ausência de relação com o objeto, mas que este contato se dá através de uma estreita interdependência entre a mãe e a criança que garante uma unicidade inicial e constitui uma primeiríssima forma de relação com o outro e com o mundo, relação esta que subsiste de forma remanescente em todos nós. Desta relação não se pode exatamente falar de um dentro/fora, sujeito/objeto. Mas, talvez se possa supor que, do ponto de vista do bebê (se houver!) e do ponto de vista da mãe, seja uma relação especial marcada pela presença de dois em um, não totalmente separados e nem totalmente amalgados. Portanto, quando Freud fala em narcisismo primário como uma fase na qual a libido está dirigida para si mesmo e na qual há uma ausência de relação com objeto, podemos pensar como se aí já existisse, em algum nível, uma relação de objeto incipiente. Dessa forma podemos entender o narcisismo primário não como um período de ausência total de contato, mas de contato total da unidade mãe/criança pressupondo rudimentos de uma primeira forma de relação simbiótica entre o eu do sujeito e o objeto. Isso nos autoriza a pensar a idéia de narcisismo não como uma ausência total de contato com o objeto, anobjetal, no qual a criança estaria fechada em si, mas como um princípio de contato, incipiente sim, mas precursor da relação de objeto total que vai se constituir posteriormente. De acordo com isso talvez possamos supor o narcisismo como um fenômeno que comporta

em si uma primeira forma de comunicação amorosa, portanto já considerado um fenômeno social, responsável pela posterior capacidade de desenvolver plenamente um amor objetal.

Quanto ao narcisismo secundário, este diz respeito a uma espécie de refluxo da energia pulsional que, após ter investido os objetos externos, sofre um desenvolvimento libidinal e retorna a seu lugar original, o eu próprio. Tal retorno se dá frente a condições variadas nas quais o indivíduo se encontra, que passa do medo até a decepção com o objeto. Vemos nessa referência um sentido de proteção do eu, uma forma de fechamento com o intuito de preservar uma certa identidade.

A retirada dos investimentos do mundo exterior

Na análise da primeira parte do texto de 1914, Freud faz referência às “parafrenias”, modernamente concebidas como psicoses que englobam a paranóia e a esquizofrenia, para explicar o fenômeno do narcisismo, no sentido da retirada dos investimentos no mundo exterior. Essas patologias evidenciam o fenômeno da perda de interesse a tudo que diga respeito ao mundo exterior. Nesses casos, o que ocorre é um exagero e uma distorção no campo do patológico, mas que pode ser utilizado para entender o fenômeno também quando pensamos na dimensão neurótica. Teoricamente, a perda de interesse no mundo exterior diz respeito a uma concentração desse interesse sobre a própria pessoa. No caso dos parafrênicos, segundo Freud, o modo com que eles se afastam do mundo exterior faz com que se tornem inacessíveis à influência da psicanálise sendo, portanto, inacessíveis à cura. No caso do neurótico, diz Freud, o indivíduo de algum modo, também suspendeu seus vínculos com as pessoas e as coisas, mas ainda as conserva na fantasia. O indivíduo ao retirar o investimento do objeto, redireciona esta libido ao eu dando origem ao fenômeno do

narcisismo. A retirada do interesse dessas pessoas pelo mundo externo não configura, segundo Freud, uma atitude perversa, mas uma defesa do eu ligada à necessidade de sobrevivência do indivíduo, em função da autoconservação, de tal forma havendo um reinvestimento no eu da libido retirada dos objetos.

Na segunda parte do texto de 1914, Freud torna evidente alguns outros caminhos: a observação da doença orgânica, a hipocondria e a vida amorosa entre as pessoas. Com respeito à doença orgânica Freud observa que, para os termos próprios da teoria da libido, o doente recolhe seus investimentos libidinais para o eu e torna a enviá-los após a cura. Nesse caso diz ele, “tanto a libido quanto o interesse do eu tem o mesmo destino e são, mais uma vez, indiferenciáveis entre si” (1914, p.104).

Quanto à hipocondria, de acordo com Freud, esta se comporta como doença orgânica: “O hipocondríaco recolhe o interesse e a libido - esta última de modo especialmente nítido - dos objetos do mundo exterior e os concentra sobre o órgão do qual está se ocupando” (1914, p.104). Nesse caso, segundo Freud, há uma diferença entre a hipocondria e a doença orgânica, pois nesta as sensações desagradáveis calcam-se sobre alterações comprováveis e naquela não. Freud explica que na hipocondria estaríamos lidando com uma erogeneidade que emana de uma parte do corpo e envia estímulos sexuais em direção à vida psíquica, em analogia à concepção de localização de zonas erógenas no corpo que substituem os órgãos genitais e se comportam de maneira análoga a eles. Freud faz uma comparação entre a hipocondria e as parafrenias de um lado e as neuroses do outro dizendo:

“Se a hipocondria e a parafrenia dependem, portanto, da libido do eu, as outras neuroses dependem da libido objetual(...). Além disto, já estamos familiarizados com a idéia de que nas neuroses de transferência o mecanismo do adoecimento e da formação de sintomas – a passagem da introversão para a regressão – se vincula um represamento da libido objetual, e

analogamente podemos imaginar que também os fenômenos da hipocondria e da parafrenia ocorra um represamento da libido do eu” (1914, p.105).

No trecho, Freud está falando de quantidade de libido e de represamento da libido e seus efeitos no adoecimento do indivíduo ao comparar as parafrenias com a hipocondria constatando, sobretudo, a necessidade do aparelho psíquico em lidar com as excitações para que estas não se tornem dolorosas ou provocadores de efeitos patogênicos.

A terceira via de acesso ao narcisismo Freud encontra na vida amorosa. É importante ressaltar a forma como Freud enfoca a maneira como a criança vai fazendo suas escolhas objetais. Ele deixa claro que a criança toma seus objetos sexuais a partir de suas primeiras experiências de satisfação sexual auto-erótica vivida em conexão com funções vitais que servem ao propósito de autoconservação: “As pulsões sexuais apóiam-se, a princípio, no processo de satisfação das pulsões do eu para veicularem-se, e só mais tarde tornam-se independentes delas” (1914, p.107). No trecho podemos destacar que aqueles que se envolvem nos cuidados com a criança vão se tornar seus primeiros objetos sexuais e que apesar de distintas, as pulsões sexuais a princípio vão se apoiar nas pulsões do eu. Freud afirma ainda que “o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a pessoa que dele cuida, e com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto” (1914, p.108).

Freud diz que, de maneira geral, a opção narcisista faz com que a pessoa ame segundo o que ela é (a si mesma), o que ela foi, o que ela gostaria de ser, uma parte de si tomada independente. Do interesse que o indivíduo tem de seu próprio corpo, diz ele, orienta-se para um objeto exterior semelhante a ele, ou seja, homossexual. Esta etapa será ou não

superada pela escolha heterossexual, segundo as condições da vida libidinal: o estímulo e a inibição. No caso de prevalecer a escolha heterossexual, as tendências homossexuais se unirão às pulsões do eu, contribuindo com um elemento libidinal para as relações de camaradagem, amizade e outras da série social. É a busca da diferença que vai propiciar o alcance do objeto de tal forma que ele passe a pertencer ao dinamismo sexual.

Esse movimento para a eleição objetal narcisista, movimento da libido em direção às relações objetais, na qual o critério de escolha dos objetos segue o modelo do eu da pessoa, ou seja, buscar no outro o que ela foi, é ou gostaria de ser constitui-se num dos caminhos apontados por Freud para o desenvolvimento do eu.

Narcisismo e sexualidade

Inicialmente, na teoria psicanalítica anterior à introdução do conceito de narcisismo, o eu está definido como sendo a sede das pulsões de autoconservação. O eu nesse esquema proposto é o pólo do aparelho psíquico interessado em manter a vida e sua segurança.

A teoria psicanalítica anterior ao narcisismo não trás uma elaboração consistente acerca da concepção do eu a partir de uma perspectiva que levasse em conta o pulsional. O eu tinha lugar marcado, era considerado inato, voltado para a manutenção da vida, oposto ao sexual, que estaria voltado mais para o prazer do que para a vida e sua conservação. Desta forma, as pulsões do eu, pulsões de autoconservação, estariam colocadas em oposição às pulsões sexuais.

Segundo Green (1988), o advento do narcisismo na teoria e no pensamento freudiano não só foi um marco, mas também um parêntese. Antes dele foram as pulsões de autoconservação e depois dele as pulsões de morte. Com a introdução do conceito de

narcisismo surge claramente no pensamento de Freud a libidinização das pulsões do eu até então destinadas a autoconservação. Segundo Green, para Freud foi um salto decisivo levar a sexualidade ao seio do eu quando este último parecia, numa primeira abordagem, escapar à sua influência.

A primeira teoria das pulsões aparece como um esboço em Freud nos *Três ensaios* (1905) e, já neste texto, Freud desautoriza a apreensão da sexualidade apenas como função psicofísica de conservação da espécie. Em artigo posterior, *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910b), Freud explicita de fato a primeira teoria das pulsões. A dualidade trazida por ele evidencia de um lado as pulsões sexuais ou libido e, de outro, as pulsões do eu ou de autoconservação:

“Nossa atenção foi atraída para a importância dos instintos na vida ideacional. Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que tem por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego”⁷ (Freud, 1910b, p. 199).

Neste momento da teoria, concernente ao eu, a pulsão de autoconservação poderia perfeitamente tratar-se de instinto, porquanto se ligaria ao biológico enquanto que, no que se refere à sexualidade em Freud, já poderíamos falar de pulsão como segue em seu texto:

“A luz projetada pela psicologia sobre a evolução de nossa civilização mostrou-nos que ela se origina, principalmente, à custa dos instintos sexuais componentes e que estes têm

⁷ Em Nota do editor parece ter sido esta a primeira vez que Freud emprega o termo ‘instinto do ego’: “Foi neste texto que pela primeira vez empregou o termo ‘instintos do ego’, identificou-os, explicitamente, com os instintos de autopreservação e atribuiu-lhes papel vital na função da repressão” (1910, p. 195).

de ser suprimidos, restringidos, transformados e dirigidos para objetivos mais elevados, a fim de que se possam estabelecer as construções psíquicas da civilização. Conseguimos reconhecer como um resultado valioso destas pesquisas algo que nossos colegas ainda não estão prontos para aceitar, isto é, que os padecimentos humanos conhecidos como ‘neuroses’ se derivam das maneiras muito diversas em que esses processos de transformação dos instintos sexuais podem malograr. O ego sente-se ameaçado pelas exigências dos instintos sexuais e os desvia através de repressões; estas, no entanto, nem sempre produzem o resultado esperado, mas levam à formação de substitutos perigosos para o reprimido e a reações incômodas por parte do ego. Dessas duas classes de fenômenos, tomadas como um todo, emergem o que chamamos os sintomas da neurose” (Freud, 1910b, p. 201).

Observamos no trecho como Freud vai apontando para a impossibilidade de se pensar o sexual como integrando funções do eu, posto que dualiza, de um lado o eu e sua autoconservação e, de outro, o sexual que não faz parte do eu. Contudo Freud, aos poucos, vai dando ao eu um tratamento diferente na medida de sua teorização acerca do narcisismo. Portanto, se a teoria psicanalítica anterior ao narcisismo não traz uma elaboração consistente acerca da concepção do eu a partir de uma perspectiva que levasse em conta o pulsional e, se o eu era considerado inato e voltado apenas para a manutenção da vida, oposto ao sexual e voltado para o prazer, a teoria do narcisismo veio exatamente reverter essa construção teórica.

O conceito de narcisismo introduz na teoria freudiana a sexualidade no eu. O narcisismo é a inclusão do eu na teoria da libido e no circuito do discurso da psicanálise ou, como coloca Birman (1999), “a descoberta do narcisismo implicou justamente a erotização do eu” (p.41).

O narcisismo implica o reconhecimento do eu a partir da imagem do corpo que é investida pelo outro, os pais por exemplo, e introduz o indivíduo na relação com um outro que é não eu. O narcisismo, para a teoria do eu, é a passagem do que diz respeito à

autoconservação ou necessidade básica, para o amor, a libido, ficando o eu inserido numa dialética de reconhecimento que vai além da conservação da vida e preservação da espécie. Introduzir o narcisismo na teoria das pulsões implica fazer com que as pulsões tomem o eu como objeto de investimento, o que se dá pela erotização do próprio corpo.

Após a introdução do narcisismo na teoria Freud vai alterar o seu esquema pulsional e vai postular a existência de uma só pulsão, a pulsão sexual, a libido, de tal forma que temos: no primeiro esquema pulsional as pulsões sexuais e as pulsões do eu (autoconservação) e no segundo esquema libido (pulsões sexuais) do eu (narcísica) e libido (pulsões sexuais) do objeto (objetal). Nesse novo esquema o eu aparece como uma das possíveis localizações da libido. O eu passa a ser também objeto da pulsão sexual tanto quanto os demais objetos, só que de maneira um tanto quanto diferenciada, a qual Freud dá o nome de libido narcísica.

Esse investimento diferenciado que se faz sobre o corpo próprio, isso que Freud concebeu denominar de libido narcísica, Lacan concebe como sendo o estágio do espelho, num artigo homônimo, que data do início de sua obra. O narcisismo, ou o investimento na imagem do próprio corpo é, nas palavras de Lacan, “o limiar do mundo visível” (1949/1998), o que significa, para ele, que anterior ao narcisismo não há investimento objetal possível. Da mesma forma, o narcisismo é condição necessária para as relações de objeto, uma vez que para ter relação com um outro que seja não-eu, deve existir um eu que lhe faça contraponto.

Podemos observar na seqüência como isso se dá de acordo com Lacan e Freud. Nos primórdios da vida o que impera para o bebê é a indiferenciação. A criança encontra-se, nesse primeiro momento, num estado anterior ao do narcisismo primário, e só mais tarde irá se estruturar numa organização de relação com o objeto. Esta passagem se daria em etapas: num primeiro momento, não haveria a determinação de sujeito, nem de objeto, que seriam partes

representantes de um mesmo “*continuum*” (Mezan, 1997, p.363). Numa etapa seguinte, seria formada uma outra representação: a do próprio eu e a do seio/mãe como separados marcando o início da diferenciação sujeito/objeto. Essa condição seria possível pela existência da mãe/seio, pela sua condição de facilitadora do processo, e pela sua presença, mesmo que muito incipiente, de objeto. Todo este processo teria como conseqüência a ruptura do *continuum* mãe/criança, que é a base para a constituição da relação de objeto e o estabelecimento da individuação/diferenciação da criança.

A possibilidade de ruptura desse *continuum* remete à segunda tópica freudiana na qual Freud (1923) pensa o eu como essencialmente corporal. Para Freud há um sentimento de corpo que sustentaria a continuidade de cada um e seria a base para a constituição do si mesmo. Na sua célebre frase: “O eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal: não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio, a projeção de uma superfície” (1923, p.40), Freud coloca em evidência o papel fundamental do corpo na formação do eu.

Lacan (1949/1998) considera a imagem especular fundadora do eu mostrando como nessa etapa do desenvolvimento, há o encontro do corpo da criança com o corpo do outro (a mãe ou seu substituto) sendo que, sua imagem vai lhe garantir a realidade de seu corpo inteiro e independente. Lacan mostra como a alegria da criança diante da aparição da imagem está ligada a uma identificação: “A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois, manifestar numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (1949/1988, p.97).

O que consideramos importante sublinhar é que a imagem do espelho diz respeito à criança, mas diz respeito também ao investimento que o outro (o olhar da mãe) vai depositar nessa imagem. Lacan atribui muita importância à presença do outro que participaria assim da erotização da imagem da criança, dando-lhe seu aval. Diz ele que, “essa forma, aliás, mais deveria ser designada por eu ideal se queremos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal” (1949/1988, p.97-98). Em tal configuração, Lacan reconhece a função primordial do outro como sendo aquele que colocará em jogo a dialética do desejo. A criança reconhece então, segundo Lacan, no eu especular (investido pela libido materna) seu eu ideal (objeto do narcisismo primário). Portanto, tanto em Lacan como em Freud são as figuras parentais, o outro, que instrumentalizam para o bebê a materialização do processo de reconhecimento do outro.

Laplanche (1985) observa que este movimento é reversível, podendo a libido transitar ora para um, ora para outro desses objetos, que mantém entre si uma relação especular. A escolha narcisista de objeto, diz ele, “se opera, pois, por transporte global, para um outro lugar (da inter-subjetividade a intra-subjetividade e vice-versa) da energia e da forma objetal que essa energia mantém” (p.81).

Para Ribeiro (2000) o conceito freudiano de auto-erotismo e a teoria lacaniana do estágio do espelho partem da idéia de uma desorganização corporal inicial. Na visão dos autores, segundo Ribeiro, nos primeiros meses de vida não apenas os bebês não possuem uma percepção de seus próprios corpos como uma totalidade, mas também não possuem uma percepção do outro humano que cuida dele, a mãe, por exemplo, como uma totalidade à parte.

Parece-nos importante a articulação desses dois modos de escolha de objeto. Freud não nos deixa dúvida ao descrever as diferentes modalidades de escolha amorosa, de que há sempre uma predominância do narcisismo, senão em toda relação libidinal, pelo menos em toda relação amorosa⁸.

A questão que se interpõe é como a partir de um eu unificado, mas fechado em si mesmo, pode o indivíduo seguir rumo à abertura, rumo à escolha do outro como objeto de amor? Uma das prerrogativas dessa questão é que o fechamento mantém o sujeito num verdadeiro “amor de si”, agigantado, onde os campos do outro e dos objetos ficariam eclipsados por este grandiosismo do eu, senhor e centro do mundo. Por outro lado, a percepção da realidade externa forçaria o eu a dirigir aos objetos suas cargas libidinosas sob pena de adoecer, isto é, romper o vínculo com a realidade. No amor do outro o eu se desprenderia de parte desse investimento alocando-o no campo do objeto.

André (1996) nos esclarece que esta saída para o amor pelo outro é a própria saída para a alteridade, ou seja, o eu necessitaria mesmo de um confronto amoroso com o outro para que se possa estabelecer esta saída. Entretanto, a tendência do eu vai ser a de sempre tirar proveito e benefício da situação e das projeções às identificações, o amor por si tende a encobrir o amor pelo outro passando a ser a dinâmica narcísica aquilo que trabalha para voltar a fechar as brechas abertas pela irrupção da alteridade. Ao permanecer fechado na vida adulta o eu tenderá a se perceber como engrandecido, eu centro do mundo, o que poderá caracterizar uma formação patológica.

A instauração do narcisismo tem como efeito a constituição do eu pelo investimento da imagem do corpo pelo outro (materno). Graças ao olhar da mãe como constituinte e

⁸ Em *Luto e melancolia*, Freud faz uma explanação a respeito da descoberta do narcisismo como tipo de escolha tanto na retração melancólica do luto quanto da expansão maníaca.

organizadora da auto-imagem da criança é possível essa obtenção de uma unidade indivisível e fortemente estruturada do sujeito. A criança necessita deste investimento a fim de que possa constituir seu eu que é, portanto, a configuração corporal do sujeito. A constituição do indivíduo, sua unidade, requer um abandono do estado de narcisismo primário fazendo um avanço de sua libido em direção ao outro e um retorno da mesma para si. É por intermédio de um outro sujeito, cujo olhar investe libidinalmente o corpo da criança e lhe devolve uma imagem do corpo, que o eu é constituído. O momento fundante do eu se dá, então, pela unificação das pulsões até o momento desorganizadas e fragmentadas. Nesse momento o indivíduo começa a distinguir seu corpo do mundo externo: o não corpo.

No mito de Narciso o personagem busca na espreita da imagem duplicada no espelho das águas o reflexo da perfeição de sua própria imagem que ele ainda não sabe ser sua. Busca um olhar semelhante ao olhar que a criança procura no semblante da mãe daquilo que, ela criança, representa para sua figura parental. A demanda por este olhar evoca sempre um corpo que é objeto deste olhar, ou seja, a imagem de si oferecida ao outro. É por meio da função especular que a criança inicialmente se identifica e aprende a se reconhecer na sua imagem projetada na mãe e refletida por ela; de forma lenta e oscilante a criança aprende o que é eu e o que é outro num processo de relação que envolve o objeto e em que ambos são ativos. A criança caminha rumo a um futuro que, a princípio, não deve ser alienado e que encontra um amor por si, mas também um amor pelo outro. Isto culminaria, no lado oposto do processo, no momento estruturante em que “amar a si mesmo é (...) ser psiquicamente dois” quer dizer, “é preciso que a mãe amorosa/protetora tenha se transformado em uma pessoa psíquica, em um objeto” (Assoun-1993, p.135) no momento do estabelecimento das relações de objeto. Na ausência de um outro que lhe confirme a criança será incapaz de estabelecer um

auto-conceito pertinente ao princípio de realidade. Portanto, para o estabelecimento de um eu verdadeiramente maduro é necessário que se ultrapasse os limites do narcisismo e se ligue aos objetos.

Freire Costa (2004b) aponta para o fato de que com o narcisismo, o aparelho psíquico passa a ganhar uma certa estabilidade, ou seja, uma capacidade em manter os estados de coisas como são e estão, com o intuito de evitar mudanças que, em princípio, poderiam acarretar desprazer. O eu narcísico vai procurar perseverar no mesmo tornando-se resistente a alterações. Se na relação especular o eu se apresenta como uma unidade, ele também aspira a representar um sujeito total. A esse respeito Freud (1926) explicita: “O ego é uma organização. Baseia-se na manutenção do livre intercâmbio e da possibilidade de influência recíproca entre todas as suas partes. Sua energia dessexualizada ainda revela traços de sua origem em seu impulso para agregar-se e unificar-se e essa necessidade de síntese torna-se mais acentuada à proporção que a força do ego aumenta” (p.120). O eu revela uma tendência a síntese que Freud posteriormente vai detectar em vários quadros psicopatológicos.

Freire Costa (2004b) vai ressaltar que o eu depois do narcisismo ainda vai continuar defendendo a autoconservação no sentido da sua imagem como experiência de totalização. Segundo ele, é a este fenômeno que a psicanálise se refere quando fala de aparelho de pára-excitação. Nesse sentido, qualquer alteração da composição egóica age como estímulo para a defesa narcísica, em termos de sua proteção.

O texto de 1914 abriu espaço para as articulações teóricas de Freud⁹ em textos subseqüentes nos quais o conceito de narcisismo foi alvo. Tais articulações desembocaram na

⁹ Os textos de Freud que tratam do tema do narcisismo após 1914 são: *Luto e melancolia* (1915), *Conferências Introdutórias – Conferência XXVI* (1916-1917), *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), *O ego e o id* (1923).

segunda tópica freudiana e na reestruturação das instâncias psíquicas. Para nosso estudo, além destas articulações referentes à segunda tópica, na qual Freud posiciona o eu como essencialmente corporal, daremos relevância a questão do ideal, pois computamos importante para o entendimento do narcisismo na contemporaneidade, principalmente no que se refere ao culto do narcisismo e as patologias a ele associadas. Vamos deixar em suspenso aqui outros desdobramentos e considerações a respeito do narcisismo que serão retomados posteriormente quando nos voltarmos para o entendimento das formas narcísicas de manifestação nas patologias psíquicas e sua relação com o conceito psicanalítico de narcisismo, tal como foi entendido no presente capítulo. Na seqüência continuamos nossa análise a partir da última parte do texto de 1914, introduzindo as questões referentes às instâncias ideais e ao processo de identificação.

As instâncias ideais: eu ideal e ideal do eu

Neste item vamos considerar a questão dos ideais (eu ideal e ideal do eu) e sua articulação com o narcisismo e as identificações. A questão dos ideais, no sentido da exacerbação dos mecanismos de idealização, dos processos de individuação e subjetivação é de grande relevância na compreensão do narcisismo quanto aos aspectos concernentes à clínica e à cultura.

Na terceira parte do texto de 1914, Freud considera as instâncias eu ideal e ideal do eu iniciando pela apresentação da oposição dos investimentos eróticos entre egoísmo (o amor dirigido a si) e alteridade (o amor dirigido aos objetos) e circunscrevendo ambos os conceitos relacionados à vivência narcísica. No texto Freud observa que os circuitos dos ideais e os investimentos objetivos são a forma não patológica de metabolização do narcisismo infantil.

Nesse texto de 1914, Freud não faz uma distinção precisa entre os ideais gerando, inclusive, em determinados momentos, uma certa confusão à respeito. A investigação freudiana a respeito das instâncias ideais consideradas identificatórias, nesse texto de 1914, vai ser precursora ao que passará a ser defendido a partir da segunda tópica. Vejamos como Freud apresenta o surgimento das instâncias ideais:

“O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse eu ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo eu que é ideal e que, como o eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude. Como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas de sua infância. Entretanto, não poderá manter-se sempre nesse estado, pois as admoestações próprias da educação, bem como o despertar de sua capacidade interna de ajuizar, irão perturbar tal intenção. Ele procurará recuperá-lo então na nova forma de um ideal de eu. Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal” (Freud, 1914, p. 120).

Freud ressalta no texto o que havia colocado anteriormente, ou seja, que nem toda libido do eu é investida nas relações objetais. Primeiramente, ele se refere à formação de um ideal que representa as perfeições do narcisismo perdido da infância ao qual o indivíduo desloca seu investimento. Vale destacar que o deslocamento dos investimentos para o próprio eu, a formação de um ideal por parte do eu, se dá na medida do recalque que Freud considera patogênico, “quando as moções pulsionais libidinais entram em conflito com as concepções culturais e éticas do indivíduo” (1914, p. 112). Estes recalques partem do eu ou, mais precisamente, partem da avaliação que o eu faz de si mesmo, isto é, a pessoa vai erigir em si um ideal e o amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo eu verdadeiro na infância, dirige-se agora a esse ideal. Freud observa que esse eu ideal se constitui como o herdeiro do narcisismo primário e refere-se ao fato do indivíduo tomar como alvo de amor seu próprio eu,

passando a considerar o seu eu como seu próprio ideal. O ideal do eu representa algo a ser atingido pelo eu adulto do indivíduo. Tal alvo nada mais é do que “um substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal” (1914, p.112).

O narcisismo que surge em direção a este eu ideal, que de acordo com Freud possui toda perfeição de valor, remete o indivíduo para o mundo da onipotência originária ou narcisismo primário. Na maioria das vezes, diz ele, “como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se incapaz de renunciar à satisfação já desfrutada uma vez. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas de sua infância” (1914, p. 112).

O importante a ressaltar é que uma vez que Freud afirma que este ideal é um substituto do narcisismo perdido, podemos supor que ele não é idêntico ao eu narcísico infantil. Podemos considerar aqui uma ação mais desenvolvida que pressupõe um reconhecimento da falta ultrapassando, portanto, a condição primária inicial.

O eu ideal é alicerçado na fantasia de onipotência, na ilusão e na persistência da fusão com a mãe. O indivíduo tem seu mundo agigantado tendendo a busca do máximo em si mesmo, na busca de ideais muitas vezes difíceis de serem alcançados. O eu ideal tende a estar distante do eu real fazendo uso de diversos mecanismos defensivos da negação ou renegação (próprios dos estados narcísicos parciais como nas perversões) ou a forclusão (próprio dos estados narcísicos totais das psicoses), para manter a ilusão. Considerado como uma das etapas do desenvolvimento o eu ideal pode ser visto como estruturante, mas sua permanência ou persistência no psiquismo faz com que se torne responsável por transtornos narcísicos de toda ordem.

Na seqüência do texto observamos que quando o sujeito é marcado por um ideal que lhe ultrapassa Freud fala de um ideal do eu onde o eu não é mais considerado como o próprio ideal do sujeito. “A idealização”, segundo ele, “é um processo que ocorre com o objeto e por meio do qual o objeto é psiquicamente engrandecido e exaltado, sem sofrer alteração em sua natureza” (1914, pp.112-113). Freud ressalta que a formação de um ideal eleva o nível das exigências do eu e é o mais forte favorecedor do recalque. Para Freud o essencial na formação do ideal de eu do sujeito é a influência crítica dos pais somada, posteriormente, às influências dos educadores, professores; enfim, da cultura e da sociedade. Essa formação intrapsíquica, o ideal do eu que o homem fixa em si mesmo como algo próprio, representa um modelo ideal a ser atingido pelo eu adulto, sendo este permanentemente vigiado por uma instância especial de censura (consciência), a qual mede o eu real e o compara com o ideal do eu. Dependendo do resultado dessa operação, o eu do sujeito poderá ou não ser fortalecido e, se o for, sua auto-estima se elevará (Freud, 1914). Esse modelo de eu idealizado que o sujeito projeta diante de si como um alvo a ser alcançado é, de fato, um substituto do narcisismo perdido da infância. Entretanto, esse substituto não é idêntico ao eu narcísico infantil, pois já pressupõe o investimento no objeto. Quando a libido egóica se volta para um ideal de eu projetado externamente ou mesmo para relações objetais, o narcisismo primário diminui implicando maior desenvolvimento do eu.

Devido a atração que o sujeito sente para o retorno ao estado narcísico e a restauração da unidade perdida, ele pode proceder a dois caminhos possíveis. Um deles pressupõe a restauração da unidade pela tentativa de superação da separação, na qual o eu lança os investimentos libidinais aos objetos; se empobrece mas volta a se enriquecer pelas satisfações obtidas com os objetos (Freud, 1914). Neste caso a criança é capaz tanto de

perceber a mãe como uma pessoa indiferenciada e se relacionar com ela, como também é capaz de possuir o mesmo cuidado com si que ela (mãe) teria anteriormente.

No outro caminho a tentativa é de um retorno à unidade perdida. Esse caminho aproxima o sujeito do narcisismo primário, ocorrendo uma involução no desenvolvimento do eu. As saídas por este caminho resultam da percepção do outro e do mundo como extensão de si mesmo. Em qualquer uma dessas saídas não há limite claro entre sujeito e outro ou mundo. No primeiro caso o eu ao ser investido estanca o fluxo libidinal anteriormente dirigido aos objetos e aos ideais – elementos estes importantes para o desenvolvimento; no segundo caso, o objeto substitui o ideal atraindo para si toda a libido do sujeito deixando para trás um eu empobrecido e sacrificado.

Nesse intuito é importante distinguir aqui a diferença entre sublimação e idealização proposta por Freud no texto de 1914. Para Freud a idealização concerne ao objeto podendo se dar tanto no domínio da libido do eu como no da libido do objeto, enquanto que a sublimação diz respeito à libido de objeto, mas implicando o redirecionamento da pulsão. Na idealização o objeto é engrandecido; na sublimação há o deslocamento da libido para outros fins que não a satisfação pulsional.

Freud alude também à confusão que se faz entre a formação do ideal do eu e a sublimação das pulsões o que, segundo ele, prejudica a compreensão da sublimação. Embora a formação do ideal do eu incite a sublimação das pulsões libidinais primitivas a coexistência de ambos não é, necessariamente, inseparável:

“É justamente entre os neuróticos que encontramos as maiores diferenças de tensão entre o desenvolvimento alcançado pelo seu ideal de eu e o grau possível de sublimação de suas pulsões libidinais primitivas. Em geral, é muito mais difícil convencer o idealista de que a

alocação de sua libido não faz sentido, do que ao homem simples, que consegue contentar-se com pouco e cujas pretensões são modestas” (Freud, 1914, p. 113).

Uma outra diferença apontada por Freud refere-se às relações entre sublimação e ideal do eu e os fatores determinantes da neurose: a formação do ideal do eu eleva o nível das exigências do eu e é o mais forte favorecedor do recalque, enquanto que a sublimação representa uma saída para cumprir essas mesmas exigências sem, contudo, envolver o recalque. Como ressalta Freud:

“No que tange à causação da neurose, há uma grande diferença entre a formação de ideal e a sublimação. Como já dissemos, a formação do ideal eleva o nível das exigências do eu e é o mais forte favorecedor do recalque; a sublimação, por sua vez, oferece uma saída para cumprir essas exigências sem envolver o recalque”(Freud, 1914, p. 113).

Freud (1914) considerou chamar de autoconceito a expressão da grandeza do eu: “O que interessa saber”, diz Freud “que tudo o que possuímos ou conseguimos, cada remanescente do sentimento primitivo de onipotência que tenha eventualmente sido corroborado pela nossa experiência, ajuda a incrementar o autoconceito” (1914, p. 115). O autoconceito tem uma dependência muito estreita da libido narcísica que tende a elevá-lo, ao passo que um investimento libidinal nos objetos não o eleva, ao contrário a dependência do objeto rebaixa o autoconceito. De qualquer forma o autoconceito parece sempre estar relacionado com o componente narcísico da vida amorosa.

Freud indica que o sentimento de inferioridade de um indivíduo provém de um “empobrecimento do eu” (1914, p.116) resultante da retirada de investimentos libidinais do eu. O indivíduo passa a necessitar do amor do outro, de sua admiração, para poder elevar sua auto-estima. O eu passa a depender do retorno de todo investimento libidinal lançado aos

objetos amorosos para fazer frente a este empobrecimento. Se tal não ocorre, o eu se fragiliza, volta para si mesmo num movimento de reinvestimento narcísico do próprio eu. Isto pode ser visto como uma alternativa de preservação da integridade do eu.

Freud enfatiza que é fundamental para a formação do eu que o indivíduo ultrapasse o narcisismo e se ligue ao objeto. Esse afastamento se dá por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal de eu imposto de fora, e a satisfação se dá na medida da realização desse ideal. Ao mesmo tempo, diz Freud, o eu lança os investimentos libidinais aos objetos, voltando a se enriquecer pelas duas formas: pelas satisfações obtidas com os objetos e pela via da realização do ideal.

Contudo, esse afastamento e a enorme atração que o indivíduo sente para retornar ao estado narcísico vai produzir sempre um intenso anseio por recuperá-lo: “Ser novamente o seu próprio ideal, também no que diz respeito às aspirações sexuais, tal como ocorreu na infância, esta é a felicidade que as pessoas querem alcançar” (1914,p.118). Além disto, quando houver algum tipo de obstáculo à satisfação narcísica do indivíduo, o ideal sexual poderá ser utilizado também como uma satisfação substitutiva: “Nossa forma de amar seguirá então o modelo de escolha objetal narcísica: amaremos aquilo que fomos e deixamos de ser ou aquilo que possui uma qualidade que nunca teremos” (1914, p. 118). Desta forma isto constitui formas de saídas substitutivas e regressivas no qual o próprio eu da pessoa é recatexizado ou, então, o ideal do eu é substituído por um objeto idealizado podendo ser tanto um ideal sexual, ideal estético ou ideal de líder. Como analisa Severiano (2001):

“Essa formação intrapsíquica que Freud denomina de ‘ideal do eu’, e que o homem ‘fixa’ em si mesmo como algo próprio, representa um modelo ideal a ser atingido pelo eu adulto em suas realizações efetivas, sendo este permanentemente vigiado por uma instância especial de censura (consciência), a qual mede o eu real e o compara ao ideal do eu. De

acordo com o resultado dessa avaliação, o eu do sujeito poderá ou não ser fortalecido, isso dependerá do grau de aproximação deste com o ideal do eu, ou seja do grau de onipotência que é corroborada pela experiência” (Severiano, 2001,p. 128).

No final do texto de 1914 Freud coloca que “o ideal do eu abre uma importante via para a compreensão da psicologia das massas” pois o homem “tem, além de sua parcela individual, uma parcela social, o ideal comum de uma família, de uma classe e de uma nação” (p. 118). Como vemos nesta citação, os conceitos de narcisismo e de ideal no pensamento de Freud ganham destaque na sua articulação sobre a cultura e a sociedade.

O circuito das instâncias ideais e a identificação

Apesar de Freud usar indiscriminadamente os termos eu ideal e ideal do eu nos dois textos¹⁰ em que mais trata do assunto, vamos procurar fazer uma distinção entre ambos levando em conta suas postulações e o relacionamento que Freud faz com o narcisismo e o surgimento do eu.

De acordo com Freud eu ideal e ideal do eu são herdeiros do “narcisismo infantil” e ambos encarregados de representar o sujeito perante outros sujeitos, ou perante outros eus ou outros ideais. Anterior ao surgimento do eu a libido da primeira infância investe objetos que do ponto de vista da estrutura psíquica, têm todos o mesmo estatuto. Com o surgimento do eu, contudo, o investimento libidinal pode tomar três direções distintas: o próprio eu, os objetos e os ideais. Green (1988) chama a atenção para o fato de que a função do ideal é qualificada por Freud de grande instituição do eu. Isso quer dizer, segundo ele, que se o narcisismo quase não é mencionado depois da última teoria das pulsões e da segunda tópica, ele sobrevive amparado no ideal.

¹⁰ Os dois textos mencionados são: *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914) e *O ego e o id* (1923).

Por que ideal? Retomando o texto de 1914 observamos que Freud faz um esboço da distinção entre eu ideal e ideal de eu. Para ele, o eu ideal é possuído de toda perfeição de valor; é aquilo em direção a que surge o narcisismo do sujeito. O eu ideal é o outro especular do eu narcísico, a imagem idealizada dos traços constitutivos do eu ou, visto de outra forma, é aquilo que o eu aceita como um outro que também pode representar a totalidade do sujeito sem com isto correr o risco de criar brechas em sua constituição ou em sua síntese imaginária. Isso porque o eu narcísico só aceita um outro que seja a reedição idêntica de um traço seu, passado ou presente.

O ideal do eu, por seu turno, seria de uma outra ordem. Já atravessado pelos valores culturais, morais e críticos é a forma através da qual o sujeito vai procurar recuperar toda a perfeição narcísica de outrora. O eu narcísico ocupa a posição daquele que quer manter íntegra a representação da unicidade, do princípio de individuação do sujeito - a ipseidade. Esse é seu papel e o ideal do eu vai ocupar uma posição oposta no aparelho psíquico: o ideal do eu vai apontar para o futuro em vez de ficar fixado no passado/presente. O ideal do eu seria o que o indivíduo projeta diante de si como sendo seu ideal. Ambos, eu ideal e ideal do eu, têm a função de sintetizar as representações que vão unificar e/ou totalizar a imagem do sujeito, mas enquanto um fica restrito à imagem atual ou passada (o eu ideal) o outro (o ideal do eu) visa o sujeito futuro, um sujeito que ainda não é, um sujeito que só existe enquanto promessa, um vir a ser.

Segundo Freire Costa (2004b) com a introdução do conceito de narcisismo, o eu tornou-se um objeto da libido narcísica, um eu narcísico. Seus interesses de autoconservação, como preconizado na primeira tópica, não se dirigem mais, necessariamente, para a preservação biológica, mas à conservação de uma imagem egóica representada por uma

totalidade que pretende resistir a qualquer mudança na estrutura psíquica, procurando reduzir sempre qualquer tensão ao seu nível mais baixo. A característica de autoconservação e de autoproteção se traduz na busca de segurança, o que lhe confere um caráter conservador, instaurando no psiquismo uma “compulsão à síntese” (2004b, p. 04), ou seja, qualquer coisa que porventura venha se infiltrar nessa síntese egóica será banida pelo sistema de autodefesa do eu. Isso, sem dúvida, auxilia a preservação do indivíduo constituindo uma representação de um eu coeso e separado de outros eus. O eu para se manter coeso e investido, faz da síntese um mecanismo que visa alcançar uma imagem da totalidade do sujeito organizada e protegida.

Freire Costa (2004b) observa que, apesar da função de síntese coexistir tanto para o eu ideal quanto para o ideal do eu, essa função no ideal do eu obedece a regras distintas da síntese narcísica do eu ideal. Como o ideal do eu representa para o sujeito na sua experiência psíquica o provável visto que está voltado para o futuro, o eu ideal representa o certo. Isto implica, segundo Freire Costa, que no ideal do eu a síntese deverá ser antecipada e, portanto, estará sujeita a cláusulas de realização. A primeira cláusula imposta seria o adiamento do prazer típico da satisfação narcísica, ou seja, o prazer ideal só surge como possível se o eu aceita se transformar e, se aceita também a ingerência do outro, do modelo ideal como alteridade. A segunda cláusula seria colocar em dúvida as certezas narcísicas de tal forma a permitir a mobilidade dos investimentos em direção a novos objetos. Portanto a função sintética do ideal do eu se configura como uma imagem idealizada da constituição do eu, que tem como função objetiva lidar com a alteridade, com o outro. Isto faz com que o papel do ideal do eu seja importante para o aparelho psíquico pois auxilia o indivíduo a lidar com os desejos dos outros podendo, algumas vezes, até incorporá-los como se fossem seus.

Podemos observar também que os ideais do eu pressupõem uma coerção ao eu e podem produzir uma resistência contrária que poderia se tornar incontornável caso ele mesmo não estivesse magnificado pelo investimento libidinal. Foi por este motivo que Freud achava inevitável atribuir ao ideal do eu um suporte pulsional capaz de mantê-lo em sua função. Severiano (2001), a propósito das reflexões sobre eu ideal e ideal do eu, sintetiza:

“A busca do atingimento do ideal do eu implica, enfim, o desenvolvimento, crescimento e transformação do eu narcísico; implica também a renúncia e adiamento do prazer imediato em função de um modelo ideal, ele próprio libidinizado, mas que aponta para projetos futuros e requer a inserção do sujeito no real. Por outro lado, o recurso ao eu ideal consiste numa saída que envolve uma renúncia do enfrentamento da realidade e um fascínio por um objeto engodo que encerra o sujeito num pseudo estado conflitivo mediante o processo de idealização. Na idealização, quem participa da economia libidinal em jogo é o eu ideal, e a escolha de objeto se dá sem consideração pela realidade e o objeto não é avaliado pelo sujeito em suas justas proporções; pelo contrário, a escolha leva apenas em consideração as exigências de um eu narcísico, elevando acriticamente o objeto à perfeição, num processo de substituição dos ideais (do eu) que não conseguiram ser realizados na experiência concreta do sujeito”(Severiano, 2001,p. 136).

Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* Freud propõe pensar que as instâncias ideais sejam duas formas de alteridade necessárias à constituição do eu. Isso pode ser corroborado a partir daquilo que para Freud rege as formações grupais: os laços que unem os indivíduos entre si e ao líder. Diz ele que os grupos são constituídos por duas espécies de laços: os laços entre os membros do grupo (laços horizontais) e os laços com o líder do grupo (laços verticais). Os laços entre os membros do grupo ou, como diz Freud, laços entre eus, são os que unem os membros do grupo pela via da limitação do amor narcisista: “(...) nos grupos, o amor a si mesmo, narcisista, está sujeito a limitações que não atuam fora deles, isso é prova irresistível de que a essência de uma formação grupal consiste em novos tipos de

laços libidinais entre os membros do grupo” (pp. 130-131). Os laços com o líder, por seu lado, são indispensáveis e sem o qual não haveria a possibilidade de existência do grupo. Da leitura do texto podemos apreender que a formação do grupo nasce de uma ilusão de ser igualmente amado pelo ‘chefe’, ou seja, os membros tornam-se solidários entre si, semelhantes, por se imaginarem amados igualmente. A função decisiva da manutenção dessa ilusão é, talvez, a de amenizar a angústia e o pânico conseqüente provenientes da perda do objeto/chefe/pai. A ilusão é uma espécie de salvaguarda contra a ruptura dos laços sociais, pois caso os laços se dissolvessem uma angústia coletiva poderia ser gerada. Dessa forma, os laços amorosos que ligam o chefe aos membros do grupo funcionam como suporte para o enfrentamento do perigo. Quando esses laços desaparecem os laços entre os membros do grupo desaparecem também surgindo, daí, a retração narcísica.

Freud (1921) chama a atenção para o fato de que existem outros mecanismos para os laços emocionais, as identificações que juntamente com o amor unem os membros do grupo. Antes de introduzir a questão das identificações nesse texto de 1921 Freud já havia se referido, em outras ocasiões, ao conceito. Dois momentos se destacam; em *O ego e o id* Freud acentua a idéia de que é o processo de identificação que possibilita a compreensão das instâncias psíquicas como sistemas herdeiros das relações de objeto; em *Á guisa de introdução ao narcisismo* Freud apresenta dois tipos de escolha, narcísica e anaclítica, que operam de acordo com o modelo dos objetos parentais e com as identificações ocorridas no período edípico, marcadas pela ambivalência presente em todo processo identificatório.

A identificação propriamente dita nada tem que não seja psíquico; trata-se, em linguagem cotidiana, de se tomar por alguma outra pessoa, embora inconscientemente, ressalta Mannoni (1994). De acordo com o autor, é fácil constatar que as identificações

devem ser mais freqüentemente parciais e menos totais e elementos essenciais na formação do sujeito.

Freud considera a identificação como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. No texto de 1921 ele aborda o conceito de uma forma mais sintética e aprofundada pela via da relação com o complexo de Édipo e pela possibilidade de compreender o funcionamento coletivo. A análise freudiana da identificação recai sobre a tese básica de que a única força capaz de manter a coesão entre os membros de uma massa é Eros. Somente a natureza libidinosa desses vínculos, diz Freud, justificaria a renúncia dos indivíduos em prol do coletivo. Além disso complementa, os laços identificatórios se instalam no cruzamento entre a libido objetual altruísta e a libido narcísica egoísta, ou seja, não importa o tipo de identificação, pois todas elas consistem numa assimilação total ou parcial do outro pelo eu.

Florence (1994)¹¹ observa que Freud prosseguiu a análise da questão sobre a identificação no texto de 1921 seguindo a linha iniciada em 1914. Segundo o autor, quando Freud postula as noções de eu ideal e ideal do eu no texto de 1914 para dar conta do destino da libido narcísica, ele já estaria esboçando uma reflexão sobre a psicologia das multidões, para além do reduzido meio familiar. A questão que se coloca no texto de 1921, de acordo com Florence, é a de saber como é possível pensar a modificação que sofre o indivíduo humano, civilizado, quando faz parte de uma multidão. Para isto, diz Florence, Freud recorre à identificação, processo formador do eu como tal e suas instâncias, ideal do eu e eu ideal,

¹¹ Remetemos o leitor ao artigo de Jean Florence *As identificações* (1994) para uma retrospectiva histórica detalhada do conceito de identificação na obra de Freud. Florence subdivide a elaboração do conceito em Freud em três etapas cronológicas: Freud I (descoberta do inconsciente articulada com o sexual), Freud II (dos *Três ensaios...* até *Luto e melancolia*) e o Freud III (1918 a 1939).

assim como dos inumeráveis vínculos humanos, privados e públicos. Portanto, sintetiza ele, eu e ideal fazem parte do complexo estruturante do eu.

Florence (1994) propõe analisar diferentes tipos de identificação dispostos na obra freudiana: a identificação histérica que expressa o desejo sexual recalcado, seguindo a lógica da identificação onírica e expressando regressivamente através do sintoma e dos sonhos; a identificação narcísica, a mais primitiva de todas e a mais importante em seus efeitos, uma vez que produz a constituição do eu em suas clivagens; a identificação melancólica, que faz parte da identificação narcísica, produz um retorno aos aspectos mais arcaicos da ambivalência, clivando o eu em uma parte sádica identificada com o objeto e uma parte perseguida pela fantasia do objeto; a identificação totêmica, também um tipo de identificação narcísica, na qual se instaura verdadeiramente uma diferenciação no eu, mediante o superposicionamento entre o eu e o ideal do eu, efeito da incorporação do objeto amado-odiado de que o eu se separou. Esta última identificação é precursora de todo trabalho de luto de um objeto amado-odiado que foi incorporado, fazendo do eu o depositário, o herdeiro dos objetos que a realidade obrigou a abandonar como objetos sexuais. Esse é o resultado do trabalho que é imposto ao sujeito no processo de vir-a-ser.

Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* Freud vai evidenciar sua intenção considerando que sendo o complexo de Édipo um complexo estrutural do indivíduo e da sociedade e que a psicologia individual é ao mesmo tempo social, só seria possível compreender o funcionamento coletivo associando-o ao mecanismo de identificação, particularmente a certas formas de identificação primitivas. Freud afirma no texto que:

“A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado da primeira fase de organização da libido, da fase oral, em que o objeto

que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal” (Freud, 1921, pp. 133-134).

De acordo com essa citação a identificação sendo ambivalente desde o início pode tornar-se tanto expressão de ternura e aproximação, quanto expressão de afastamento de alguém. A identificação, dessa forma, expressa-se por moldar o próprio eu da pessoa de acordo com aquele que foi tomado como modelo.

O que mantém a coesão dos grupos, segundo Freud, são os laços identificatórios que se instalam entre a libido objetal e a libido narcisista. Das três identificações citadas por Freud no texto a primeira delas provém do complexo de Édipo, ou melhor, identificação primária com o pai da pré-história do complexo de Édipo – e se constitui anteriormente ao amor de objeto. A segunda, identificação regressiva, pressupõe o investimento objetal e seu abandono – a escolha de objeto retroage para a identificação e o eu assume as características do objeto - o *Caso Dora* (1905[1901]) é ilustrativo desse modo de identificação – tais identificações são extremamente limitadas e recebem do objeto um só traço. A terceira identificação caracteriza-se por uma identificação parcial com um traço do outro, identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. Freud sintetiza o que se depreende das formas de identificação da seguinte maneira:

“O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço” (Freud, 1921, p. 136).

Podemos observar dessa forma que as identificações estruturantes são aquelas que vão permitir ao sujeito ultrapassar a fase inaugural da construção da identidade, fase narcísica do seu desenvolvimento psíquico e correspondem a perspectiva do olhar e do desejo materno e a perspectiva da própria imagem corporal que é produzida pelo imaturo aparelho perceptivo infantil. As regras das identificações promovem uma barreira contra a perpetuação dessa condição infantil e permitem ao sujeito o acesso a uma outra ordem – a ordem da cultura – na qual a palavra e os desejos maternos não serão as únicas fontes de definição de sua identidade. Ao sujeito, então, vai ser mostrado aquilo que lhe é permitido e o que lhe é proibido estabelecendo, simultaneamente, seu direito como ser distinto, um sujeito dentro de uma comunidade que o acolhe em sua diferença. As identificações propostas pelos pais aos filhos vão possibilitar a estes fazer a passagem do restrito meio da relação parental e familiar para a cultura a qual pertencem.

As instâncias ideais e o narcisismo

No capítulo III de *O ego e o id* Freud se ocupa do conceito de ideal de eu tratando-o indiscriminadamente como sinônimo do supereu. A propósito de sua origem Freud observa que por trás dele está a identificação com o pai em sua pré-história pessoal. Freud se refere no texto ao ideal do eu como uma gradação do eu, uma diferenciação mesmo dentro dele. Esse ideal do eu não seria simplesmente um resíduo das escolhas primitivas ideais do isso; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. O ideal do eu tem a missão de reprimir o complexo de Édipo ao qual deve sua existência. Freud explicita que o ideal do eu é resultado de dois fatores: o primeiro de natureza biológica devido a duração prolongada no homem, do desamparo e da dependência da infância; e do complexo de Édipo

cuja repressão está vinculada à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência. Freud esclarece que a diferenciação do ideal do eu a partir do eu não é por acaso: “Quando éramos criancinhas, conhecemos as naturezas mais elevadas do homem, admiramo-las e tememo-las e, posteriormente, colocamo-las em nós mesmos” (1923, p. 51). Portanto, o ideal do eu seria o herdeiro do complexo de Édipo, mas também do desamparo primordial e constitui, em Freud, a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do isso.

Freud (1923) observa ainda que ao erigir o ideal do eu, o eu domina o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, coloca-se em sujeição ao id: “Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo interno e o mundo externo” (1923, p. 51).

Ocorre que quando esse ideal de eu se torna demasiadamente crítico e severo, os sentimentos de desamparo afloram e a única saída para a preservação do narcisismo ferido é o de fazer um movimento de regresso ao eu infantil. Portanto, a maturidade emocional do indivíduo é possível pela superação do complexo de Édipo, ou seja, na elaboração criativa das duas realidades do eu: o desejo de união e a realidade da separação, na aceitação da impossibilidade de se permanecer em apenas um dos lados. A ilusão da onipotência tem que ser abandonada e promovida a aceitação da necessidade do mundo externo. A patologia do narcisismo secundário (ou escolha regressiva) é o desinvestimento da libido dirigida aos objetos e recolhida ao eu. Neste caso, diferentemente do narcisismo secundário, visto como elemento estruturante do psiquismo no qual o eu já está constituído como unidade

diferenciada, o eu tem a vivência da díade indiferenciada (característica do narcisismo primário) implicando a negação da separação e dos limites pela total dependência ou total onipotência.

O ideal do eu é instrumento de socialização do sujeito na medida em que representa o seu desejo de retornar a um estado onipotente que foi perdido mediante a aquisição dos valores culturais adquiridos no processo de identificação com o objeto. O ideal do eu contém os interesses do indivíduo voltados para o mundo externo. Quanto mais o ideal do eu se insere na cultura mais se expande para os interesses culturais tornando-se o meio pelo qual os indivíduos de uma determinada cultura vão se relacionar. Mezan (1998) enfatiza que o sistema dos ideais, pelo fato de serem viabilizados pela via dos ideais dos pais, está vinculado à realidade social, inscrevendo o indivíduo na ordem da cultura e promovendo seu afastamento da fase inicial da vida psíquica.

Dessa forma compreendemos que indivíduo e cultura estão em interação contínua. Não podemos pensar que o conflito psíquico se inscreva na esfera intrapsíquica sem os desdobramentos das ingerências externas. Pelo contrário, o indivíduo é capaz de agir no sentido de transformar o seu meio cultural, sendo também influenciado por esse mesmo meio. A constituição do psiquismo humano se dá pela mediação de um outro que está inserido na cultura, cultura esta que modela os ideais e normas a serem seguidas no decorrer da vida do sujeito.

Num primeiro momento, respaldado pela par parental, o eu prematuro assume a posição de seu próprio ideal, é o momento onde prevalece a megalomania, a onipotência. A partir da imposição dos limites o eu vai ser frustrado na sua condição totalizante e, gradativamente vai se deslocando desse lugar e se submetendo a uma outra ordem, na qual o

outro encontra espaço; esta é a ordem da cultura. Contudo, todo esse processo não se dá sem sofrimento; é a angústia frente à castração que levará o eu a se reorganizar, deixando de ser seu próprio ideal para ter um ideal de eu. Como ressalta Freud:

“É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de *ser*; no segundo o que gostaríamos de *ter*, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego (...). Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (Freud, 1921, p. 134).

A visão da imagem de si no espelho é para o homem uma experiência estruturante, porém paradoxal: ser si mesmo e outro, real e irreal. Esta é uma percepção geradora de intensas angústias pela visão de algo estranho/familiar (Freud, 1919), mas ao mesmo tempo estruturante pela possibilidade de integração, via visão, das partes cindidas do corpo definindo suas características como ser uno. O reflexo de uma pessoa no espelho institui um duplo imaterial idêntico, porém invertido, ao mesmo tempo em que afirma a realidade da pessoa. É pela função especular que o bebê se identifica e aprende a se reconhecer na sua imagem projetada na mãe e refletida pelo seu olhar. Por esse meio, a criança passa a desenvolver a autopercepção e a auto estima autenticando o que é ser eu num processo de relação objetal no qual ambos são ativos. Como resultado desse processo, temos a constituição de uma subjetividade singular e marcada por representações e valores da cultura na qual se insere o sujeito.

CAPÍTULO III

Subjetividade e o sentido do corpo em psicanálise

Um corpo para dois: esse fantasma primordial em todo ser humano pretende ser um com a mãe-universo da primeira infância.

Um corpo para dois
Joyce McDougall

Na lógica da manifestação da subjetividade narcísica o corpo tem sido seguramente o mais convocado. Concordamos com Maia (2001) quando afirma que o corpo aparece como uma das certezas que o indivíduo tem, ou seja, seu pertencimento ao mundo das coisas o torna *locus* privilegiado na cultura como um porto seguro, para uma certa ancoragem. Nosso objetivo no presente capítulo é apreender a direção do discurso narcísico do corpo.

Sennett (2001) analisa a relação corpo e espaço urbano desde os primórdios da civilização ocidental até nossos dias, ressaltando o tratamento negativo, concernente à dignidade, que tem sido dado ao corpo humano. No mundo contemporâneo, observa o autor, o acúmulo do capital, a aceleração dos acontecimentos e à voracidade do consumo, não oferecem tempo suficiente para a formação das subjetividades e o corpo torna-se passivo diante de tantas transformações. O sentimento de solidariedade tende a se reduzir, pois o corpo está cada vez mais voltado para suas próprias necessidades e prazeres. Essa hipervalorização do corpo na contemporaneidade transforma os homens em seus próprios servos. Como dissemos anteriormente, na contemporaneidade o que tende a valer é mais a imagem e muito pouco a realidade. Conseqüentemente, a vida interior, o outro e a troca de

experiências passam a ser valores pouco encontrados. Isso, de certa forma, parece ser um bom substrato para a angústia e o adoecimento.

O lugar que o corpo encontra na contemporaneidade está representado pelos ideais. Pensamos que esses sentidos podem evocar a presença de um corpo que se mostra no contexto contemporâneo como cenário para um certo mal estar. Diante dos desencadeamentos da pós-modernidade encontramos, hoje, indivíduos marcados pelo sofrimento em seus próprios corpos e com dificuldades significativas para narrá-las. De tal forma que se as pessoas não conseguem fazer uma avaliação crítica de suas experiências, nem uma leitura do processo em que estão inseridas, elas não conseguem dizer algo a respeito de seu sofrimento, apenas queixam-se de suas dores corporais. Essas pessoas, como observa McDougall (1983), se tornam concretas demais, corporais demais, incapazes de narrar sua própria história. A maneira como o sujeito vive seu corpo, segundo a autora, informa a respeito da natureza de sua relação com o mundo, ou seja, quando o corpo não é capaz de significar a diferença entre o eu e o outro, interior e exterior, quando o sujeito tem dificuldade em habitar seu corpo, as relações com os outros correm o risco de se tornarem confusas, reafirma McDougall. De acordo com a autora, “é a maneira como a pessoa pensa o próprio corpo, assim como a posição que ela assume em relação a esse corpo, o que naturalmente irá influenciar de forma marcante a relação eu-mundo”(1983,p.155).

O sujeito busca no corpo uma consciência de si, ou seja, fazer com que o corpo exista por si mesmo, estimular sua reflexão, reconquistar sua interioridade. O corpo não é apenas um meio de locomoção, mas um organismo vivo, corpo sexuado, marcado pelas pulsões, fonte de prazer (e de dor: sensações) que deve ser cuidado por seu possuidor. Se para Sennett (1988) “antigamente o corpo falava, mas secretamente” (p.237), hoje em dia o corpo

é mais ruidoso. E a obra desse novo movimento é deixar que ele se expresse; é escutá-lo, ou seja, uma forma de redescobrir seu espaço interno.

Lipovetsky (2005) considera que o corpo se encontra supervalorizado na atualidade. Trata-se, para o autor, de um investimento do corpo demonstrado de muitas maneiras: preocupação com a saúde, com a forma física, com a higiene, com os rituais de controle (funcionamento) e de manutenção (massagens, esportes, dietas). De acordo com Lipovetsky, a representação social do corpo tem sofrido uma mutação cuja profundidade pode ser posta em paralelo com o advento de um novo imaginário do corpo:

“O corpo não mais designa uma abjeção ou uma máquina, mas designa nossa identidade profunda da qual não mais se tem motivo para sentir vergonha; podemos exibi-lo nu nas praias ou em espetáculos, em toda a sua verdade natural. Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; deve-se respeitá-lo, quer dizer, cuidar constantemente de seu bom funcionamento, lutar contra sua obsolescência, combater os sinais da sua degradação por meio de uma reciclagem permanente (cirúrgica, esportiva, dietética, etc.); a decrepitude física tornou-se uma torpeza” (Lipovetsky, 2005, p.42).

Para Lipovetsky é na esfera privada que o corpo encontra local privilegiado. Abre-se espaço, dessa forma, para o aparecimento da predisposição à alta valorização da forma física, da saúde, higiene, e do imperativo da juventude.

Ao discutir sobre o culto ao corpo no momento atual Freire Costa (2004a) julga importante separar o joio do trigo. Em primeiro lugar o autor observa que o interesse pelo corpo faz expandir os saberes médicos a seu respeito nos fazendo perceber a realidade do corpo de uma nova forma. Por outro lado, o autor ressalta que a obsessão pelo corpo na contemporaneidade é inegável: “ele aparece na estigmatização dos que se desviam da norma somática ideal, na proliferação dos transtornos da imagem corporal e na submissão compulsiva à moda publicitária” (2004a,p.19). Freire Costa salienta, contudo, que o interesse

relevado ao corpo leva os indivíduos a viverem mais e em melhores condições emergindo dessa forma uma nova maneira de entrar em contato com a realidade corpórea: “envelhecer ou viver sob normas biológicas distintas das da média estatística não significa mais sobreviver; significa viver de outra maneira, com pretensões a felicidade pessoal e ao convívio social que não encontravam acolhimento na cultura do passado” (2004a,p.20). Diante do aludido por Freire Costa a questão do interesse pelo corpo não se mede pela quantidade, mas na significação que a forma assume.

O corpo faz presença na clínica psicanalítica e necessita ser ouvido. Seu espaço não se encontra somente no contexto da hipocondria e da doença psicossomática, mas encontra outras formas de se manifestar. E uma dessas maneiras é um movimento de retorno a si, ao próprio eu, um movimento narcísico no qual o corpo vai ser lugar de investimento libidinal. Se a época de Freud foi marcada pela repressão sexual, a nossa se caracteriza por um movimento contrário: hoje em dia a sociedade permite o sujeito falar e viver mais o sexo, contudo seu juízo tende a perder espaço. Como consequência, observam Hermann e Minerbo (2001), o mal migrou do sexo para a comida e para a imperfeição corporal. Nossa época é considerada lipofóbica e perfeccionista, privilegiando um aumento dos casos de anorexia, bulimia, dependência química e intoxicações de toda ordem, ou seja, a incapacidade de lidar com os limites. A barreira é colocada de forma decisiva mantendo o sujeito ilhado em seu mundo o que se reflete no controle do apetite e das pulsões. A incapacidade no estabelecimento e manutenção de laços mais amplos evidencia o retorno ao momento psíquico primordial de instalação do eu: a etapa narcísica.

Podemos refletir um pouco sobre isso atentando para os estatutos do corpo em psicanálise. O corpo tem sido tradicionalmente visto pela psicanálise paralelamente ao

discurso da linguagem. Isso funcionou, durante muito tempo, para que alguns críticos argumentassem que a psicanálise negligenciava o corpo e priorizava exclusivamente o discurso. Birman (1999) ressalta que alguns teóricos contemporâneos afirmam que essa negligência dada ao corpo contribuiu para que a linguagem e o pensamento ganhassem espaço, cada vez mais abrangente, favorecendo um certo recalçamento da problemática do corpo e seus estatutos.

De acordo com Fernandes (2002) na contemporaneidade deve-se salientar que “a inclusão de novos conceitos ao arsenal do saber psicanalítico permitiu uma fertilização da escuta do corpo na clínica para além das somatizações, abrindo campo para as aproximações e diferenças entre determinados quadros clínicos e as neuroses clássicas, as toxicomanias, os transtornos alimentares, as perversões, etc.” (p. 53). Deve-se reconhecer ainda, segundo Fernandes, que quando a psicanálise se vê enredada com o adoecer do corpo, a tendência é realizar uma ampliação de seu campo clínico, resultando, necessariamente, em uma ampliação de seu campo teórico.

Gantheret (1971) salienta que a inclusão do corpo não pretendeu ser um projeto deliberado de Freud e que o corpo só fez sua aparição na psicanálise no momento em que ele se dá conta do inconsciente. Segundo Mandet (1993), o corpo a que se refere a psicanálise é o corpo enquanto objeto para o psiquismo, é o corpo da representação inconsciente, o corpo investido numa relação de significação, construído em seus fantasmas e em sua história.

Assoun (1995) observa, porém, que não se pode tratar o corpo como um conceito psicanalítico específico. Para o autor o corpo designa

“(...) ao mesmo tempo uma profundidade, um dentro insondável, e uma superfície, um horizonte de visibilidade insuperável. No plano terminológico, essa distinção recorta, em parte, a do *Leib* e do *Körper*. [...], no *Leib* relativo aos mitos do nascimento, ou ainda como fonte das

excitações internas [...]. O *Körper* em referência aos processos somáticos, ao próprio corporal. Esse paradoxo se resolve por um meio termo que relaciona a profundidade, de certa forma, com a superfície, a saber, o sintoma: aquilo que goza dos poderes do *Leib* e que modifica o *Körper*” (Assoun, 1995, p. 177)

Tal diversidade semântica aludida por Assoun possui importantes ressonâncias no discurso freudiano sobre o corpo. Freud, ao articular uma teoria da sexualidade, inicia uma verdadeira revolução na concepção de corpo, revolução esta que, se estruturando a partir do corpo *Soma*, corpo da pura necessidade, vai desembocar na noção de corpo erógeno, inserido na linguagem, na memória, na significação e na representação, ou seja, vai se constituir como corpo próprio da psicanálise.

A concepção do conceito de corpo em psicanálise

Podemos perguntar do que realmente estamos falando quando dizemos corpo próprio da psicanálise. Para conhecermos o significado desta indagação na trajetória do pensamento freudiano, concernente ao conceito de corpo, vamos percorrer na seqüência os principais momentos de sua teoria relacionados à concepção do corpo em psicanálise. O momento inicial está estreitamente associado ao campo da biologia, quando Freud estabelece a ruptura metodológica, uma cisão que opõe corpo biológico e o corpo psicanalítico (1893-1899). Em seguida, podemos observar a passagem importante que se dá do corpo auto-erótico e fragmentado (1905) para o corpo unificado pelo narcisismo (1914). Isso abre espaço para a retomada do conceito de pulsão (1915), que mais tarde (1920) desembocará no segundo dualismo pulsional, a criação da segunda tópica e o surgimento do eu corporal (1923).

O corpo sintoma da histeria

Para Mezan (1998) a incidência dos valores morais sobre a personalidade de cada indivíduo interessou Freud. No final do século XIX e início do século XX, as doenças nervosas mostravam comportamentos estranhos, sintomas considerados incompreensíveis do ponto de vista da medicina. Freud, ao começar a questionar a razão de tais sintomas, acabou desenvolvendo um método de trabalhar com estes pacientes.

Desde o início Freud se preocupa em compreender o funcionamento da psique humana, ou seja, propõe-se a construir uma teoria capaz de dar conta da origem das manifestações das doenças ditas incompreensíveis para a medicina da época. Também propõe mostrar a eficácia do método que tinha inventado - a situação analítica. A psicanálise seria definida pelo sexual, não no sentido biológico, mas sim pelo sentido erótico. Já em 1895, nos *Estudos sobre a histeria*, Freud afirmava que o corpo da histérica (ou a própria histeria) só poderia ser definido se fosse considerada não somente a anatomia (as paralisias, as afasias), mas a condição da representação corporal presente no imaginário social.

Quando Freud decide que as histéricas, acusadas de mentirosas, têm o direito de falar e leva a sério o que elas dizem, ele constitui um novo campo. Daí se apercebe que as pessoas, ao falarem, dizem mais do que imaginam estar dizendo. Cria, então, o conceito-chave de inconsciente e percebe que este obedece a uma certa lógica; a partir daí, concebe a noção de repressão ou recalque.

Freud observa que as coisas esquisitas de que as pessoas se queixam na verdade têm um sentido, uma motivação desconhecida para o indivíduo (inconsciente), porque a cadeia causal que conduziu até a formação dessa manifestação se encontra rompida. Desta forma o que aparece são pedaços dispersos. Freud se vê às voltas com as conseqüências lógicas das

noções que vai construindo para dar conta dos fenômenos, aparentemente estranhos e sem sentido, com os quais se depara. Contudo, aos poucos, é confrontado com o fato de que boa parte das idéias reprimidas têm um significado sexual. Daí a perceber que a vida sexual das pessoas, no final do século XIX, é motivo de grande infelicidade é apenas um passo. E é exatamente a sexualidade que se encontra na posição de ser recalcada e de continuar produzindo efeitos a partir de sua localização, isto é, a partir do inconsciente.

Durante anos Freud trabalhou com as histéricas insistindo em que elas deveriam se lembrar de suas experiências anteriores para se livrar de seus sintomas. Nessa época a análise partia de um interrogatório a respeito do que estava mais presente na consciência. O fazer psicanalítico consistia em levar o paciente a falar, algumas vezes de forma insistente, até que Freud percebeu que mesmo na fala espontânea as lembranças também poderiam vir. A palavra que se fazia presente no trabalho de psicanálise sempre dizia respeito, mesmo que de forma disfarçada, a algo da sexualidade, portanto, proveniente do corpo. A palavra na histeria mostrou a Freud um certo modo de organização da sexualidade, isto é, a cena da qual o paciente é levado a se lembrar, e que não lhe é indiferente, narra sempre uma experiência sexual. Mas não qualquer experiência, mas uma experiência precoce na qual o sujeito é imaturo do ponto de vista sexual.

Ao trabalhar com as histéricas Freud percebe que a fala delas afeta o seu corpo. O que a histérica mostra é algo de si, em seu corpo, pela via do sintoma. É o sintoma que faz o diálogo; o que sobressai desse diálogo, desse discurso, é a idéia da presença de um conflito inconsciente que remete a um desejo de ordem sexual. O corpo da histérica, evidenciado pelo fenômeno da conversão, tende a expressar o psíquico obedecendo a lei do desejo inconsciente, coerente com a história do sujeito. De acordo com Assoun (1995) a conversão

“é a mutação em corporal dessa soma de excitação que é liberada de sua repressão e tem por efeito neutralizá-la” (p. 178). É aí que Freud vai localizar aquilo que é característico da histeria.

Pensar sobre a origem dos sintomas na histeria começa a revelar a Freud que as cenas originárias ou cenas traumáticas, que lhe eram reveladas por suas pacientes tinham cunho sexual, ocorreram num período de imaturidade sexual, isto é, eram experiências precoces na qual o sujeito era imaturo do ponto de vista sexual. Em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905 [1901]) - caso Dora - surge para Freud a idéia da sexualidade infantil na determinação dos sintomas e fantasias histéricas. O corpo entra em cena na psicanálise fazendo sua relação com o sintoma.

É na prática clínica com as histéricas, portanto, que Freud começa a pensar sobre o estatuto do corpo na psicanálise. O discurso freudiano passou a afirmar que o corpo na histeria não poderia mais ser confundido com o corpo da medicina e da anatomia, nem ser regulado por seus estatutos. Com isso Freud abre uma ruptura com a medicina da época ao instituir realidade ao corpo da histérica que, desta forma, foi transformado em paradigma ao delinear uma nova leitura sobre a corporeidade.

Do trabalho clínico de Freud com as histéricas surge, ainda de uma forma incipiente, o corpo psicanalítico - marcado pelo desejo inconsciente, sexual, e atravessado pela linguagem - que se contrapõe ao corpo biológico - constituído pelos órgãos e sistemas funcionais, o organismo físico. O corpo da psicanálise que evidencia a sexualidade traz à tona, posteriormente, uma lógica dada pelo erotismo e regulada pelo desejo.

Desta forma o corpo em psicanálise já não pode ser definido somente pelo conceito de organismo, nem pelo conceito puro de somático. Com isso talvez já se possa afirmar não

que o sujeito tem um corpo, mas que o sujeito é um corpo, pois se está falando de algo que é uno na subjetividade e na corporeidade, uma articulação singular.

O corpo pulsional

Com a leitura freudiana de interpretação da sexualidade das histéricas foi sendo construída uma metapsicologia do corpo em Freud. Assoun (1995) considera que o conceito *princeps* da metapsicologia freudiana é a pulsão (*Trieb*), designado por Freud como conceito fundamental e definido como limite entre o psíquico e o somático. De acordo com Assoun (1995) a pulsão é o conceito principal porque fundamenta a metapsicologia. Segundo ele, o que se encontra na pré-história da pulsão é a excitação e o próprio corpo como fonte da excitação. Corpo e excitação se situam, nesse sentido, aquém do objeto metapsicológico. Para Assoun, em Freud, “o corpo não é causa de nada, nem da pulsão, nem do prazer de órgão, mas sem a corporeidade nada seria possível” (p. 182).

Como já ressaltado, para a psicanálise a sexualidade tem um lugar marcante na constituição do sujeito. Essa sexualidade, que em Freud tem uma multiplicidade de significados e não um sentido único, seria não só da ordem do biológico, mas também da linguagem. Birman (1999) afirma que em Freud a sexualidade se inscreve na fantasia, sendo esse o campo do erotismo, onde a fantasia é a matéria-prima da sexualidade. Se em Freud a fantasia se materializa no registro do corpo não se pode, porém, esquecer que o corpo aqui considerado não é o somático, mas sim o corpo que ultrapassa este registro e é marcado pelas pulsões. Birman acrescenta que quando Freud revê sua teoria da sedução não mais trazendo o trauma real, ele desloca o erotismo para a fantasia inaugurando uma outra visão sobre a sexualidade, libertando-a da forma como era vista desde então.

Uma grande revolução na metapsicologia freudiana se deu quando Freud postulou a existência da sexualidade infantil dizendo que as crianças, e não apenas os adultos, também seriam sexualizadas, na medida em que também seriam permeadas pelas pulsões sexuais. No primeiro parágrafo dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud introduz a palavra libido fazendo referência àquilo que designa a necessidade sexual. No parágrafo seguinte Freud traz a sexualidade para a infância afirmando, claramente, que é falsa a idéia de que a sexualidade estaria ausente na infância, manifestando-se apenas na puberdade com o objetivo precípua da união sexual. Isso causou uma extrema reviravolta na questão da teoria infantil.

A teoria sobre a sexualidade infantil, essencial para se pensar a constituição do psiquismo, não se deu sem pressupostos. Freud, inicialmente, não admite a possibilidade de uma sexualidade infantil. Contudo, ao ouvir a histérica, apreende em seu discurso uma cena de sedução precoce na qual aparece um adulto, perverso, que seduz a criança. Isto, a seu ver, geraria um trauma psíquico que seria recalcado transformando-se num núcleo patogênico. Porém, como não havia sexualidade infantil, a afirmação “sedução sexual” também não se encaixaria tão bem. Freud propõe, então, uma ação traumática em dois tempos: a cena inicial seria vivida pela criança, mas seus efeitos não seriam imediatos, uma vez que a criança não dispõe de requisitos necessários de maturidade biológica ou de compreensão intelectual para que ela os produza; na puberdade, uma outra cena viria evocar a primeira que assumiria, assim, todo o valor traumático. Não é, pois, o passado que é traumático, mas a lembrança do passado a partir da experiência atual. Em 23 de setembro de 1897, numa carta a Fliess, Freud questiona sua teoria da sedução sem ainda chegar a uma conclusão que o satisfizesse. Apesar disso Freud se diz esperançoso de que sua reflexão represente um episódio prenunciador de novo conhecimento. Este novo conhecimento se daria pela superação da teoria da sedução e

implica em duas descobertas: o papel da fantasia e a sexualidade infantil. Desta forma a sexualidade concebida primeiramente como traumática em Freud perde essa característica, se bem que a sedução real foi ainda mantida, isto é, permanece uma cena de sedução ligada aos cuidados maternos. Neste momento teórico Freud postula que tais cuidados poderiam ser considerados aquilo que introduz a sexualidade na criança.

No discurso freudiano a condição da sexualidade é ser polimorfa, o que significa que esta tem uma pluralidade de objetos possíveis. O corpo sexual, em Freud, está fragmentado em diversas zonas, denominadas por ele zonas erógenas, que são lugares privilegiados onde se estabelecem as relações entre o dentro e o fora do corpo. Como ressalta Freud (1905), a zona erógena é “uma parte da pele ou membrana mucosa em que os estímulos de determinada espécie evocam uma sensação de prazer possuidora de uma qualidade particular” (pp.187-188). Quanto à questão da polimorfia, diz Freud (1905): “a qualidade do estímulo tem mais a ver com a da sensação de prazer do que a natureza da parte do corpo em questão”, e acrescenta: “uma criança que está entretida com o sugar sensual procura no corpo e escolhe alguma parte dele para sugar - uma parte que é posteriormente preferida por ela por força de hábito; se ela por acaso tocar numa das regiões predestinadas (tais como os mamilos ou os órgãos genitais) esta sem dúvida retém a preferência” (p. 188).¹²

Ao enunciar o conceito de pulsão nos *Três ensaios ...* Freud transforma o conceito em seu estado prático, conferindo-lhe um estatuto teórico, de forma a poder fundamentar a teoria psicanalítica da sexualidade. Freud introduz o tema da sexualidade via perversão, supondo ser esta a porta de entrada para a sexualidade. A partir daí mostrou que a sexualidade

¹² É importante ressaltar que em 1915 Freud acrescenta uma nota de rodapé à página 188 dos *Três ensaios...*, dizendo que foi levado a atribuir a qualidade de erogeneidade a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos.

infantil é a base comum para a perversão, a neurose e a sublimação que emergem não como desvios da sexualidade, mas como conservantes das características da sexualidade infantil.

O conceito de pulsão foi concebido como algo fundamental que ancora o psiquismo no corpo, isto é, o registro psíquico não seria apenas algo da ordem da idealidade, mas movido pelas pulsões. Desta maneira Freud pode transformar a concepção dualista vigente em sua época sobre as relações entre corpo e psiquismo indicando que a pulsão seria o lugar onde se daria o encontro. Para tanto, ele teve de opor os registros do organismo e do corpo, porque o corpo pulsional não se identificaria com o conceito biológico de somático. É como corpo pulsional que o corpo pode ser auto-erótico e narcísico. Além disso, como força constante e exigência de trabalho imposta ao psiquismo pela sua ligação com o corpo, a pulsão seria origem e um dos fundamentos do sujeito.

Primeiramente, no artigo de 1905, na primeira dualidade pulsional, Freud supôs uma oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, sendo as primeiras referenciadas ao campo dos objetos e as segundas, ao campo do eu. Nessa época ele acreditava que o eu seria regulado pelo interesse do sujeito na sua autoconservação, e não de maneira sexual. Contudo, a pulsão não estava no corpo somático; ela nascia dele, mas não podia a ele ser reduzida. Freud, ao tratar do conceito de pulsão sexual (em oposição à pulsão de autoconservação) na sexualidade infantil, preenche um espaço aberto pelo abandono da teoria da sedução parental. Como sintetiza Bastos (1998): “O corpo sexual é o corpo infantil seduzido e apossado pela pulsão. Ele não surge com a puberdade. É produto da sexualidade infantil. A sexualidade infantil nasce apoiando-se nas funções vitais promotoras de excitações corporais indistintas na sua origem que, no divórcio entre a necessidade e o desejo,

configuram, de um lado, o corpo das necessidades vitais e, de outro, o corpo do desejo sexual” (p. 75).

Em *À guisa de introdução ao narcisismo* Freud postula as conseqüências para uma interpretação do eu sobre um psiquismo fundado nas pulsões. Diz ele:

“Do mesmo modo que, de início, a libido objetal encobria nossa visão da libido do Eu, também na escolha objetal da criança pequena (e das maiores), o único fato que se pode primeiro observar é que a criança toma seus objetos sexuais a partir de suas experiências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são vividas em conexão com funções vitais que servem ao propósito da autoconservação. As pulsões sexuais apóiam-se, a princípio, no processo de satisfação das pulsões do Eu para veicularem-se, e só mais tarde tornam-se independentes delas. Esse modo de apoiar-se nos processos de satisfação das pulsões de autoconservação para conseguir veicular-se fica evidente quando se observa que as pessoas envolvidas com a alimentação, o cuidado e a proteção da criança se tornam seus primeiros objetos sexuais, portanto, primeiramente a mãe ou seu substituto” (Freud, 1914, p. 107)

De acordo com essa postulação abriu-se espaço para a descoberta da existência de um outro tipo de relação, ou um outro tipo de escolha objetal que não adota a mãe como modelo, e que tem a si mesmo como objeto amoroso. Essa descoberta de um tipo de escolha narcísica abriu espaço para a erotização do eu e, com isso, as pulsões do eu, de ordem exclusivamente sexual, e as pulsões de autoconservação, também no campo do eu, passaram a coexistir na mesma pessoa. Desta maneira estabelece-se dois tipos de escolha objetal: anaclítica (ou de ligação) e narcisista que passam a estar abertas a cada pessoa. É importante ressaltar que em nota de rodapé do artigo *Três ensaios ...*, acrescentada em 1915, Freud afirma que: “A psicanálise nos informa que há dois métodos de encontrar um objeto. O primeiro (...) é o ‘anaclítico’ ou de ligação, baseado na ligação a protótipos infantis primitivos. O segundo é o narcísico que procura o próprio ego do indivíduo e o encontra novamente em outra

pessoa. Este último método é de importância bastante grande nos casos em que o resultado é patológico (p. 229)”. O eu e os objetos polarizam, por assim dizer, a sexualidade que se abre para a existência de uma libido do eu e uma libido do objeto, marcando não somente a qualidade do investimento que seria sempre sexual, mas também a sua direção. Isso significa que, de acordo com Freud “(...) o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida (...)” (1914, p.108).

O fato de o bebê humano nascer desprovido de condições básicas de sobreviver por si mesmo faz com que ele necessite de alguém que o acolha e que dele cuide. Esta prematuridade, que é de ordem estritamente biológica, exige um trabalho de cuidados realizados, via de regra, pela mãe, que acolhe o bebê oferecendo-lhe os instrumentos vitais que lhe faltam. A mãe atua favorecendo a constituição da dependência do bebê consigo. Nos *Três ensaios...* Freud chamou de sedução este investimento inicial da mãe ao bebê. Portanto, esta ligação tem um conteúdo sexual e está imbricada na constituição do eu, uma vez que este eu vai se constituir com a presença desse outro.

O corpo narcísico: princípio de subjetivação

A concepção do narcisismo em Freud corresponde a uma etapa na assunção do corpo próprio. No narcisismo o corpo começa a ser elevado à condição de si pela sua própria erotização. Inicialmente as zonas erógenas estão num registro dispersivo no corpo que posteriormente será unificado, constituindo um corpo totalizado. Essa totalidade se ordena em torno de uma imagem que é denominada imagem corporal. Seria através do outro que a unidade corpórea seria prefigurada e antecipada. De acordo com Birman (1999) “a resultante dessa operação é a construção do eu e do corpo unificado que são as duas faces da mesma realidade, pois para o sujeito a experiência de ter e ser eu implica para ele habitar um corpo

unificado. A condição de unificado remete à noção de ser um, uno, eu, matéria, corpo que se inscreva no espaço e no mundo” (p. 35).

Se o corpo pulsional remete a uma dispersão da pulsão, o corpo narcísico se refere a uma unidade do corpo realizada pela presença significativa do outro. Esse corpo que tende à unificação, corpo do narcisismo, seria o correlato da constituição do eu. Para Freud a pulsão é uma força constante e o corpo pulsional é a matéria-prima para a construção do corpo narcísico.

Freud (1914) nos mostra que o eu possui uma natureza dupla, uma espécie de assimetria que vai se constituir na presença do outro, isto é, a unificação do corpo pelo olhar do outro seria constitutivo do eu. Contudo, esse olhar seria um olhar idealizante dos pais, na medida em que o narcisismo deles vai ficar evidenciado diante de seu filho, pois os pais esperam que esta criança possa ser e fazer todas as coisas que eles mesmos, pais, não puderam realizar. O eu da criança seria, então, uma espécie de utopia redentora das decepções e feridas narcísicas paternas, uma vez que estaria realizando tudo aquilo que não foi realizado na existência dos pais. Ora, diz Freud, esta imagem perfeita da criança é a imagem que o olhar dos pais mostra: “se trata de uma revivescência e de uma reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado” (1914, p.110) em que esse amor, “(...) tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar num amor objetal, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza” (1914, p.110). Esse eu do sujeito seria, na medida em que esse olhar dos pais é um olhar idealizante, proveniente de seu próprio narcisismo, um eu alienado e produto da ficção.

A perda dessa posição idealizada sustentada pelo olhar dos pais faz com que o sujeito fique marcado pela angústia correspondente. Por outro lado, todo esse processo acaba

por implicar o rompimento do sujeito com a alienação narcísica e a possibilidade de sua inscrição na alteridade, passando a estar apto a reconhecer a existência de outros ideais além daqueles regidos pelo seu narcisismo (Lazzarini e Viana, s/d).

O corpo da segunda tópica: o corpo é o próprio, a primeira pessoa

Com a introdução da segunda tópica, Freud vai pensar o eu como essencialmente corporal. Segundo Assoun (1995) é aí que a teoria vai nos levar ao mais próximo da teoria freudiana da corporeidade, aquela que compreende o próprio eu – o da segunda tópica – com o afloramento do próprio corporal. Em *O ego e o id*, considerado o texto da segunda tópica, Freud define o eu como instância corporal e, ainda, a projeção de uma superfície. Para ele, o eu passa a estar relacionado com o espaço, com a imagem e com o corpo. A consequência imediata que a segunda tópica trouxe à concepção psicanalítica de corpo é a emergência de uma outra economia da sexualidade nessa tópica corporal, centrada na unidade.

Vale ressaltar que esse texto de 1923 está situado no centro do discurso freudiano que começa a entrever uma outra ordem corpórea, na qual a dor e a morte também se revelam primordiais ao lado do erotismo que passa para o plano secundário. Freud havia introduzido em 1920, em *Além do princípio do prazer*, o conceito de pulsão de morte e de masoquismo fundando a corporeidade também no registro da dor, do trauma e da angústia. Vamos abrir um parêntese para introduzirmos o pensamento freudiano a respeito do conceito de pulsão de morte que, apesar de controverso, se situa também no âmago das discussões sobre os estatutos do corpo em psicanálise.

Laplanche (1998) avalia que, no pensamento freudiano não se pode falar de cronologia simples em que as descobertas acrescentar-se-iam umas às outras; pelo contrário, o pensamento de Freud dedica-se aos fenômenos do *après-coup*, do recalque, do retorno do

recalcado, da repetição e outras. Laplanche complementa que se pode distinguir no pensamento freudiano duas teorias: sexualidade/autoconservação e pulsão de vida/ pulsão de morte que não se substituem, mas se complementam, de tal forma que a segunda reequilibra a primeira. Neste sentido o momento intermediário da introdução do narcisismo é de suma importância, pois permite apreender o eixo em torno do qual gira a evolução dos conceitos.

Na primeira dualidade pulsional, a pulsão sexual é regida pelo princípio do prazer e busca sua satisfação num objeto fruto da fantasia, um objeto fantasioso. Já a pulsão de autoconservação, ou pulsão do eu, necessita de um objeto real. Por isso, a pulsão do eu é obrigada a funcionar dentro do princípio de realidade. Quando Freud faz a introdução do narcisismo na teoria, estabelece que as pulsões sexuais também podem visar a objetos exteriores ou ao próprio eu da pessoa, e que a energia das pulsões sexuais é sempre a libido. Já as pulsões do eu têm como energia os interesses. Ora, se as pulsões do eu são tendências que emanam do organismo (ou do eu no sentido de garantir a conservação) e visam a objetos que estão no exterior (o alimento), o eu é, portanto, objeto das pulsões de autoconservação, mas também sua fonte. Quando investido pelas pulsões de autoconservação o eu é dessexualizado, mas não apenas isto - o eu também se sexualiza quando toma a si como objeto pela pulsão sexual.

Apesar de Freud teorizar muito sobre essas questões no *Caso Schreber*, em *Totem e tabu* e em *Á guisa de introdução ao narcisismo* ele não consegue resolver, de forma satisfatória, as relações entre corpo sexual e corpo somático. Freud continua mantendo o dualismo pulsional, apesar do narcisismo e das dificuldades que a sexualização do aparelho psíquico lhe traziam. Ele coloca ainda que o fato de a libido recobrir as pulsões do eu, não impede que outras pulsões atuem dentro do eu. Esse problema só encontrou solução com a

postulação da pulsão de morte que recolocou o dualismo pulsional. Contudo, esse novo dualismo pulsional não deixa de acarretar dificuldades.

Em *Além do princípio do prazer* Freud postula a grande oposição que iria sustentar até o fim de sua vida (apesar de seus seguidores discutirem muito o conceito): a contraposição entre pulsão de vida e pulsão de morte. De acordo com Laplanche e Pontalis (1983) “as pulsões de vida tendem, não apenas a conservar as unidades vitais existentes, como a substituir, a partir destas, unidades mais englobantes” e, as pulsões de morte “tendem para a destruição das unidades vitais, para a igualização radical das tensões e para o retorno ao estado inorgânico que se supõe ser o estado de repouso absoluto” (p. 537).

Segundo Green (1988), a hipótese freudiana da pulsão de morte levou os analistas a discussões animadas e desviou a atenção o fato de Freud não a opor às pulsões sexuais, mas às pulsões de vida ou pulsões de amor. O autor ressalta que a função sexual e a libido são os representantes de Eros, das pulsões de vida, e que a dificuldade, no que concerne à pulsão de morte, decorre da impossibilidade de poder atribuir uma função a ela que corresponda à da sexualidade em relação à pulsão de vida. Para Green, Freud descreve como mecanismos característicos da pulsão de vida a ligação e da pulsão de morte, o desligamento. Mas, de acordo com Green, é ainda necessário especificar mais:

“Propomos a idéia de que a meta essencial das pulsões de vida é garantir uma função objetualizante. Isto não apenas significa que o seu papel é criar uma relação com o objeto interno e externo, mas que ela se revela capaz de transformar estruturas em objeto (...). Este processo de objetualização não se limita a transformações de formações tão organizadas como o eu, mas pode dizer respeito a modos de atividade psíquica, de maneira tal que o próprio investimento que é objetualizado. (...). Isto explica que a função sexual e seu indício a libido sejam o meio de conhecer Eros, pois este é inconcebível sem incluir o objeto (...). Pelo contrário, a meta da pulsão de morte é realizar ao máximo uma função desobjetualizante através do desligamento. Esta qualificação permite compreender

que não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste – o eu, por exemplo, e o *próprio investimento à medida que sofreu o processo de objetualização*. (...). A manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento” (Green, 1988, pp. 59-60).

Que papel atribui Freud à noção de pulsão de morte numa teoria da corporeidade?

Deve-se notar que, mesmo para ele, a pulsão de morte está baseada, antes de qualquer coisa, em considerações puramente especulativas. Os fatos da clínica mostraram a Freud que ele poderia tirar partido do novo dualismo pulsional, principalmente os fatos concernentes às questões do masoquismo, à reação terapêutica negativa e o sentimento de culpa dos neuróticos. Para ele esses fatos realçam a crença de que o funcionamento psíquico não é exclusivamente regido pela tendência ao prazer. Na realidade, segundo Laplanche e Pontalis (1983) “o que Freud procura explicitamente destacar pela expressão pulsão de morte é o que há de mais fundamental, isto é, o retorno a um estado anterior e, em última análise, o retorno ao repouso, o que ele assim designa é o que estaria no princípio de qualquer pulsão” (p. 535). Nesta perspectiva, de acordo com os autores, pode-se ver ainda, na tese defendida por Freud sobre a pulsão de morte, uma reafirmação do que ele sempre considerou ser a própria essência do inconsciente, isto é, uma mutação à função última atribuída à sexualidade. Laplanche e Pontalis pontuam que: “Esta (a sexualidade), efetivamente, é sob o nome de Eros definida já não como força disruptora, eminentemente perturbadora, mas como princípio de coesão: é a ligação” e o alvo da pulsão de morte “é pelo contrário, dissolver os agregados, e assim destruir as coisas” (p. 536). Podemos ver, nesta afirmação, o que diz Green a respeito das funções de ligação e desligamento referentes às pulsões de vida e às de morte, respectivamente. A pulsão, nessa postulação, não é mais um fator que pressiona para o desenvolvimento, mas um esforço em direção à inércia, ao inanimado.

A pulsão de morte aparece na obra de Freud com diferentes enfoques. Contudo, é curioso observar que em 1920 Freud tentou tratar a pulsão de morte basicamente pelo vértice da biologia. Mas este, porém, não conseguiu elucidar o conceito. Como pontua Bastos (1998): “Sem dúvida alguma, o conservadorismo (e a mutação) são fenômenos presentes na biologia mas o que justifica a repetição pulsional é a nunca encontrada satisfação pulsional, o nunca alcançado estado nirvânico que a leva a manter seu circuito. Isto significa dizer que o equilíbrio orgânico se mantém em um registro paralelo ao pulsional, fora da representação, no corpo-organismo-vivo” (p. 132). Isso implica em dizer que esse corpo orgânico, não representado, se mantém numa inter-relação com o corpo sexual revelando ora uma autonomia, ora uma superposição: a pulsão sexual se apossa do organismo, traçando caminhos ao mesmo tempo em que garante os pontos de fixação da libido.

Retomando as considerações referentes à segunda tópica freudiana, referenciadas no início deste item, dizíamos que no texto de 1923, *O ego e o id*, a noção de corpo vem associada à noção de eu. Freud trata nesse texto o eu como “a projeção de uma superfície” (p.40). Ele destaca a posição que o eu ocupa, ou seja, o eu está voltado para a realidade cuja importância funcional “se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele” (p. 39), destacando-se do isso para cumprir essa função. É ao eu que Freud vê atribuída à corporeidade. Paralelamente a isto, Freud diz que, “um outro fator, além da influência do sistema pré-consciente, parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do ego e sua diferenciação do isso. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas” (p. 39). É nesse sentido, que vamos também entender o eu como fundamentalmente corporal.

Assoun (1995) evidencia que quando Freud diz que o eu é corporal nós devemos compreender isto como: “o eu e o corpo estão estruturados, segundo a lógica das superfícies”, ou seja, “não que o eu é análogo ao corpo, mas que a emergência da subjetividade se faz segundo esta lógica corporal da projeção” (p. 188). Portanto, podemos considerar neste sentido que o corpo é o próprio, a primeira pessoa.

No texto de 1923, em uma nota de rodapé datada de 1927, Freud enfatiza a ligação do eu ao corpo próprio: “o eu em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo além de representar as superfícies do aparelho mental” (p. 40). Em suma, o eu é mais uma subjetivação da superfície corporal do que uma aparelhagem mental do corpo; ele é mais efeito da emergência do corpo como próprio do que como produto acabado de uma experiência corporal.

Para Assoun (1995) o corpo freudiano é, ao mesmo tempo, mais complexo que um corpo empírico (corpo substância), mas menos rico que um corpo doador de sentido (corpo da fenomenologia): “é o ser mesmo da projeção elevado ao nível de para-si” (p.189). Podemos entender que é como corpo que o eu se atinge, ou seja, nas palavras de Freud (1923) “é como se fossemos assim supridos com uma prova do que acabamos de asseverar quanto ao eu consciente: que ele é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal” (p. 41).

Fernandes (2002) pontua que o corpo psicanalítico se apresenta ao mesmo tempo como o palco onde se desenrola o jogo das relações entre o psíquico e o somático e como personagem integrante da trama das relações. A autora enfatiza ainda que essa dupla inscrição se evidencia no conceito de pulsão, ao colocar o corpo ao mesmo tempo como fonte de pulsão e como finalidade. Portanto, a teoria freudiana permite colocar em evidência que o somático

habita um corpo que é também lugar de realização de um desejo inconsciente. Fernandes questiona que se o corpo psicanalítico aparece como palco, lugar de encenação das relações entre psíquico e somático, ele [o corpo] não se confunde apenas com um organismo físico. De fato, esse corpo é regido segundo uma dupla racionalidade: a do que é somático e do que é psíquico. Segundo a autora a racionalidade que rege o psíquico “se fundamenta no encontro do ser humano com a trama das relações parentais que constrói o psíquico na primazia da erogeneidade” (p. 54). O corpo é, portanto, lugar da passagem do outro, lugar de onde nasce o sujeito. Sendo assim, pode-se dizer que a grande inovação freudiana foi precisamente considerar essa dupla racionalidade como articulada pelo desejo inconsciente, mas cuja leitura se dá no corpo.

Birman (2000) ressalta que o corpo em psicanálise pode ser definido como sendo um corpo sujeito, marcado pelo outro, pela linguagem. Esse corpo, de acordo com o autor, deixa de ser corpo como condição de organismo e se assujeita, isto é, passa a ser habitado pelo outro, implicando uma condição relacional –eu/outro: “Pode-se conceber o eu-corpo como território criado sobre o organismo, pelos remanejamentos das forças pulsionais orquestradas pelo outro” (Birman, 2000,p.64).

Com esse percurso podemos asseverar que desde Freud o corpo encontra espaço na psicanálise, pois foi o próprio Freud quem inaugurou esta escuta ao ouvir o corpo das histéricas encontrando um caminho que possibilitou livrá-las de seu sofrimento. De acordo com Birman (2000) os analistas na contemporaneidade deveriam retomar, sempre que possível, aos fundamentos freudianos, principalmente os relacionados aos conceitos de narcisismo e pulsão, a fim de compreenderem melhor os destinos da dor no mundo

contemporâneo, e reconhecerem os lugares do afeto e do corpo nas representações psíquicas, uma vez que o sofrimento psíquico se manifesta também, e principalmente, no corpo.

De acordo com Freire Costa (2003) o corpo, ou a imagem corporal eroticamente investida, é um dos componentes estruturantes da construção da identidade do indivíduo que depende, assim, da relação que ele cria com seu corpo. Para o autor é necessário que o corpo seja fonte de vida e prazer a fim de facilitar ao sujeito a criação de uma estrutura psíquica harmoniosa. O sujeito tem que viver de maneira satisfatória o seu corpo, procurando deixá-lo livre de dores e sofrimentos, para que não seja odiado ou negado.

O discurso do corpo narcísico

Após percorrermos sobre os destinos do corpo em psicanálise podemos asseverar que o corpo tem sempre algo a dizer. De acordo com Queiroz (2000) os estudos sobre as psicoses, perversões e doenças psicossomáticas revelam uma realidade de discurso do corpo que denuncia uma falha no mecanismo da representação e impede o vivido de ser representado por palavra. A autora sintetiza as formas que assumem os diversos discursos do corpo na psicanálise. Diz ela que nas psicoses o corpo torna-se signo da castração, ficando forcluído. Sem a representação da falta não haverá dialética possível entre eu-corpo e outro, porque este invade o primeiro deixando-o em total estado de diferenciação. Nesse caso a voz do outro fala por ele. Nos fenômenos psicossomáticos, retoma Queiroz, parece haver uma subversão da dialética eu-corpo e outro: o corpo ocupa o lugar do outro e fala no lugar da linguagem sendo que esse estado designa uma condição anterior à entrada do sujeito na linguagem. E, por fim, alude a autora, o discurso do perverso se situa na imagem que ele

guarda da castração do corpo do outro tentando encobrir no corpo a falta com um véu, de modo a não ver, vendo.

Nessa linha de raciocínio qual seria o discurso do corpo narcísico? Pensamos que na condição narcísica o corpo parece dizer da precariedade de fronteiras, ou seja, uma dificuldade em não conseguir exercer uma de suas funções mais básicas, qual seja, a de colocar os limites necessários entre o eu e o outro. Com essa incapacidade o objeto tende a se fundir com o eu do sujeito provocando uma sensação de transbordamento. Para que isso não aconteça o corpo tende a se fechar à entrada de algo que venha de fora, pois, nessa condição, passa a ser vivido como uma experiência de invasão contra a qual o sujeito necessita se contrapor para manter sua integridade. A consequência do fechamento pode assinalar uma dificuldade de discriminação entre dentro e fora e o estabelecimento de uma precária fronteira entre sujeito e objeto. Isto pode ser evidenciado na ausência de autonomia do sujeito e a dificuldade de diferenciação das figuras parentais nos primórdios da vida do sujeito.

Green (1988) articula três formas do narcisismo individualizadas em: narcisismo moral, narcisismo intelectual e narcisismo corporal que se apresentam como variantes do investimento. Segundo Green, assim como a relação narcisista é inseparável da relação objetal também as formas de manifestação do narcisismo são inseparáveis entre si.

Nas condições narcísicas acima mencionadas, segundo Green (1988), tais sujeitos tenderiam a ocupar um lugar de indiferença absoluta e defensiva parecendo estar acima do bem e do mal, nada podendo lhes atingir (principalmente no narcisismo moral). Green fala que estes sujeitos narcisistas são indiferentes às paixões humanas podendo apresentar duas dinâmicas distintas: a dinâmica da culpa e da vergonha, ambas num movimento de oscilação.

Como vimos em capítulo anterior o sujeito do universo da culpa seria o sujeito cuja vinculação objetal está em vigor. É um sujeito que de alguma maneira está submetido à lei, a castração, um sujeito que sabe que pode ser punido e que, portanto, está submetido à ética da justiça. O sujeito do universo da vergonha é o sujeito que, diferentemente do sujeito da culpa, não se sente responsável pelo que lhe falta, é uma vítima do destino. Se na culpa a saída se dá pela punição, na vergonha não há possibilidade desta saída e, portanto, o indivíduo fica parado sofrendo com a carga de irresponsabilidade.

De acordo com Green o narcisismo intelectual está estreitamente associado ao narcisismo moral e esconde uma forma de pseudo-sublimação, uma hipertrofia dos investimentos dessexualizados, uma oportunidade de deslocamento das pulsões parciais pré-genitais. No narcisismo intelectual a vergonha surge em resposta ao fato desse sujeito ser dotado, como todo ser humano, de uma vida pulsional, ou seja, a vergonha se desloca para a atividade intelectual que esconde “o desejo de absolvição para os restos de vida pulsional que continuam a atormentar o eu” (1988,p.203).

Mas é sem dúvida o corpo no narcisismo corporal, e todos os fluidos que dele emanam, a questão mais complicada. Este sujeito narcisista vai se constituindo como sendo aquele que tem uma enorme vergonha de ser um sujeito pulsional, libidinal, um sujeito submetido ao desejo, à excitação, ao corpo, porque o corpo na sua materialidade é uma coisa insuportável, pois mostra a submissão do sujeito a um limite: “O corpo como aparência, fonte de prazer, de sedução e de conquista do outro é banido. No narcisista moral, o inferno não são os outros (porque o narcisismo se desfez deles), mas o corpo”, ressalta Green (1988,p.204).

Tudo aquilo que aponta para o fato de que este sujeito é um simples mortal, isto é, que está submetido ao desejo, à lei, ao limite, enfim à velhice, à feiúra, tudo isto é

insuportável, pois precisamente o que está em jogo aqui é esta purificação, esta tentativa de atingir um limite do ascetismo, do puro, daquele que não necessita de nada, que não é poluído, não é contaminado por nada num movimento libidinoso, pulsão como forma de contaminação. “O corpo é seu senhor absoluto –sua vergonha” (Green,1988,p. 204) e esta vergonha faz parte da contaminação. Entretanto, observa Green, é notável que este mal estar de estar neste corpo, contornado por esta pele, sinal de sofrimento, pode também ser sinal de vida, pois, segundo ele, o sofrimento é a prova de que algo existe em estado vivo.

Piera Aulagnier (2002) ressalta que a condição para que o eu possa investir libidinalmente no corpo, suporte necessário à sua existência, é a de inocentar o próprio corpo do sofrimento e da sua condição de mortalidade. Inocentar o corpo do sofrimento e da morte, segundo a autora, custa ao sujeito o constante esforço psíquico de atribuir a algum outro ou a si mesmo a responsabilidade por este sofrimento e por esta morte. Complementarmente toda ameaça de morte ou sofrimento vai exigir do sujeito um superinvestimento do corpo que, como procuramos mostrar em Freud, é um investimento narcísico. Ocorre que essa atribuição da responsabilidade a si e o superinvestimento narcísico do corpo não podem, de acordo com Aulagnier (2002), tornar-se um estado permanente do funcionamento psíquico. Para que essa responsabilidade não venha instalar-se o sujeito necessita do apoio do outro nas suas ligações e, por extensão, necessita da ajuda da cultura. Através do que Aulagnier chama de contrato narcísico, a cultura legitima os álibis que permitem ao indivíduo inocentar a si e ao corpo da responsabilidade pelo sofrimento e pela morte, porém, quando este suporte cultural falha abre-se a possibilidade da instalação da patologia.

No universo social contemporâneo no qual ocorre a prevalência do consumo e do investimento do corpo, o que parece acontecer é a quebra do contrato narcísico tradicional.

As grandes mudanças da atualidade tendem a retirar do sujeito os recursos clássicos empregados na manutenção da imagem amorosa do eu e do corpo. A cultura, assim constituída para subsistir, induz o sujeito a crer que a responsabilidade pelo sofrimento ou morte do corpo compete ao próprio eu do sujeito. É ele que não cuida do corpo e, portanto, este vai perecer. O sujeito é levado a crer que a inexorabilidade do tempo é sua responsabilidade e que a intensidade do *stress* é sua culpa.

O pacto cultural toma outro rumo, ou seja, para que a cultura seja poupada, culpa-se o sujeito. O *stress* existe, mas se o sujeito quiser e tiver competência pode detê-lo e, se não conseguir, vai ter punição merecida pela irresponsabilidade com que tratou seu corpo. Na atual cultura contemporânea o eu é cada vez mais coagido a considerar-se autor ou cúmplice desses crimes contra o corpo. Para não ser sobrecarregado demais o eu pode vir a criar mecanismos de sobrevivência que incluem condutas psicológica e culturalmente mais estáveis, mais rotineiras que possam dar conta da ansiedade, da depressão e da fadiga crônica.

Os elementos culturais são internalizados pelos indivíduos por meio de identificações incorporadas ao ideal do eu. Porém, se o contato não encontra bases reais de sustentação nas diversas qualificações ilusórias que a cultura recebe - cultura do simulacro, indústria cultural massificada, cultura da imagem, sociedade de consumo -, findando por obter apenas níveis fantasiosos de ligação, pode ocorrer que a libido que deveria estar sendo dirigida para o outro só encontre caminho no represamento do eu, de tal forma que entre o eu e seu ideal se cria uma barreira intransponível a qual o indivíduo pode tentar transpor ou, então, se manter em estado regredido de funcionamento narcísico, mas ambos ao custo de um desequilíbrio psíquico. Na seqüência vamos procurar alcançar os desdobramentos dessas condições ao analisarmos as vicissitudes do narcisismo na clínica contemporânea.

CAPÍTULO IV

Narcisismo, suas vicissitudes e a clínica

“Que angústia! Vivemos num mundo em forma de mãe! A sala, sua casa ou seu apartamento podem ser um espaço materno. Aliás a empresa na qual você trabalha também é um sistema que pode servir de mãe, boa ou má. Desde sempre, chama-se a universidade de Alma Mater. A igreja é claro, é nossa Santa Mãe, e também a pátria, a Mãe-Pátria. A viagem ao centro da Terra é, naturalmente, uma viagem no corpo da mãe. Tudo se organiza num dentro fora. [...]. Ninguém escapa.

Escritos clínicos
Serge Leclaire

Tem havido uma crescente preocupação por parte dos psicanalistas contemporâneos com a modificação do perfil da demanda clínica que remonta à fins do século passado. O que vem sendo observado é um progressivo deslocamento dos quadros neuróticos para as patologias do narcisismo fazendo-se pertinente uma revisão nos aspectos relacionados a essa demanda e a clínica da atualidade. Depressão, drogadição, anorexia, bulimia, síndromes complexas de toda ordem constituem reflexos de uma cultura que passa por momentos de indefinição e mudança com relação a valores sociais rompendo com aspectos que eram considerados primordiais desde os tempos de Freud.

As subjetividades refletem essa fragmentação e uma das conseqüências desse processo sobressai no sofrimento psíquico do sujeito que ganha, na contemporaneidade, novos contornos. A fim de refletir sobre tais condições propomos um retorno ao processo de constituição do sujeito psíquico e aos fundamentos da psicanálise pela possibilidade de

entendermos os processos subjetivos contemporâneos e suas vicissitudes. Estamos cientes de que apesar de ser uma problemática da clínica, não podemos abandonar a idéia de que esse processo se encontra mediado por uma problemática também da cultura calcada na própria crise da subjetividade pós-moderna, portanto, ambas, cultura e clínica inter-relacionadas.

No presente capítulo vamos ensejar ao estudo mais aprofundado dessas novas configurações psicopatológicas procurando compreender a metapsicologia subjacente a esses estados. Em capítulos anteriores procedemos a compreensão do narcisismo, das instâncias ideais e da concepção do corpo enquanto momento do processo de constituição dos indivíduos. No capítulo atual vamos tentar entender como esse algo constitutivo pode vir a se tornar uma via patológica. A maioria dos autores com os quais trabalhamos admite que parece haver uma falha básica na constituição do eu-narcísico ou mesmo nas instâncias ideais desses sujeitos, ou seja, uma falha na repressão primária atribuída a uma espécie de insuficiência (ou ineficiência) dos cuidados maternos na primeira infância. A escolha do objeto se daria com base na eleição narcisista na qual ocorre a identificação, ou seja, na impossibilidade de escolha do objeto externo elege-se o objeto a partir da imagem e semelhança do próprio eu transformado em seu próprio ideal que se converteu em substituto do investimento erótico. Supõe-se que é pela identificação narcisista com o objeto que o investimento libidinal retorna ao eu e não se direcionando ao objeto externo ficando, portanto, estagnado. A impossibilidade do estabelecimento dos processos terciários (Green, 2001a) não poderia se dar e conseqüentemente a saída da condição narcísica para a condição edípica substrato da alteridade também não se daria.

As configurações narcísicas ou os “casos limites”: circunscrevendo o fenômeno

A grande parte das queixas e perturbações se apresentam hoje sob a forma de um mal estar difuso e invasor, um sentimento de vazio interior, uma incapacidade de sentir as coisas e as pessoas ou, dito de outra forma, as configurações subjetivas contemporâneas tendem a apresentar uma ausência de sofrimento devido a conflitos neuróticos clássicos regulados pela lógica da castração e do desejo. Os autores com os quais trabalhamos¹³ falam de que algo da ordem do desamparo primordial, disposto por Freud em sua obra, tem encontrado espaço diferenciado em nossos dias. A maioria concorda que os sintomas neuróticos que correspondiam em grande parte a uma sociedade mais repressiva, tirânica, autoritária e puritana deram lugar às desordens narcisistas fruto de uma sociedade mais permissiva e também mais eclética em suas manifestações. Os pacientes não sofrem tanto mais de sintomas fixos e exuberantes na sua forma, mas, sim, de perturbações vagas e difusas, com sentimentos de vazio interior e incapacidade de sentir as coisas e as pessoas. Como observa Lipovetsky (2005) a respeito da eclosão de tais fenômenos na contemporaneidade: “A patologia mental obedece à lei da época que tende à redução da rigidez assim como a liquefação das relevâncias estáveis: a crispação neurótica foi substituída pela flutuação narcísica. Impossibilidade de sentir vazio emocional, donde a dessubstancialização chegou a seu fim, explicitando a verdade do processo narcisista, como estratégia do vazio” (p.55).

Nos consultórios são aqueles pacientes cujas dinâmicas psíquicas se apresentam pautadas pelo mecanismo da cisão, mais do que pela repressão, e cuja característica é a de ser uma reação básica à atitude do objeto que pode ser dupla: ou falta de fusão por parte da

¹³ Os autores principais acima aludidos e por nós pesquisados são André Green, Didier Anzieu, Luiz Cláudio Figueiredo, Piera Aulagnier, Donald Winnicott, Joyce McDougall, dentre outros.

mãe ou excesso de fusão. No mecanismo da cisão, salienta Green (2001a), o retorno dos elementos segregados se acompanha de grave ameaça de desamparo, o que é diferente da repressão, na qual o retorno do reprimido dá origem ao sinal de angústia.

Entendemos que determinados escritos de Freud sobre o narcisismo e a idealização são essenciais para a compreensão dessas formas de constituição das subjetividades contemporâneas. Como vimos em Freud, podemos evidenciar algumas dessas questões antecipadas no artigo de 1914 e no artigo de 1921 nos quais ele fornece indícios a respeito das relações entre as frustrações no âmbito dos ideais, não apenas do ponto de vista do indivíduo, mas também do ponto de vista do grupo. No texto de 1914 são levantadas considerações a respeito dos mecanismos de idealização, sublimação e identificação que foram posteriormente repensadas em *Psicologia de Grupo e a análise do ego* de 1921. Apesar de Freud analisar o comportamento dos grupos no texto de 1921, como simples manifestações dos mesmos, já podemos ver implícita a realidade social, na qual Freud está inserido, como pano de fundo, ou seja, o final da segunda guerra mundial em 1918, a revolução soviética em 1917 e a ascensão do movimento nazista e fascista na Europa.

O que dizer de uma sociedade que se vê compelida pelos avanços científicos e tecnológicos que estão, muitas vezes, em descompasso com a possibilidade de sua apreensão pelo indivíduo, uma sociedade competitiva que gera o empobrecimento da experiência coletiva e valoriza os interesses e as demandas íntimas, que parece ser, de fato, como se apresenta a sociedade contemporânea? Que bases essa sociedade estaria oferecendo para a constituição da individuação/subjetivação? E mais, o que dizer dos sujeitos caracterizados como casos limites, estes não estariam sendo sobrecarregados e

prejudicados pelos padrões de eficiência dessa sociedade altamente desenvolvida? E qual o destino desse sujeito?

Como salienta Freud, no narcisismo o eu se comporta como objeto de seu próprio investimento amoroso e esse amor se caracteriza por uma idealização de si, magnificado pela vivência de se sentir especial, pleno e perfeito. Nesse caso nós pensamos que o destino seria uma volta a si marcada pelo retorno à constituição da perfeição narcísica e a proteção e satisfação da vivência simbiótica com a mãe, à época da onipotência na qual eu e mundo somos um só.

Sendo assim, se por um lado esse modo narcísico de subjetivação na contemporaneidade está sinalizado pela descontração nos relacionamentos e nos ambientes, no culto ao natural, na rapidez das demandas, na mudança dos valores e numa ética mais tolerante e permissiva, por outro lado, também são sinais inerentes a ele o *stress* e a depressão (a *prima donna* da contemporaneidade) e uma inclinação à angústia e a ansiedade mais profundas. A subjetivação na pós-modernidade poderia se definir por uma certa disjunção na qual entra em cena uma espécie de incapacidade de enfrentamento das instâncias públicas fazendo com que o indivíduo encontre mais espaço em seu mundo interiorizado, nestes termos, uma subjetividade mais narcísica.

O indivíduo tem sido convocado para a busca do perfeito: corpo, *status*, trabalho, estilo e modo de vida. Como consequência, a manifestação pós-moderna da subjetividade parece ser sempre a da insatisfação com a imperfeição e a incompletude condições, de certa forma, inerentes ao humano. Como escapar dessa solicitação e dessa impossibilidade? A forma encontrada parece ser a de tentar banir os afetos humanos básicos, como a angústia e a tristeza do luto, acessando dispositivos para sedá-los. As drogas, lícitas e

ilícitas, ganham espaço e não é sem razão que a droga mais difundida na atualidade, para esse propósito, sejam os anti-depressivos fazendo com que os pacientes encontrem cada vez mais espaço nos consultórios médico-psiquiátricos na busca da solução rápida, indolor e também artificial.

De tal sorte que a clínica psicanalítica contemporânea se vê confrontada por configurações psicopatológicas diferenciadas, mas que encontra parâmetros de comparação nos escritos psicanalíticos freudianos e de seguidores da psicanálise especialmente no período compreendido pelas duas grandes guerras mundiais, período esse contemporâneo aos escritos freudianos após a segunda tópica. Daquela época temos registro de relatos de casos ditos “fronteiriços” ou “limites”, que configuram a emergência de estados diferenciados dos casos clássicos freudianos pautados na neurose. Um dos representantes desse momento é Fairbairn (1980) que, já na década de 40, se interessava pelas configurações clínicas derivadas do processo regressivo que se constituem em fortes desestruturas egóicas, dependência absoluta do outro e uma impossibilidade de individuação, modos que marcavam os pacientes descritos pelo autor. Observamos que tais características tendem a se repetir na contemporaneidade. É uma temática que sobreveio na década de 40, possivelmente fundamentada numa situação social extrema relativa à condição humana e que ressurge nos dias de hoje com magnitude semelhante. De acordo com Amaral (2000) surge “como um efeito especular das tendências sócio-culturais à fragmentação e das angústias narcísicas” contemporânea (p.06).

O que parece predominar atualmente na cena psicanalítica clínica são as chamadas “neuroses mistas”, nas quais as manifestações do eu do indivíduo aparecem, freqüentemente, fragmentadas e descentradas. Trata-se de indivíduos praticamente

impossibilitados de se individuarem e que se apresentam, via de regra, incapazes de enfrentar uma situação analítica clássica. Configuram sua subjetividade baseada numa falta de apoio interno necessária a uma vivência plena, característica de uma carência de natureza narcísica oriunda de falhas nas etapas de desenvolvimento mais precoce, portanto, anterior ao desenvolvimento do complexo edípico e a vivência da castração, no sentido freudiano.

Acrescido a isso, tais indivíduos parecem não encontrar na cultura respaldo e amparo necessários para conseguir superar suas dificuldades internas. Como evidenciamos anteriormente e, como coloca Safra (1999), “nossa cultura está tão impregnada pela idolatria da individualidade que perde de vista que o homem é um ser singular que abriga o coletivo” (p.145).

Green (2001a) tem trabalhado na clínica a respeito das formas narcísicas de constituição do sujeito contemporâneo, desde a década de 60, no que ele denomina de configurações narcísicas ou casos limites (também chamado de casos fronteirços) e tem sido um autor interessado nas questões sociais às quais procura dar ênfase por acreditar que estejam cada vez mais no centro das preocupações da clínica na atualidade. Sua leitura e abordagem dos conceitos psicanalíticos enfatizam, sobremaneira, o reconhecimento e a inevitabilidade do outro na construção do sujeito.

Green (2001a) descreve os pacientes narcísicos como sendo pessoas cuja capacidade de fantasiar é muito mais utilizada como forma de preenchimento do vazio. São pessoas que possuem um retardo afetivo acentuado, isto é, têm horror aos apetites sexuais e orais e, neste caso, entra evidentemente, por exemplo, a questão da anorexia. Para ele esse paciente vai se constituindo como sendo aquele que está diante de uma enorme vergonha

de ser um sujeito pulsional, libidinal, sujeito submetido ao desejo e a excitação do corpo. Segundo Green nesses pacientes a questão do corpo é complicada porque o corpo, na sua materialidade, é algo difícil de suportar.

No texto *De locuras privadas* Green faz uma articulação entre narcisismo e os casos limites, trabalhando clinicamente a questão. Green, de fato, não está falando de uma nova estrutura, mas de configurações subjetivas exacerbadas. Para ele os casos limites não podem ser considerados uma estrutura neurótica com sintomas psicóticos ou algo entre a psicose e a neurose, mas um campo muito difícil de ser definido. Conforme Green (2001a):

“Antigamente essa designação situava esta fronteira na que separa a psicose, dando por entendido o perigo de se cair nela. Hoje prevalece a opinião de que se trata de estruturas estáveis, e é mais rara a descompensação psicótica. Coloca-se em evidência saber se a denominação categorial dos casos limites deve englobar as estruturas narcisistas, as depressões atípicas, as estruturas psicopáticas e psicossomáticas, os estados mal caracterizados que se denominam transtornos de personalidade, etc., ou distingui-los destes. Mas a denominação primitiva tem mudado de sentido cada vez mais. Os casos fronteiros parecem ocupar uma posição encruzilhada, espécie de plataforma de articulação que permite, desde este ponto de vista, compreender melhor a neurose e a psicose assim como a perversão e a depressão, porque a indeterminação estrutural que os caracteriza constitui uma matriz mais flexível capaz de apreender melhor suas relações com as formações clínicas mais estruturadas” (Green, 2001a,p.33).

Apesar do autor no trecho acima se perguntar da pertinência do enquadre das estruturas narcísicas como casos limites (ou fronteiros) evidencia-se em sua fala a necessidade de se posicionar diferentemente diante de tais configurações.

Anzieu (2000) observa que a clínica psicanalítica se encontra confrontada nestas últimas décadas com a necessidade de introduzir novas categorias. Uma dificuldade encontrada, segundo o autor concerne à oportunidade de se fazer uma diferenciação (ou

não) dos distúrbios narcísicos de personalidade (que são muitas vezes ligados às neuroses de caráter) e os estados limites (freqüentemente confundidos com as organizações pré-psicóticas). No caso das personalidades narcisistas o autor enfatiza:

“O paciente tem necessidade de se bastar com seu próprio envelope psíquico, e não conservar com o outro uma pele comum que marca e provoca sua dependência em relação ao outro. Mas ele não possui os meios de sua ambição: seu eu-pele, que começou a se estruturar, é frágil. (...). Para tal duas operações. Uma consiste em abolir a separação entre as duas faces do eu-pele, entre as estimulações externas e a excitação interna, entre a imagem que ele dá de si e aquela que lhe é devolvida; seu envelope se solidifica tornando-se um centro, e mesmo um duplo centro de interesse: para ele mesmo e para os outros, e ele tende a envolver a totalidade do psiquismo. Assim estendido e solidificado, este envelope lhe traz certezas, mas carece de flexibilidade, e o menor ferimento narcísico o rompe”(Anzieu, 2000, p. 161).

Nas personalidades narcísicas, de acordo com Anzieu (2000), graças a essa configuração do eu-pele em parede dupla a relação continente-conteúdo está preservada contribuindo para que esse eu psíquico permaneça integrado ao eu corporal. Anzieu explica que, por outro lado, nos estados limites o ataque não se limita à periferia; toda a estrutura do conjunto é alterada:

“O paciente estado-limite assiste de fora ao funcionamento do seu corpo e de seu espírito, como expectador desinteressado de sua própria vida. Mas a parte do sistema percepção-consciência que subsiste como interface assegura ao indivíduo uma adaptação suficiente à realidade para que ele não seja psicótico (Anzieu, 2000,p.162).

O autor complementa contudo que em ambas as categorias, os estados-limites e os distúrbios narcísicos, trata-se de pacientes com experiências ruins de separação e que, possivelmente, violentaram seu eu corporal e/ou seu eu psíquico. Segundo ele, decorrem daí certas características de funcionamento psíquico: são pessoas que não se sentem

seguras; que vivem no aqui e agora; cujo modo de comunicação específico é a narração, contam o fato e não a emoção que sentiram; que tendem a não aprender pela experiência vivida pessoal; com dificuldade de se desprender intelectualmente de seu vivido; que na vida social permanecem grudadas aos outros ou, excessivamente afastadas e que temem a penetração seja ela do olhar ou sexual.

Anzieu (2000) ressalta que para o tratamento desses pacientes o psicanalista necessita, sobretudo, ter em mente que deve ajudá-lo a não desperdiçar sua energia psíquica e sim conservá-la. Deve também procurar corrigir as falsas realidades e levar o paciente a utilizar corretamente sua experiência do real. Enfim, diz ele, “é levá-lo a se dar conta do estatuto triplo de seu corpo: como parte do eu, como parte do mundo exterior e como fronteira entre o eu e o mundo” (p.126).

Pontalis (2005) considera uma conquista da psicanálise o fato de ter reconhecido a existência de mecanismos psicóticos, até mesmo de um núcleo psicótico, atuante no indivíduo normal e, inversamente, ter reconhecido a existência de uma parte neurótica no psicótico. O autor pondera que fatores culturais devem ser levados em consideração na elucidação desses pacientes que podem receber, segundo ele, algumas denominações: neuroses-mistas, casos-limites, neuroses de caráter e personalidades narcísicas.

Segundo Pontalis (2005) a necessidade de se estender a denominação para além dos casos clássicos não se restringe a uma ordem puramente nosográfica, nem a uma tipologia diversificada das personalidades ou das organizações psíquicas. Para Pontalis “a descrição de quadros clínicos – que notemos só são classificados de mistos por referência aos modelos das grandes neuroses clássicas, estruturas psicopatológicas mais fáceis de

delimitar e onde o conflito intrapsíquico é patente –deveria, a nosso ver, servir em primeiro lugar para renovar a concepção tópica freudiana” (2005,p.177).

Figueiredo (2003) se refere a essa modalidade clínica como a clínica dos pacientes difíceis com uma fenomenologia psicopatológica e exigências técnicas específicas. Figueiredo articula o que ele considera ser a nova clínica com os determinantes históricos e culturais dos processos de subjetivação contemporânea e com os mecanismos metapsicológicos predominantes. Figueiredo justifica isso trazendo para o contexto a metapsicologia de Fairbairn, ou seja, a metapsicologia da esquizoidia em Fairbairn que fala de uma experiência analítica situada histórica e culturalmente. Figueiredo acrescenta que essa posição metapsicológica fairbairniana diz mais da experiência contemporânea do que diria a metapsicologia de Freud, pois essa experiência contemporânea, qual seja, uma subjetivação esquizóide e fragmentada, se daria exatamente pela característica histórico-cultural do ultra-individualismo contemporâneo que faz com que as pessoas se separem e se afastem umas das outras. Figueiredo vai falar de uma nova patologia que ele denomina de sociofobia sugerindo uma certa ressonância entre o que Fairbairn dizia a respeito do futuro em sua época e o que estaria acontecendo atualmente, ou seja, os fenômenos sociais experimentados no final do século XX e princípio do século XXI.

Figueiredo (2003) ressalta que na clínica contemporânea as melancolias clássicas baseadas na culpa, as auto recriminações severas e os ataques clássicos de angústia tendem ao desaparecimento e no seu lugar aparece uma espécie de desconforto consigo mesmo. Não se trata de uma fala vazia, segundo ele, mas de uma dor que afeta o sujeito. A saída do sujeito como procedimento defensivo contra essa estrutura esquizóide seria uma busca do prazer pelo prazer:

“A esquizoidia reúne dessa maneira” então, “o senso de futilidade, o esvaziamento de sentido, a perda de vitalidade das relações do sistema fechado com objetos reais – pessoas, atividades, metas, idéias – e paradoxalmente, a dinâmica demoníaca em que o indivíduo pode ser inesperadamente lançado no turbilhão das disputas entre promessas miraculosas de salvação e gozo e ameaças satânicas de aniquilamento e danação”(Figueiredo, 2003, p.30-31).

Figueiredo (2003) destaca um aspecto importante para pensar o sujeito contemporâneo, qual seja, o de que este se encontra mergulhado no tédio e na futilidade que seriam caracteres marcantes da contemporaneidade. A sensação de futilidade da vida, de tédio com o mundo, com as coisas algo que é diferente da depressão: uma futilidade e um tédio em referência à vida, um vazio de vida. Nas palavras de Figueiredo:

“[...] o senso de tédio e futilidade é algo muito mais radical: é o tom dominante dos estados esquizóides, nos seus mais sombrios momentos em que nada absolutamente nada pode ser dotado, no presente, no passado ou no futuro, de qualquer valor afetivo, de qualquer apelo positivo ou negativo. Não se trata como na depressão conservadora, de uma defesa do sistema fechado, mas do estado de genuína inanimação a que o sistema fechado chega por seu próprio fechamento” (Figueiredo, 2003, p.54).

Fairbairn (1980) fazia também essa diferenciação ao dizer da depressão como uma espécie de reação defensiva contra uma estrutura endopsíquica básica, contra a esquizoidia. Segundo ele, a esquizoidia provoca uma sensação de tédio e depressão porque supõe uma separação e distanciamento do sujeito com ele mesmo. O estado depressivo em Fairbairn difere da queixa melancólica grave, ou seja, a depressão em Fairbairn aparece como uma falta de interesse, de desligamento do mundo e de si.

O que caracteriza a psicopatologia de Fairbairn (1980) é estar calcada nos estados esquizóides e nos estados depressivos que se referem, respectivamente, à perda do eu e à perda do objeto. Em sua teoria os estados esquizóides são devido à psicogênese do eu e não

são fatores que acontecem ocasionalmente. Para Fairbairn a base da psicogênese são as relações de objeto, pois as mesmas são relações fundamentais em função da dependência absoluta do ser humano ao nascer com relação às pessoas que dele cuidam. E essa dependência, segundo ele, se deve ao desamparo com o qual todos nós nos deparamos. A psicogênese do desenvolvimento da subjetividade, ou utilizando um termo mais próprio de Fairbairn, o desenvolvimento da personalidade, vem dessa dependência absoluta com respeito aos objetos em direção a uma dependência mais madura. Interessante observar que a teoria de Fairbairn foi escrita num tempo entre as duas grandes guerras mundiais em que a necessidade e a sobrevivência estavam em evidência e era, possivelmente, herdeira desse estado de coisas.

Green (1988) caracteriza a clínica contemporânea de *clínica do vazio* relacionada aos estados fronteiros cuja evidência é a presença de configurações narcísicas que trazem a tona o trabalho do negativo. Para ele as questões do narcisismo encontram-se em primeiro plano nas neuroses de caráter, na patologia psicossomática e nos casos limites. Green (2000) ressalta que podemos identificar em Freud duas funções fundamentais que o narcisismo realiza: a primeira é uma tentativa de reunificação da construção de uma imagem mais total, mais completa, de um eu totalizante que ele chama de narcisismo positivo; e a segunda é um investimento original que não visa a função totalizante, mas a redução a nível zero de tensão que ele chama de narcisismo negativo “estados de vazio, de futilidade, de inexistência” (2000,p.134). Para Green (1988) a situação de narcisismo negativo está muito presente nos pacientes fronteiros nos quais se pode perceber um desinvestimento muito forte, ou melhor, um investimento no eu, mas que visa uma redução a um nível zero de tensão. O que vai ocorrer nestas manifestações do narcisismo negativo,

segundo ele, é a satisfação ou a tentativa de obter algum tipo de satisfação pela não satisfação.

Green (1988) vai entender o narcisismo negativo como uma defesa, uma tentativa do sujeito de não depender do objeto, de não estar mais submetido a um objeto como objeto de satisfação. É como se o narcisismo positivo inicial ou a identificação primária inicial, segundo ele, prolongando-se além do possível transformasse este objeto num objeto essencialmente idealizado, isto é, como se esse narcisismo visasse a uma possibilidade de satisfação independente do objeto e, por isso, narcisismo negativo. Visa não só uma tentativa a um nível zero de tensão, mas também uma dispensa do objeto. Isso vai caracterizar o que ele denomina de “narcisismo moral” (Green, 1988, p. 190): uma situação extremada de investimento narcísico sobre o eu que tem como característica a anulação do outro como objeto, pela impossibilidade de lidar com o desprazer e com o adiamento da satisfação. Green vai dizer ainda que o que está em jogo neste tipo de narcisismo negativo não é somente o desprazer a ser evitado, mas a busca do neutro que é outra categoria do negativo, ou seja, a tentativa de poder chegar a um estágio ascético, um estágio de neutralidade. Por isso, como diz ele, esses pacientes são caracterizados por um ascetismo muito intenso e por algo que se pode chamar de uma certa anorexia de viver. Segundo Green é um eu anestesiado e regido muito mais por um movimento de dissolução dos vínculos e de redução de tensão do que pela busca do prazer.

Green (1988) vai relacionar também o narcisismo moral e a questão da neurose narcísica em Freud observando que o narcisista moral vai ficar entre a rejeição (forclusão) e a recusa. Ele coloca que este sujeito narcisista moral está submetido a um ideal impossível de ser alcançado e, por isto, se sente exageradamente em falta, na tentativa de

evitá-la. Nesse sentido, a idéia deste tipo de narcisismo é muito contemporânea. Para Green, o narcisismo moral¹⁴ é um dos aspectos do narcisismo negativo e é o que vai caracterizar o que ele denomina de casos limites.

Green ressalta que a depressão nos casos limites é uma depressão bastante articulada com a questão da agressividade. Para ele estes pacientes têm um universo muito primitivo no qual a agressividade está em estado bruto. A idéia que ele está trazendo é que a cada nova tentativa vinculatória que redunde em fracasso, a agressividade explode de uma maneira muito intensa, principalmente de duas formas: pela via somática e pela criação de uma realidade que não é totalmente delirante, mas que contém algo de ilusão, impregnada pela agressividade, com uma certa sensação de irrealidade, não só deles mesmos, mas também do objeto.

Na análise empreendida pelos autores citados evidenciamos que tais patologias, sem chegar a se constituírem uma psicose propriamente dita ou uma neurose narcísica (melancolia) afetam, contudo, o sentido e o valor do eu. Verifica-se nesses casos um tipo de escolha de objeto de tipo narcísico na qual as relações com o objeto apresentam uma característica peculiar; uma forma de funcionamento defensivo que privilegia os mecanismos de recusa, apresentando um processo limitado de elaboração psíquica mais próximo da condição neurótica, mas que ao se descompensar tende a funcionar de uma forma negativa (na acepção de Green) com produções de sintomas psicossomáticos, explosões no corpo, pânico e condutas aditivas de toda ordem.

Nesses casos há a tendência a se valorizar a incidência das características dos vínculos intersubjetivos e suas falhas relativas à épocas bastante precoces de constituição

¹⁴ Como aludido anteriormente os outros dois aspectos do narcisismo são: o narcisismo intelectual e o narcisismo corporal.

do eu. Tais sujeitos funcionariam em termos psíquicos de acordo a uma organização mais primitiva ou mesmo mais fusional em relação aos objetos, pois parece ter sido dessa forma que se constituíram, ou seja, o eu desses sujeitos não se interiorizou de fato impedindo o sujeito de chamar esse eu de efetivamente meu.

Para Aulagnier (2002) a mãe, considerada por ela o primeiro objeto, deverá preservar um desejo de vida para o bebê investindo as funções necessárias para isso e tratando de captar as mensagens que o corpo do bebê envia. Se caso não o fizer o bebê correrá o risco de tornar-se um “não-existente” (p.145) já que sua presença não pode ser confirmada pelo “olhar que vê, o ouvido que ouve, a boca que engole” (p.145).

Vamos traçar em seguida as etapas de constituição do eu procurando defini-las em termos da série de objetos parciais que vão se sucedendo.

A experiência tornada objeto

“A completude narcisista não é signo de saúde, mas miragem de morte, ninguém é sem objeto. Ninguém é o que é sem objeto”

André Green (1988, p.211)

Em capítulo anterior de nosso trabalho fizemos referência ao conceito de eu e de corpo em psicanálise observando que eu e corpo não são dados *a priori* e nem tampouco de forma completa e absoluta, mas que se constituem na experiência e nas vivências apreendidas com o outro (objeto). É o objeto que concede e possibilita o nascimento do corpo do sujeito, portanto a constituição do eu do sujeito. No entanto, se o objeto não propicia suficientemente contato com o bebê, por uma ausência materna via depressão por

exemplo (Aulagnier, 2002)¹⁵, o desinvestimento poderá provocar saídas que são expressas nas várias formas de dissociação, desde as mais amenas até as mais graves.

Teoricamente o nascimento do bebê coloca um fim à experiência de auto-suficiência e união narcísicas. As repetidas experiências na relação mãe/bebê de gratificação e a expectativa de seu retorno devem dar ao bebê a confiança íntima para tolerar a fome e o desconforto emocional. Ao mesmo tempo essa série de experiências também deverá reforçar a sua consciência de separação, ou seja, tornar claro o que está fora, a fonte de gratificação e o que está dentro, a necessidade e seu desejo. O bebê passa, pouco a pouco, a compreender que as suas vontades não controlam o mundo. Em suma, a separação do nascimento naturalmente deve ser seguida por experiências adicionais de separação que vão constituindo o sujeito humano quanto a sua capacidade criativa que unicamente ele é capaz de suscitar.

Segundo Green (1988) o objeto materno transformado em estrutura é conseguido quando o amor do objeto é considerado seguro para desempenhar esse papel; pode-se suportar a espera e mesmo a depressão temporária, a criança se sentindo segura mesmo que o objeto materno não esteja lá. Quando o espaço é assim enquadrado, segundo ele, a garantia da presença da mãe em sua ausência pode ser preenchida por fantasias de todos os tipos, inclusive agressivas, que não colocarão em risco este continente. Green ressalta que esse espaço constitui o receptáculo do eu, circunscreve um campo vazio que servirá para ser ocupado pelos investimentos eróticos e agressivos sob a forma de representações de

¹⁵ Remetemos o leitor ao interessante artigo de Piera Aulagnier, *Nascimento do corpo, origem de uma história*, no qual ela apresenta de forma bastante elucidativa as conseqüências da vivência depressiva da mãe no aparecimento de sinais precoces de angústia psíquica no bebê.

objeto: “desempenha então o papel de uma matriz primordial dos investimentos futuros” (1988,p.265).

O objeto nunca é total num primeiro momento. Os passos na constituição do sujeito psíquico são traçados em termos da série de objetos parciais que vão se sucedendo. O primeiro momento corresponde ao contexto da indiferenciação e da dependência total do bebê ao objeto/mãe que ainda não é percebido como tal. Pelo movimento de incorporação do leite e de contato com o seio o bebê tem a possibilidade de recriar o objeto em sua ausência pela imagem alucinada do seio.

Em um segundo momento, se daria a instauração do narcisismo primário e a incipiente constituição do eu, no qual o eu e o outro, objeto exterior, estão começando a ser diferenciados. Nesse contexto a presença da mãe e, principalmente o olhar materno, tem um papel crucial de espelhamento da imagem do bebê – esse objeto narcísico que faz ser eu – quando as vicissitudes, as pulsões, a dor e o desamparo venham ameaçar sua existência.

O terceiro momento trata da constituição do não-eu quando a ausência da mãe começa a se tornar suportável. Em Freud (1920) o jogo do carretel, o jogo do *Fort-da*¹⁶, é a condição elevada à paradigma dos jogos infantis constituintes. Sua operação é universal e o que marca a possibilidade de simbolizar o corpo da mãe em sua ausência. Winnicott

¹⁶ Freud (1920) relata que observando certa vez uma criança de um ano e meio (seu neto) reparou que ela, quando sua mãe não estava presente, manipulava um carretel e numa manobra lançava-o longe de seu campo de visão (*Fort*) e em seguida, por meio de uma linha amarrada neste carretel, o atraía para si (*Da*): ida e vinda e desta maneira, o carretel parecia ocupar o lugar da mãe ausente. Este carretel pode ser considerado por Freud um símbolo da mãe e nessa qualidade possui o poder de representá-la, de poder tornar-se como ela, tão ausente e tão presente; frustração (pela ausência) e domínio (pela presença).

(1951/1975), com os conceitos de “fenômeno transicional” e de “objeto transicional”¹⁷, pontua igualmente a construção criativa da primeira possessão não-eu criando um espaço intermediário de experiência. Para Winnicott a mãe, na medida em que dá suporte às necessidades básicas de seu bebê, assegura a este a possibilidade de se relacionar com os objetos e, assim fazendo, possibilita ao bebê a ampliação de seu mundo real. Nesse processo, até seu momento de total liberação, a criança vai sendo capaz de suportar que a mãe não esteja presente o tempo todo para satisfazer suas necessidades e desejos onipotentes. Dessa maneira, o bebê começa a jogar com outros objetos em determinados momentos atuando como se fosse sua mãe imaginada. O objeto passa a ser então um símbolo da união do bebê com a mãe (ou com parte desta) e o seu uso simboliza a união de duas coisas que antes estavam simbiotizadas e que agora estão separadas, bebê e mãe. A característica é de que este objeto seja um objeto subjetivo, que forme parte do espectro objetual interno. Além disso, o bebê aprende a reconhecê-lo como sendo uma parte de sua pessoa, como externo a si mesmo, como não-eu. E nesse ir e vir ganha-se mais significado até o aparecimento do verdadeiro objeto. Esse processo marca o início da separação do eu e do não eu, no qual o objeto vai constituir o símbolo da união bebê-mãe. É importante salientar que para Winnicott não é o objeto que é transicional, mas que ele representa a transição do bebê de um estado em que esse está fundido com a mãe para um estado em que está separado dela. O objeto simboliza a separação, mas, ao mesmo tempo, une as duas coisas separadas. O objeto simboliza a transição, o meio pelo qual a criança vai poder se

¹⁷ “Introduzi os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência [...] entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto [...]” (Winnicott, 1951/1975,p. 390).

separar e se constituir como eu¹⁸. Os jogos infantis são constituintes para a criança, pois é por meio deles que ela pode representar a descontinuidade que a realidade da mãe, como um outro, comporta. Reencontrar-se no espelho depois de se fazer desaparecer é a resolução possível da instauração da autonomia. Esse espaço intermediário pode ser também o da construção de crenças e o da instauração dos fetiches (Freud, 1927)¹⁹.

Nesse momento o bebê vai adquirindo uma *gestalt* corporal e passa ao início do jogo lúdico com a própria imagem. No momento anterior a criança necessitava da identidade com a mãe para ter suas vivências, mas como a mãe não estava disponível o tempo todo isso propiciava à criança, fortuitamente, encontrar outros caminhos para integrar seus processos o que ocorre através do encontro da imagem especular. É no jogo do espelho, no qual a imagem é submissa às vontades do bebê, que a onipotência se revela. O bebê tentará fazer com os adultos o mesmo que com sua própria imagem no espelho; passará agora a se identificar com os adultos percebendo suas vontades diferente das vontades deles. Ao iniciar-se este processo de identificação já começa a existir a possibilidade de experimentar os papéis sociais através do imaginário. O bebê passa a reincorporar as vontades anteriores experimentando-as em contraposição às suas próprias (Florence, 1976). A condição de realidade impede, em função do grau de resistência, a fantasia onipotente do bebê. O objeto caracteriza a zona de ligação através da qual se faz a

¹⁸ No artigo *O jogo e o surgimento do eu* (2003) de nossa autoria (Lazzarini, E.R. e Viana, T.C.) procuramos articular as concepções freudiana, moreniana e winnicottiana de jogo e sua conseqüência no surgimento do eu consciente do indivíduo.

¹⁹ As construções das crenças e dos fetiches, em Freud (1927), implicam seu desenvolvimento no plano da ilusão sendo ambos efeitos da recusa da realidade. Com relação às crenças está implicado um jogo intersubjetivo que falha no fetiche. A construção da crença leva ao estabelecimento dos valores e ideais constitutivos do ideal do eu e do laço social, portanto, ao estabelecimento das identificações secundárias. Contrariamente o fetiche opera um efeito de fascínio, mas exige a constante recusa da realidade por meio da atividade do eu que vai sempre colocar um objeto real no lugar onde observa a falta.

comunicação entre interno e externo: uma zona de não repetição, de imaginação e criação que significa a possibilidade de aprendizagem.

De acordo com Winnicott (1975) a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada. Para o autor nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa. Para ele o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência que não é contestada (artes, religião). Esta área intermediária, diz Winnicott, está em continuidade direta com a área do brincar que é necessária para o início de um relacionamento entre o bebê e o mundo. O adulto conservaria, de certa forma, esta zona intermediária que no bebê constitui a maior parte de experimentação através da vivência intensa que diz respeito à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico. A manipulação do objeto, assim como a imagem do espelho, parecem funcionar como substitutos da mãe ausente que a criança domina e faz aparecer e desaparecer. Isso pode ser considerado a reprise, a repetição e tem como função exteriorizar as vivências subjetivas de perda e levar a criança a se reconhecer como representação de si própria que lhe vem de fora e que reforça a imagem subjetiva dentro de si. Como observa Naffah Neto (1979) é por meio desta repetição cíclica do desejo, por um lado, e dos objetos negados, por outro, que a consciência vai ter a chance de aprender que depende da existência de um objeto para poder negá-lo e assim poder existir.

Florence (1976) também ressalta que a identificação é parte integrante desse processo e é ela mesma um processo de dramatização onde o incipiente eu do bebê desempenha um dos personagens. De acordo com ele processa-se assim a identificação, que não é simplesmente imitação, mas reconhecimento de algo que está separado, que

opera de modo próprio. Para ele, o sujeito do jogo do “*Fort-Da*” não é simplesmente “eu” mas acima de tudo um “aparelho psíquico”.

O quarto momento corresponde à instauração da castração que vai ressignificar retroativamente as sucessivas perdas e separações e o reconhecimento das diferenças sexuais. Para a mãe o nascimento da criança real traz para ela o reencontro com seu objeto perdido: o falo imaginário (Mezan,1997). Segundo Green (2000) “A perda do objeto e a sua elaboração chegarão à separação mãe-criança e à tomada de consciência da existência efetiva do pai como outro do objeto é, em meu entender, uma condição indispensável se se quiser falar de Édipo precoce. O pai aparece posteriormente, como o separador, mas também como outro objeto a amar. Donde um período de vaivém, por parte da criança, entre mãe e o pai”(p. 142/143). A criança será recortada pela castração simbólica da mãe sobre sua sexualidade perverso-polimorfa infantil, nos termos freudianos. Esse corte dará a criança a possibilidade de outros destinos pulsionais que não o incestuoso, instaurando a condição do desejo. Para esses desdobramentos o sistema narcisista do eu é insuficiente. Será pela operação de incorporação do supereu constituído pela interdição ao incesto, pela instauração da censura e do limite que essa descontinuidade vai se dar. A intervenção do pai, como representante da cultura, possibilitará à criança o amparo para que ela possa suportar o vazio e, ao mesmo tempo, preenchê-lo com sua própria história.

É justamente o segundo momento que nos interessa para entendermos as condições de estabelecimento dos distúrbios narcísicos e a precária estruturação egóica dos sujeitos. De acordo com os autores consultados os distúrbios narcísicos de personalidade terão como ponto de partida justamente as falhas do adulto em responder às necessidades de reconhecimento e especularização, assim como a distância e ausência de figuras

idealizadas que possam ser objeto de identificação. A ilusão de totalidade do eu especular quando compartilhada pelos pais e pela criança mantém uma ilusão de continuidade e de reciprocidade dos desejos. É essa ilusão que deverá ser mantida igual cotidianamente pela criança, pois a instabilidade introduzida pela ausência da mãe torna a criança carente dessa presença. Para crianças muito pequenas a separação da presença encarnada da mãe, muito prolongada pelo tempo, torna-se insuportável e pode ser considerada por ela como um desaparecimento definitivo que é, muitas vezes, sentido como um abandono. O retorno posterior da mãe pode provocar uma reação de estranhamento, com reações agressivas, indiferença ou não reconhecimento. A criança pensará a mãe como morta²⁰, o que nesse momento se traduz como “nunca ter existido”. Nesse caso, ressalta Green (1988), a criança se esforça por manter cativa a imagem da mãe lutando contra seu desaparecimento: “vendo reavivarem-se alternadamente as marcas mnêmicas do amor perdido com nostalgia e as da experiência da perda, que se traduz pela impressão de uma dolorosa vacuidade” (p.266).

Anterior à instalação do que chamamos acima o terceiro momento da constituição do sujeito, portanto entre o segundo e o terceiro momento, Green (2001a) examina a questão da realidade do fronteiro. Diz ele que com respeito ao princípio da realidade, o aparato psíquico tem que decidir se o objeto está ou não está presente: sim ou não; e, com relação ao princípio do prazer, visto que a negação não existe no processo primário do inconsciente, a resposta é sim, ou seja, só existe o sim, o objeto está presente. Green faz ainda uma referência à Winnicott e ao objeto transicional, assim como à Freud com o jogo do *Fort-da*, dizendo que nessas duas condições sim e não são combinados: sim e não. A

²⁰ Remetemos o leitor ao artigo de Green *A mãe morta* de 1980, no livro *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*: “o objeto está morto (no sentido de não vivo, mesmo se não tiver ocorrido nenhuma morte real); carrega por isto o eu para um universo deserto, mortífero. O luto branco da mãe induz o luto branco da criança, enterrando uma parte de seu eu na necrópole materna” (1988, p.267).

contribuição que Green traz quanto a essa questão diz respeito a uma quarta posição que seria prerrogativa do fronteiroço: sua resposta seria nem sim, nem não. Essa alternativa, segundo Green, seria uma recusa em decidir o destino do objeto se perguntando: “O objeto está morto (perdido) ou vivo (descoberto)? ou Está morto ou vivo? Ao qual poderá responder: nem sim, nem não” (p.119). Pensamos que essa fórmula proposta por Green da ambigüidade da condição do fronteiroço seria tanto uma salvaguardada para lidar com uma intrusão excessiva pela presença maciça do objeto quanto estaria também se protegendo da ausência total do objeto que é sentida como uma perda para sempre. Segundo Green para o sujeito fronteiroço faz falta diferenciar ausência e perda, pois só a permissão da ausência seria estímulo para a imaginação e o pensamento, processos secundários, de estímulo à criatividade e à vitalidade psíquica: “Os fronteiroços se caracterizam pelo fracasso em criar subprodutos funcionais do espaço potencial” (espaço potencial de Winnicott, o jogo do *Fort-da* em Freud); “em lugar de manifestar fenômenos transicionais, criam sintomas que desempenham a função de fenômenos transicionais” (Green, 2001a, p. 115).

Aspectos metapsicológicos e clínicos dos fenômenos narcísicos

Para a construção de uma compreensão metapsicológica dos fenômenos narcísicos subjacente à constituição do sujeito fronteiroço nos estados limites, podemos refletir sobre três aspectos: a constituição do eu corporal, as condições de instalação do auto-erotismo e a relação pré-edipiana mãe/bebê.

Em momento anterior tivemos a oportunidade de ressaltar que o que vai construindo para o sujeito a imagem de seu corpo e, conseqüentemente, sua identidade é o investimento materno pela escuta e interpretação das suas sensações corporais. O bebê está

impossibilitado de suprir suas necessidades mais básicas de sobrevivência e, sendo assim, sua dependência a esse outro fica marcada. A função alimentar tem aí um destaque primordial na constituição do corpo erógeno, cujo funcionamento é fruto das primeiras relações mãe/bebê. Uma falha na possibilidade de constituição desse corpo e o estabelecimento de fronteiras protetoras podem estabelecer fissuras no eu que tenderão a impedir o estabelecimento da “metaforização do amor materno” (Amaral, 2000,p.7) fundamental para a constituição do eu narcísico.

De acordo com Green (1988), caso essa função protetora não ocorra, o corpo como aparência, fonte de prazer, sedução e de conquista do outro é banido. O corpo próprio, segundo ele, nesses casos, é o outro que ressurge, ou seja, o eu/corpo se faz presente como parte do corpo materno “apesar da tentativa de apagamento de suas marcas” (p.204). Portanto, o sujeito narcisista estará impregnado deste outro em seu próprio eu, vivenciando o fato como uma ameaça de anulação de si. Por isto, de acordo com Green, “o mal estar é primordialmente um *mal estar corporal*²¹ –que se traduz pelo estar mal-na-sua-pele destes sujeitos” (p.204), ou seja, algo como uma sensação de se ver destituído da condição de ser sujeito. Como consequência, o processo de constituição do mundo simbólico se vê fragmentado induzindo o sujeito para uma existência falsa.

Podemos pensar que nesses sujeitos a capacidade de investimento libidinal não vai se exercer, ou vai se exercer de maneira muito precária, pois o objeto deve a todo custo ser desinvestido pela própria condição de superinvestimento. O sujeito desinveste seu corpo passando a ser seu ideal um corpo purificado, sem investimento, sem marcas de

²¹ Grifo do autor.

sexualidade afastando a possibilidade de ser um sujeito dotado de vida pulsional. O ideal de corpo puro seria o ideal de libertação da marca do outro na conduta ascética:

“Este ascetismo é muito diferente daquele que subtende uma convicção religiosa [...]. Ele é na verdade, inconsciente. [...]. Toma como pretexto limitações de ordem material para levar o eu a consentir com uma diminuição progressiva de seus investimentos, de maneira a conduzir os vínculos do desejo e da necessidade à redução da ordem do primeiro à ordem do segundo. Bebe-se, come-se somente para sobreviver, não por prazer. Elimina-se a dependência com respeito ao objeto e ao desejo por um auto-erotismo pobre, desprovido de fantasias, cuja finalidade é a descarga como despejo higiênico; ou, então, opera-se um deslocamento massivo sobre o trabalho e coloca-se ininterruptamente em ação uma pseudo-sублиmação que tem mais um valor de formação reativa do que de destino de pulsão por inibição, deslocamento de fim e dessexualização secundária” (Green, 1988,p.197).

Dessa forma, na condição do sujeito narcisismo, o eu parece não encontrar condições de se enriquecer na relação de objeto, portanto, faz um retorno a si tornando-se um eu cujo autocentramento impede a permanência do outro e, dessa forma corre o risco de perder o vínculo com a realidade. Bollas (2000), nesse sentido, refere-se a busca ou “substituição do outro por algum objeto mais harmônico que irá sustentar a procura narcisista pela tranqüilidade procurando questões internas menos complexas e tentando levar uma vida relativamente livre daquilo que não se quer ou não se deseja” (2000, p.17), portanto, uma vida mais ascética.

O sujeito narcisista encontra satisfação no seu empobrecimento, pois entende que dessa forma ele é melhor em função de ter conseguido, através de seu ascetismo, eliminar a dependência do objeto. O ideal do eu desses sujeitos parece estar impregnado por um desejo de renascimento, individualização, diferenciação, um certo messianismo. Green (1988) ressalta que ao se colocarem longe dos apetites humanos, orais e sexuais, não pela

sublimação que implicaria sua aceitação, mas pela recusa, estão convencidos de sua superioridade sobre todos os mortais.

Essa dependência do corpo encontrada no narcisismo tem suas raízes na relação com a mãe. Freud (1926) observa que a ausência da mãe constitui uma situação traumática, dessa forma tornando-se possível demonstrar que sem uma função materna de pára-excitação o incipiente aparelho psíquico do bebê ficaria a mercê das forças pulsionais. Nossa atenção se volta para um movimento de fechamento no corpo que o narcisismo comporta e a função de proteção que ela desempenha, como diz Assoun (1993), contra os ataques de que o eu foi vítima quando em formação “(...) ataques externos conseqüências inevitáveis do estado de desamparo do bebê e, ataques internos pelos representantes da pulsão” (1993, p.136).

Freud, em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911b), ressalta que se as necessidades internas do bebê quando não satisfeitas a tempo ou, quando não satisfeitas da forma habitual ou, enfim, satisfeitas de forma alterada por razões diversas, geram uma espécie de desapontamento no bebê que é por este vivido muito intensamente. O psiquismo do bebê tende então a um re-direcionamento. E este re-direcionamento torna-se estruturante na medida em que o bebê deverá se adaptar as exigências da realidade além das suas próprias. Ou seja, como salienta Green (1988), se a segurança que a figura materna pode prover padecer de algum tipo de conflitualização precoce:

“A ferida narcisista por *impossibilidade de viver a onipotência*, e portanto superá-la, provoca uma excessiva dependência do objeto materno que garante segurança. A mãe torna-se o suporte de uma idealização cujo caráter psicotizante é bem conhecido, à medida que ela vem acompanhada do esmagamento do desejo libidinal. Esta onipotência será mais fácil de

ser assumida quando responder a um desejo da mãe de gerar sem a contribuição do pênis do pai” (Green, 1988, p. 206).

Os sujeitos narcísicos são sujeitos, portanto, que tem na figura da mãe uma identificação e uma idealização maciça e sobreposta e tanto a cumplicidade quanto a sedução são atribuídas à ela. Há uma forte relação de dependência com a mãe, dependência ambivalente, amor e ódio, que são deslocados para todos os outros objetos. O recuo para o mundo interno pode ser uma das tentativas de lidar com essa dependência, ou seja, o afastamento pode ser uma função reguladora que serviria como salvaguarda da identidade: uma forma de proteção contra uma ameaça de invasão do eu e a subsequente ameaça de desintegração. A consequência dessa impossibilidade de obter uma experiência satisfatória precoce na relação sujeito/objeto pode levar o sujeito ao fracasso rumo ao Édipo genitalizado.

Jeammet (1999) esclarece o aspecto do funcionamento psíquico quando observa nesses sujeitos uma “forma maciça de engajamento narcísico e uma má diferenciação sujeito/objeto” (1999, p.32). Jeammet sugere que isso é típico de etapas bem precoces do desenvolvimento, na qual a pessoa fica presa rigidamente num lado ou no outro sem possibilidade de mediação.

André (1996), a propósito da “patologia narcísica”, fala exatamente dessa impossibilidade de elaboração satisfatória da etapa do narcisismo que ocupa lugar essencial no processo de separação/individuação da criança pequena em relação ao adulto. Isso é importante no sentido de pensarmos que se nesse confronto com a figura dessa mãe totalizante a possibilidade das etapas do auto erotismo e do narcisismo não puderem se instalar, o bebê estará desamparado para lidar também com sua ausência. E, se tal ausência

não puder ser atenuada pelo recurso à satisfação auto erótica, ela será dificilmente suportada. O auto erotismo, conforme salienta Freud, vem em resposta à perda do objeto que garantia a satisfação, ou seja, é a partir dessa condição que a ausência toma toda a sua dimensão traumática pela impossibilidade do bebê de lidar com as vicissitudes das pulsões, e sua conseqüente fusão.

Como observa Fernandes (2005) determinadas patologias narcísicas colocam em evidência a precariedade da fusão pulsional no início da vida que pode ter sido instalada pelas dificuldades no exercício da função de pára excitação materna:

“A função de pára excitação só será parcialmente substituída pela sua introjeção, que irá assegurar, na ausência da mãe, a possibilidade de apaziguamento através da constituição de um objeto interno capaz de garantir o enfrentamento das adversidades ao longo do crescimento. É graças a essa mediação que a criança adquire um conhecimento de seu corpo, de suas sensações, de suas necessidades e de seus afetos. É essa mediação que organiza o contato da criança com seus amores e seus ódios, sua capacidade de amar e de destruir, de vincular-se ao outro ou de isolar-se, mas também de promover o prazer e suportar o sofrimento” (Fernandes, 2005, p2).

Portanto, a função materna é sempre a de proteger, mediar, mas também libidinizar o bebê. E se isso falhar o mecanismo de introjeção não poderá se dar ficando, mais tarde, o sujeito exposto às condições do processo de incorporação que é mais primário. A introjeção, como mecanismo secundário, facilitaria para o bebê, posteriormente, o enfrentamento de suas necessidades e o exercício de sua autonomia.

Diante disso podemos evidenciar que o ideal ascético relacionado acima tende a se tornar mais premente na medida em que se manifestam, por parte do sujeito, tais desejos primitivos de incorporação e identificação primária. Pois, se as contradições nas relações com objeto não encontram saída possível nas elaborações psíquicas, o sujeito passa a utilizar

a experiência corporal que é a mais primária e que poderá possibilitar a manutenção do controle. Esquemáticamente o indivíduo faz voltar para o corpo aquilo que sofreu passivamente por parte dos pais e, principalmente, da mãe.

Green (1988) ressalta que em termos de defesa o narcisismo responderia a uma situação intermediária entre rejeição (*Verwerfung*)²² e recusa da realidade (*Verleugnung*)²³ deixando entrever a gravidade do caso, o qual, ele observa, se aproxima sobremaneira da psicose. A recusa da realidade pode se estender à recusa do corpo ou da realidade humana dando a ver nesses indivíduos o surgimento de um sentimento de magnitude e onipotência que tende a mantê-lo na ilusão de que estão acima do tempo e da morte.

A função das defesas parece ser a de livrar o sujeito da complexa relação com o objeto, ou seja, essa prática tem como finalidade desviar o campo da pulsão pela possibilidade de apaziguar e controlar as pulsões via utilização de algo fora do campo pulsional ao qual o indivíduo supõe ter controle (no caso da anorexia o alimento, por exemplo). A grande vantagem dessa prática é a busca de proteção para o risco da perda do controle do objeto. Podemos pensar que o sistema de defesas se colocaria como função de pára excitação pela necessidade de estabelecer um limite entre si e o outro.

Em suma, todas essas questões relacionadas com um investimento materno precário e a conseqüente dificuldade de introjeção da função de pára excitação por parte do bebê ou, por outro lado, um investimento materno demasiadamente intrusivo (a mãe dos dois extremos) vai perturbar a constituição da identidade do bebê e todas as vivências a ela

²² Segundo Hanns (1996) *Verwerfung* é traduzido freqüentemente por “forclusão”, “preclusão”, “rejeição” e enfatiza diferentes aspectos de outros mecanismos de defesa, havendo aí uma resolução mais definitiva: o sujeito se livra do material, ele é descartado (eliminado, arremessado para longe).

²³ Ainda, segundo Hanns (1996) *Verleugnung* é freqüentemente traduzido por “negação”, às vezes por “rejeição”, “recusa” ou ainda “repúdio” e evoca um processo em que a negação permanece tendo que ser reeditada já que o confronto com a realidade não cessa.

relacionadas: percepção, representação e sentimento de corpo próprio. O bebê passa a viver a situação como uma situação de perigo, como colocado por Freud (1926), perigo de perda do objeto, perigo da castração, perigo da morte. São vivências muito extremas que levam o sujeito a se defender delas numa tentativa de se diferenciar da figura materna tão poderosa ou tão ausente.

O olhar para uma outra cena

Pensamos abordar aqui a condição do relacionamento mãe/criança do ponto de vista da análise freudiana da passividade/atividade na fase pré-edípica e suas conseqüências na constituição do eu. Essa linha de pensamento referente à fase pré-edípica parte da descoberta freudiana de um estágio de desenvolvimento anterior ao estágio edipiano e centrado nas relações entre a criança e sua mãe exposto no texto *Sexualidade feminina* de 1931. Ao escrever sobre a psicologia da mulher, Freud reforça a versão de que o complexo de Édipo é uma formação secundária, mas a afirmativa de que isto é verdadeiro apenas para a mulher causa uma certa confusão, principalmente a afirmação de que a inveja do pênis existe apenas na mulher. Esta observação sugere que a inveja do pênis, tal como a inveja em geral, deriva da descoberta da criança de sua inferioridade, desamparo e dependência tão dolorosamente em conflito com seus desejos sexuais precoces. Ela também ajuda a explicar porque os sujeitos sofrem tão intensamente do medo da dependência e da passividade como observou Freud no seu ensaio *Análise terminável e interminável* de 1937. Como ressalta Freud:

“Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos ‘pregando ao vento’, do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável, ou quando estamos procurando convencer um homem de que uma atitude passiva para com homens nem sempre significa castração e

que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida. A supercompensação rebelde do homem produz uma das mais fortes resistências transferenciais” (Freud, 1937,p.286)

Os conflitos edipianos dominaram boa parte da especulação psicanalítica em sua fase inicial, bem como na sugestão de Freud em 1923 e, posteriormente desenvolvida em 1926, de que a angústia devida à separação da mãe protetora é a fonte primeira de conflito mental. Esse tema é retomado nos textos sobre a feminilidade onde Freud vai especular que na verdade o que precipita o complexo de Édipo e, portanto, a instauração da alteridade tanto na menina quanto no menino é a crescente percepção da criança com relação à disparidade entre o seu desejo de reunião sexual com a mãe e a impossibilidade de realizá-lo.

Freud (1931), a propósito da sexualidade feminina, observa a existência de uma fase que ele considerou chamar de pré-edipiana (creto micênica) da relação da menina com sua mãe. Fase importante, segundo ele, para a compreensão das fixações e repressões que remontam a origem das neuroses. Contudo, ressalta Freud, essa fase é ao mesmo tempo muito difícil de ser apreendida pelas análises em função de estar “(...) tão esmaecida pelo tempo e tão obscura e quase impossível de revivificar (...)” (p.260). Ao tratar do assunto Freud vai avaliar a expressão ‘pré-edipiana’ qualificando-a como uma relação primeira e bastante singular da menina com sua mãe que, segundo ele, parece estar fadada a não desaparecer nunca, ou seja, parece não haver uma verdadeira passagem da relação com a mãe para a relação com o pai, na medida em que o esquecimento da primeira parece nunca se efetuar.

Mais adiante no texto Freud (1931) especifica que tal relação não é prerrogativa só da menina, mas de ambos os sexos, pois a função de amamentar é o que faz a mãe ser o primeiro objeto amoroso da relação tanto para a menina quanto para o menino. A diferença se daria para cada sexo, segundo Freud, na maneira de se colocar diante do Édipo, ou seja,

como cada qual vai direcionar a mudança do objeto e o tempo mais ou menos demorado que vai levar.

Freud nos posiciona dizendo que uma relação hostil se estabelece entre a criança e sua mãe, relação que não é consequência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas que se origina da fase pré-edipiana precedente. Freud devota essa condição a alguns fatores referentes à sexualidade infantil. O que para nós se destaca é a característica ilimitada do amor infantil exigente e possessivo, mas incapaz de obter satisfação completa. Essa ambivalência de amor e ódio presente na vida amorosa é uma característica geral da sexualidade infantil.

De uma certa forma podemos dizer que a criança se esforçaria por reagir diante do que foi feito a ela passando a ter um papel ativo na relação. As experiências mais remotas da criança foram de natureza passiva: ela foi alimentada por sua mãe, cuidada, acariciada e mantida. Estas experiências lhe proporcionaram muito prazer e uma parte de sua libido tende a permanecer nesta situação. Por outro lado, e na medida do seu desenvolvimento, outras experiências mais ativas vão se impondo “(...) a criança contenta-se quer em se tornar auto-suficiente - isto é, executando com ela própria com sucesso o que até então fora feito para ela -, quer em repetir suas experiências passivas, sob forma ativa, no brincar, ou, então, transforma realmente a mãe em objeto e comporta-se para com ela como sujeito ativo” (Freud, 1931, p.271-272).

Nesse contexto a criança vai passar a se relacionar com o seu primeiro objeto, a mãe, a partir de uma forma passiva/ativa o que equivaleria a ser tanto o objeto da mãe na forma passiva quanto a tomar a mãe como objeto na forma ativa. E é dentro desta

possibilidade de poder sair da condição primária de objeto do outro que a criança pode ter assegurada sua posição de sujeito.

A virada de “cento e oitenta graus”, como diz Assoun (1993), do investimento materno para a escolha do objeto paterno no Édipo não é de fato uma troca simples, porquanto é necessário fazer decrescer os impulsos sexuais ativos para abrir espaço para a ascensão dos impulsos passivos. O que empurraria à criança em direção ao pai estaria inserido na natureza das relações libidinais pré-edípicas da criança com sua mãe, ou seja, sua característica ambivalente de ser tão agressiva quanto carinhosa, amor e ódio. Como enfatiza Freud (1931) o que levaria uma criança a dirigir-se a seu pai, seria uma intensa hostilidade em relação à mãe, ou mesmo um ódio quase necessário, o fator que a empurraria em direção ao pai.

Freud já havia colocado em 1925 que na medida em que a libido é deslocada do objeto primordial para outros objetos instala-se um campo de identificação com o objeto original marcado pela ambivalência que é instaurada devido a frustração na relação com o objeto inaugural. O destino do Édipo se dará, segundo ele, conforme o desenlace da relação primeira com a mãe e a entrada do pai configurando a identificação sexual para além da determinação biológica do corpo sexuado. Desse modo a orientação da catexia para novos objetos objetiva a pulsão de vida enquanto que a identificação primordial estabelece uma relação de agressividade, sustentada pela pulsão de morte, em função da identificação ao mesmo. A possibilidade de vivência do Édipo e sua finalização instaurariam novas identificações que iriam orientar a catexia do sujeito para um tipo particular de objeto posteriormente. Mas a duplicidade narcísica pode criar um obstáculo no acesso ao objeto ficando, dessa forma, a catexia inibida no sujeito.

Freud retoma no texto de 1933 suas articulações sobre essa questão da relação da criança com a mãe dizendo que elas atravessam as três fases da sexualidade infantil, assumindo as suas características e se expressando por desejos orais, sádico-anais e fálicos. Freud acentua o fato de que tais relações são relações libidinosas ativas e passivas, nas quais a mãe desempenha um papel de iniciadora. É a mãe, quem pela primeira vez ao efetuar os cuidados corporais com a criança, a causadora das sensações de prazer nas zonas genitais. Esta sedução é real e contrasta com a fantasia de sedução pelo pai que ocorre num momento posterior. Com isso, ressalta ele, talvez se possa inferir que a vinculação com a mãe é tão forte e duradoura que acaba por penetrar na ligação da criança com o pai. Porém, apesar dessa ligação com a mãe ser intensa e abarcadora deve haver, segundo Freud, um motivo específico que possibilitaria o afastamento da mãe e a aproximação ao pai. Esse motivo, revela Freud, estaria embutido na castração.

Com o narcisismo a estrutura se desdobra em uma dupla exigência de direções opostas. Por um lado, a exigência de ser um, uno, exclusivo, perfeito – fundamento exclusivo do eu ideal e do narcisismo totalizador. Mas por outro, trata-se de ser único para um outro, para o objeto, que nesse caso é ocupado pela função materna. Ocorre que esse objeto (mãe) se divide entre o olhar que dirige para o filho e o olhar que dirige para uma outra cena ocupada pelo pai (ou quem estiver exercendo sua função). O sujeito deseja se reverter a esta cena, deseja estar lá e, ao mesmo tempo, em seu lugar. Esse é um conflito que deverá ser superado pelo Édipo. Podemos dizer que a identificação narcísica seria a tentativa de ser um em dois lugares e ao mesmo tempo (o que seria impossível), enquanto que a identificação edípica seria uma defesa contra esta dublagem. O narcisismo totalizador é o narcisismo do Um e lhe opõe, conforme Green (1991), o narcisismo da destotalização (regressão às pulsões parciais

do auto erotismo) na ameaça do esfacelamento, ou o narcisismo negativo que se traduz pelo desinvestimento e a tendência ao nível zero da excitação.

A função paterna é um operador estruturante essencial para qualquer sujeito. No Édipo a possibilidade de reorientação da libido para catexizar novos objetos se daria na medida da frustração no confronto com o objeto primordial. Pensando em termos de masculinidade/feminilidade (atividade/passividade) vai estar presente na escolha amorosa: a escolha segundo um modelo paterno - escolha objetal, ou segundo um modelo narcísico - escolha narcísica. A escolha narcísica como uma espécie de identificação regressiva que teria como efeito promover uma mudança no estatuto da mãe hostilizada e odiada arrefecendo tais sentimentos. Essa identificação teria como função orientar o desejo no sentido de buscar no pai o que falta na mãe e conseqüentemente em si mesma e explicaria as relações freqüentemente encontradas na clínica: a de um amor retornado. Quando da ausência do pai na relação a função socializadora de sua presença vai marcar profundamente a criança ficando prejudicada a passagem de Narciso à Édipo pela incapacidade da criança de direcionar-se ao desejo do pai.

Green (2001a) observa que não existe literalmente um par formado pela dupla mãe/bebê sem o pai porque o filho representa a figura da união da mãe com o pai. Entre mãe e filho, ressalta o autor, está o pai porque este está sempre em alguma parte do inconsciente da mãe, desde quando seja amado ou mesmo odiado ou desterrado. Em suas palavras:

“Lembro, igualmente, a idéia também pouco contestável de que o par mãe-criança está habitado por uma diferença de potencial, uma vez que o psiquismo imaturo da criança é confrontado com o da mãe, adulto. “Qualquer coisa”, então, passa inevitavelmente da mãe para a criança. A comunicação em sentido inverso também não deixa de se verificar. [...]. Enfim, para o dizer explicitamente, é certo que o pai não está “presente” nas primeiras relações, mas seria errado considerá-lo ausente. Ele está ausente-presente no

espírito da mãe. Mas precisamente, ele está ausente para a criança e presente no espírito da mãe. Qualquer que seja o lugar ocupado pela criança no psiquismo da mãe, o desejo do cônjuge torna-a também guardiã do lugar do pai, da *função* paterna “ (Green, 2000, p.139).

Na verdade, segundo Green, o pai está ausente desta relação, porém estar ausente significa só que não está presente, mas não que não exista, pois ele considera que a ausência é uma situação intermediária entre a presença e a perda.

A separação mãe/criança depende de um duplo consentimento, um contrato de duas partes que relaciona a mãe e a criança com referência a um terceiro em potencial – o pai – que deve estar presente como vimos desde o início na psique da mãe. De acordo com Green (2001a) esse processo é gradual e se acompanha de fases periódicas de reunião com o objeto e de fases nas quais a criança trata de restabelecer a fusão com o objeto materno. Estabelece-se, assim, em função das frustrações inevitáveis do processo de crescimento, que a criança tolere sentimentos de bem estar ao lado de sentimentos de ira que estão fixados de forma arcaica. Só dessa forma é que ambos, mãe e criança, serão separados gradualmente.

No caso dos sujeitos fronteirios a tentativa de separar malogra e em lugar de se promover a separação entre o eu e o objeto vai dar lugar a uma cisão que no caso resulta em uma exclusão radical. A cisão nestes casos, ressalta Green (2001a), produz uma amputação no eu, pois ela não consegue segregar somente as representações pulsionais destrutivas, mas também partes importantes do eu. Nesse sentido podemos entender a cisão como característica dos processos fronteirios: a cisão se diferencia da repressão em função dos nexos de ligação estarem destruídos ou deteriorados, de tal forma, que só um intenso esforço para ligá-los novamente. No caso da repressão, mais característico da neurose, a energia psíquica continua ligada e os nexos permanecem intactos e se recombina com outras

representações ou afetos derivados dele. Na repressão a função conectiva é só transformada, não alterada.

A condição primordial do desamparo e o mecanismo da cisão no caso fronteiroço

Essa distinção é importante, pois na medida em que avançamos nessas reflexões e na compreensão dos sujeitos fronteiroços, nós vamos nos acercando ao conceito de desamparo freudiano (Freud, 1926) relacionado aos primeiros momentos de vida. Pensamos que a condição subjetiva do fronteiroço o aproxima da vivência do desamparo uma vez que a busca de um semelhante está mais motivada pela necessidade de um encontro com um objeto que venha suprir as necessidades mais básicas e prioritárias, do que pela busca de um encontro com o objeto do desejo sexual. Como expressa Mc Dougall (1983) Narciso desempenha um papel mais importante que o Édipo na medida da diluição das perturbações mais profundas da psique humana; a sobrevivência ocupa um lugar mais fundamental no inconsciente que o conflito edípico, até o ponto que para alguns a problemática do desejo pode parecer um luxo²⁴.

A noção de desamparo em Freud aponta para uma condição que é inerente ao ser humano. Inicialmente Freud configura o desamparo como predominantemente relacionado à fragilidade física e psíquica própria do início da vida. Essa questão é ampliada a partir de 1913, em *Totem e tabu*, quando Freud supõe a existência de um ser onipotente, o adulto, em contraposição a um ser em situação de desamparo e, portanto, à sua mercê.

Em 1926 Freud situa o desamparo em relação a separação do objeto como constituinte da situação de perigo geradora de ansiedade. Ele observa que o registro mnêmico

²⁴ Por extensão evidenciamos na cultura contemporânea uma prevalência da mesma busca de suprir a necessidade premente.

das experiências de insatisfação deixa marcas no sujeito e inaugura o sistema de angústia no aparelho psíquico. Os estados de ansiedade, segundo Freud, são considerados como uma reprodução da condição de separação do nascimento e surgem originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que o estado de perigo tornar a ocorrer.

Freud considera a situação do nascimento como a primeira situação de perigo pela qual o indivíduo passa, mas o perigo mais propício a gerar ansiedade posteriormente é o da castração: “Nos casos em que examinamos, o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração” (1926, p.152). Mais adiante Freud diz estar “inclinado a aderir ao ponto de vista de que o medo da morte deve ser considerado como análogo ao medo da castração, e que a situação à qual o ego está reagindo é a de ser abandonado pelo superego protetor [...] de modo que ele não dispõe mais de salvaguarda contra todos os perigos que o cercam” (1926, p.153). Essa situação de perigo que Freud supõe iniciar-se no nascimento reaparece, portanto, frente a situações das quais a criança sente que perdeu algo, ou seja, quando é deixada sozinha por sua mãe ou sente a dor cruciante da fome, sentimentos que são experimentados como uma ameaça à sua própria existência. A importância da perda do objeto como determinante da ansiedade prolonga-se por um longo período de tempo. Ao que parece a maior parte da vida mental inconsciente dos bebês, das crianças e dos adultos, nesse aspecto, consiste em defesas contra o medo da perda e do abandono e os sentimentos complementares de desamparo e inferioridade²⁵.

Para Freud a dor da separação origina-se da prolongada experiência de desamparo na infância. Freud supõe que a experiência de desamparo, oriunda da separação, tende a ser

²⁵ Sabemos que Freud não se deixou impressionar pelas idéias de Otto Rank sobre o caráter originário do trauma do nascimento, considerado por Rank como a primeira angústia experimentada pelo homem. Para Freud, a verdadeira experiência de separação não coincide com o parto, mas sim com o desmame. Para Freud a perda do seio é primordial e geradora de angústia.

dolorosa por ser precedida pela satisfação oceânica do útero materno: “A ansiedade aparece como uma reação à perda sentida do objeto e lembramo-nos de imediato do fato de que também a ansiedade de castração constitui o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso, e de que a mais antiga ansiedade – a ansiedade primeva do nascimento – ocorre por ocasião de uma separação da mãe” (1926, p.161). E mais adiante: “É a ausência da mãe que agora constitui o perigo, e logo que surge esse perigo a criança dá o sinal de ansiedade, antes que a temida situação econômica se estabeleça. [...]. Verifica-se que a ansiedade é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (1926, pp.161-162). Dessas passagens podemos apreender que a noção de desamparo para Freud está atrelada a incapacidade do indivíduo se prover, de modo autônomo, dos meios para sua sobrevivência física e mental, mas, o mais importante, talvez, é considerar que é a condição de situação de perigo o que constitui a ameaça de separação do objeto e é o que vai lançar o sujeito na situação de desamparo ao longo da vida como Freud observa:

“O perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo de perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do seu superego, até o período de latência. Não obstante, todas essas situações de perigo e determinantes e ansiedade podem persistir lado a lado e fazer com que o ego a elas reaja com ansiedade num período ulterior ao apropriado; ou além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo” (Freud, 1926, p.166).

Green (1991) ressalta que nos estados em que o sinal de angústia é ultrapassado por sobrecarga do psiquismo a angústia perde sua função semântica e dispara tarde demais. Não se trata, neste caso, segundo Green, de antecipar o perigo, mas de vivenciar os danos de um

cataclismo, ou seja, de todas as angústias mais sinistras cujo caráter convergente refere-se ao desamparo psíquico do recém-nascido.

Green (1991) observa que diante desse quadro “as transformações do aparelho psíquico dão à angústia de castração a aparência de angústia social que não é mais nada do que angústia frente ao superego” (p.58). Nesse sentido a noção do estado de desamparo articula-se também com a não dimensão do estabelecimento da alteridade e a consequência psíquica resultante. A questão do estabelecimento da alteridade, o reconhecimento do outro, carrega em si um duplo aspecto: esse outro é o que protege o indivíduo contra o desamparo, mas é igualmente invasor em função da situação de passividade da criança. Ou seja, o indivíduo estaria à mercê desse outro e, conseqüentemente, diante da constatação de sua fragilidade estará diante de um paradoxo: necessita do outro para sua proteção e, portanto dele não pode se separar, mas, ao mesmo tempo, esse outro que o protege pode também ameaçá-lo com sua intrusão. O indivíduo, diante disso, poderá vir a fazer uso de mecanismos defensivos arcaicos para fazer frente a essa situação. Esse paradoxo está aludido em Green (1988) quando fala da situação do sujeito no paradoxo que se instala diante da angústia de separação e da angústia de intrusão. Segundo Green tais pacientes estariam confinados na dicotomia angústia de intrusão e angústia de ausência. Green (1991) acrescenta que o par formado pelas angústias que parecem específicas dos casos limites (fronteiriços) – angústia de intrusão e angústia de separação ou ausência serão o equivalente, ao nível do ego e de seus limites, das angústias de castração e de penetração, “cuja função organizadora na constituição dos sintomas e na colocação das defesas nos é revelada pela clínica das neuroses” (p.55).

Tais sujeitos confinados nesse tipo de angústia (intrusão e separação) são aqueles que têm um mundo psíquico tomado por um objeto intrusivo ou, então, um mundo psíquico

esvaziado no qual a ausência é uma presença em potencial. Green vai observar que normalmente se o eu numa fronteira flexível funciona de uma forma protetora como pára excitação, nestes casos específicos o eu não consegue realizar a função protetora e, por isso, esses sujeitos estariam se sentindo invadidos. E como forma de proteção fazem uso de mecanismos de defesa mais primitivos, principalmente a cisão.

Para Green (2001a) a especificidade da cisão do fronteiroço está calcada em dois níveis: cisão entre o psíquico e o não psíquico (soma e mundo exterior) e cisão dentro da esfera psíquica: na primeira condição as fronteiras do eu são elásticas, porém esta flexibilidade não conduz a uma conduta adaptativa, mas opera como flutuação de expansão ou retração para o sujeito poder enfrentar a angústia de separação (perda) ou a angústia de intrusão (implosão); na segunda condição revela que o eu se compõe de diferentes núcleos que não se comunicam “estes núcleos do eu podem receber a designação de arquipélagos” (p. 113). À semelhança de uma configuração de ilhas rodeadas por água, Green utiliza a metáfora para aludir à falta de unidade e sobretudo de coerência, ou seja, “a coexistência de pensamentos, afetos, fantasias contraditórias, mas, além disso, subprodutos contraditórios do princípio do prazer, do princípio de realidade, ou de ambos” (p.113). São, contudo, segundo Green, os espaços vazios mais importantes do que as ilhas que dão a característica aos quadros fronteiroços: futilidade, falta de presença, contato limitado com o outro, que dão a impressão de um discurso que não tem encadeamento de palavras, representações ou afetos, senão que se parecem “como um colar de pérolas que não tem corda”(p. 114) que as faça ligar. Green (2001a) introduz a noção de “processo terciário” (p.119) dizendo que são característicos destes processos mecanismos conjuntivos e disjuntivos que atuam como intermediário entre o processo primário e o processo secundário. Segundo Green, esse é o

modo mais eficaz de estabelecer um equilíbrio mental flexível e o instrumento mais rico para a promoção da criatividade, pois tal processo colocaria em resguardo a nocividade da cisão cujos excessos conduzem o sujeito à morte psíquica. Green reforça que no caso dos sujeitos fronteiriços os processos terciários têm pouca ou nenhuma condição de se estabelecer.

Gostaríamos de fazer alusão ainda a uma outra característica concernente ao conceito de “bitriangulação” ou de “relações tri diádicas” (Green, 2001a,p.116). É um tipo de complexo semelhante ao Édipo, mas dele se diferencia pela existência de uma relação triangular em que os dois personagens parentais se experimentam como opostos polares afetivos. Em condições normais, observa Green, o sujeito experimenta sentimentos ambivalentes, positivos e negativos a cada um dos progenitores, mas nos sujeitos fronteiriços existe uma cisão entre os dois pais de tal forma que se percebe um dos progenitores como totalmente bom e o outro como totalmente mau. Isso, de acordo com Green, força o indivíduo a se mover constantemente de um lugar para o outro no sentido de escapar do objeto mau e se acercar do objeto bom. Essa mobilidade constante se dá na medida em que seu lugar do lado bom não está assegurado devendo, portanto, estar constantemente atento para não correr o risco de ser jogado de encontro ao lugar detestável.

Tratando dos casos limites Green sustenta a idéia de que os sintomas característicos dessas patologias foram gerados anterior à fase edípica e que o analista deveria assumir a função de objeto transicional. Podemos pensar com Winnicott que se tivermos a oportunidade de oferecer um setting que permita criar um ambiente suficientemente bom, sustentador e específico para cada paciente estaremos criando a possibilidade de emergir um vínculo de presença e de disponibilidade necessários e, conseqüentemente de esperança. Green (2001a) atesta que no caso desses pacientes é cada vez maior o número de analistas que tendem a

reintroduzir a presença potencial do pai, não por referência explícita a ele, senão pela simples introdução de um elemento terceiro nesta dualidade comunicativa que se constitui a experiência analítica.

Nesses casos, Green (2001a) se coloca de acordo com a técnica winnicottiana que se constitui em outorgar lugar ao enquadre, recomendar a aceitação desses estados informais e a atitude não intrusiva, suprir verbalmente as carências dos cuidados maternos para assistir a emergência de uma relação com o eu e com o objeto até o momento em que o analista possa converter-se em objeto transicional e o espaço em espaço potencial de área de jogo e área de ilusão. Quando faz uso do enquadre dessa forma, Green observa que esta parece ser a única que faz justiça à noção de ausência. A análise, segundo ele, talvez não seja outra coisa que a capacidade do paciente de estar só, mas na solidão povoada pelo jogo²⁶. Em suas palavras diz: “É uma concepção demasiado rígida ou demasiado ideal a que nos leva a pensar que se trata de transformar os processos primários em processos secundários. Mais exato seria dizer que se trata de instituir um jogo entre processos primários e secundários, por meio dos processos que proponho chamar de terciários que não são mais do que a de ser processo de relação” (p.85).

No caso do paciente fronteiroço pensamos que acrescenta-se algo ao processo analítico ao se sugerir o estabelecimento de um espaço entre analista e analisando que sirva à

²⁶ Green faz alusão ao artigo de Winnicott intitulado *A capacidade de estar só* (1958). Diz Winnicott que “Embora muitos tipos de experiência levem à formação da capacidade de ficar só, há um que é básico, e sem o qual a capacidade de ficar só não surge; essa é a experiência de ficar só como lactente ou criança pequena na presença da mãe. Portanto é um paradoxo: capacidade de ficar só na presença de alguém. [...] ficar só nesses termos é quase sinônimo de maturidade emocional. [...] estar só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe. À medida que o tempo passa o indivíduo introjeta o eu auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de ficar só sem apoio freqüente da mãe ou de um símbolo da mãe. ‘Estar só’ é uma decorrência do ‘eu sou’, dependente da percepção da criança da existência contínua de uma mãe disponível cuja consistência torna possível para a criança estar só e ter prazer em estar só, por períodos limitados” (1958, p.33-34). Em Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*, 1983.

criação, um espaço de reserva potencial que talvez seja um algo a mais na condução da análise de tais pacientes, pois criaria a prerrogativa para o surgimento das condições básicas de manutenção do processo analítico. Desta forma podemos pensar com Ogden (1996) que todas as variáveis do setting analítico serão consideradas a favor da análise se estiverem comprometidas com a criação e a conservação destas reservas.

Refletindo sobre essa questão pensamos que no sujeito fronteiro o que seria vital no caminho em direção a independência (não no sentido da liberdade, mas no sentido da não dependência) não seria uma continuação da experiência de onipotência, mas o estabelecimento da capacidade criativa, pois acreditamos com Winnicott que, em contraste com o reconhecimento de um mundo que é percebido apenas como algo que exige adaptação, deveríamos definir a experiência criativa como uma sensação de que “a vida é digna de ser vivida” (1975,p.95).

Conclusão

A obra escrita de um analista é provavelmente outro modo de prosseguir sua auto-análise com possível benefício para os outros. Não há dúvida de que se trata de um exercício que se inclui no domínio da sublimação sobre loucuras privadas.

André Green
De locuras privadas

A palavra na análise e a escrita são parentes, pois fazem da perda uma ausência.

J.B.Pontalis.
A força de atração

Na contemporaneidade os valores tradicionais têm sido muitas vezes substituídos por bens consumíveis que parece impossibilitar referências externas mais sólidas. Isso pode contribuir para gerar vazio de identificações e ideais necessários à função especular integradora que deveria sustentar uma consistência da auto imagem do sujeito. O mundo contemporâneo, constituído dessa forma, pode auxiliar para que o eu não tenha condições de aceder aos processos secundários permanecendo imerso na ilusão do narcisismo primário. O sujeito marcado pela insegurança passa a investir no próprio eu, pois, quando o outro não tem a possibilidade de se constituir uma referência identificatória para o sujeito, a sustentação para o eu é buscada na própria imagem.

O nosso percurso nos mostrou que a instauração da subjetividade criativa, aquela que é capaz de se abrir para o mundo (no sentido winnicottiano) e de inventar a si próprio, implica no pressuposto de uma narrativa pessoal que confere sentido à vida. Os indivíduos que são privados da referência ao outro ficam marcados pela impossibilidade de ter pouco acesso a esta forma de expressão. E, se assim ocorre, procuram na cultura inúmeras possibilidades de compensação e de alienação, podendo se perder na volatilidade das imagens

ou, então, sendo tragados pela verdadeira pulsão de morte freudiana que aliena no uso das drogas e das compensações narcísicas.

A cultura contemporânea procura pelas mais diversas formas reduzir o vazio imaterial, mas os recursos oferecidos são quase sempre ineficientes e insuficientes, posto que são descartáveis, incluindo o corpo que é destituído de subjetividade singular passando a se constituir produto da moda. Podemos pensar que um dos projetos éticos da psicanálise poderia ser o de propiciar ao sujeito uma vivência mais direta do vazio retirando do mundo das coisas e do futuro sua dimensão ilusória de garantia de preenchimento.

Os comentários e reflexões dos autores contemporâneos que nos acompanharam em nosso percurso nos ajudaram a contextualizar a subjetivação narcísica dando moldura ao tema. Nesse momento podemos nos perguntar qual o destino possível de uma clínica que privilegie os processos narcísicos e, qual o papel do analista contemporâneo?

Refletindo sobre isso, e levando em consideração que o mundo em que vivemos é um mundo que se apresenta marcado por transformações das mais diversas, pensamos que a clínica psicanalítica contemporânea pode encontrar espaço de acolhimento para tais transformações. Se a mudança dos códigos e a reviravolta dos valores tradicionais tendem a contribuir para provocar colapsos psíquicos que se refletem na prática clínica, a clínica, por sua vez, deve ser capaz de acolher os reflexos de tais colapsos e respeitar os limites de cada um para lidar com eles. E, como observa Green (2000) “o papel da psicanálise, que não é o de conformar socialmente, nem o de normalizar, nem sempre é suficiente para acalmar a angústia dos pacientes que, por vezes, preferem as suas soluções antigas àquelas que a análise lhes abre. O psicanalista deverá respeitar este equilíbrio precário encontrado pelo paciente nas

formações de compromisso, as únicas que lhes são acessíveis” (p.146). Ou seja, pensamos ser *mister* manter a possibilidade de abertura e acolhimento às novas formas de subjetivação.

Hoje, as personalidades fronteiriças e os casos limites que se gestam nos desencontros e nas separações, estariam de fora do arsenal teórico e técnico da psicanálise não fossem as possibilidades deixadas em aberto na teoria psicanalítica às quais se possibilita conjugar estudo e prática. Novos tempos, novos saberes, novas maneiras de compreender e lidar com o sofrimento psíquico.

O incremento das patologias narcísicas na clínica contemporânea, ou seja, exame e comparação do mecanismo de introjeção, próprio do processo de constituição do sujeito e o mecanismo de incorporação, marca fundamental da estruturação das patologias narcísicas, é fruto dessas interações que se estabelecem. A necessidade recai na impossibilidade de restaurar um caminho pela condição de instalação de um ideal de eu frágil e oscilante que não tem condições de sustentar o sujeito em sua falta. Pensamos que sem um ideal de eu mais consistente sonhos e projetos são difíceis de serem elaborados.

De acordo com Green (2001a) o caso do fronteiriço é menos o de uma fronteira do que o caso de uma terra de ninguém, um inteiro domínio cujos limites são vagos:

“Os casos fronteiriços mais próximos das neuroses podem oferecer-nos a maior oportunidade de apreender a índole do problema porque se prestam à indagação psicanalítica profunda. Pode parecer que o paciente é neurótico, mas o analista sabe que se trata de um caso fronteiriço. Este conhecimento se baseia na qualidade afetiva da comunicação do paciente e na resposta interior que suscita no analista, e que é difícil pôr em palavras a não ser que se escreva poesia” (Green, 2001a,p.107).

Em seus textos Freud refletiu sobre as condições favorecedoras para o aparecimento de quadros psicopatológicos transformando suas observações em teoria, suas reflexões em metapsicologia. Defendeu que a clínica se escreve no dia a dia, passo a passo, na experiência prática com um paciente que está, sobremaneira, perpassado pelas exigências feitas pela cultura. Este foi, sem dúvida, o eixo investigativo de sua ciência e na qual ele lança seus alicerces. Em *O ego e o id* Freud enfatiza “que a pesquisa psicanalítica não podia tal como um sistema filosófico, produzir uma estrutura teórica completa e já pronta, mas teve de encontrar seu rumo passo a passo ao longo do caminho da compreensão das complexidades da mente [...]” (1923, p.50).

Se a obra de Freud é nossa fonte e nosso saber, o analista contemporâneo também pode dar mostras de sua criatividade. Julgamos que a importância de novos estudos e pesquisas reside na necessidade de contribuir para continuar a escrever a página da psicanálise e, por suposto da clínica, nos moldes propostos por Freud, ou seja, a partir do trabalho clínico de construção de um saber que possa ajudar a compreender o mundo contemporâneo e suas vicissitudes.

Na clínica nos confrontamos com coisas difíceis de serem traduzidas, apreendidas, representadas uma vez que o discurso do paciente recorre a matérias diversas para se expressar “(...) uma poligrafia do inconsciente como se este utilizasse diversos sistemas de escritura para expressar-se”, diz Green (1994,p.45). Escrever a página da psicanálise deve ser, portanto, poder se utilizar de um veículo que nos dê a possibilidade de acessar e refletir sobre algo que, de outra forma, seria difícil de ser acessado.

Freud muitas vezes usou do dito dos poetas ou pedia que a eles se recorressem, dando mostras de que procurava buscar compreensão em outras paragens em ocasiões em que

a psicanálise, apesar de tudo, ali não poderia opinar. E a literatura muitas vezes era seu destino (Lazzarini e Viana,2004). Em suas freqüentes incursões à literatura Freud valorizava os escritores e poetas clássicos. Como assevera Green (2001a) com relação aos pacientes fronteiriços a literatura, na sua forma poética, pode fazer representar para nós os matizes, os conflitos, os sonhos, as paixões da vida íntima desses pacientes, pois ao recorrer a tal expediente conferimos a possibilidade de traduzir os anseios que perpassam sua realidade psíquica conectando-as à realidade histórica e cultural.

Se concluir não significa encerrar, mas deixar espaço para que outros possam falar, nesse momento pensamos dar voz ao poeta para que nos ajude a desvendar as nuances ocultas da alma humana. Seu saber intuitivo, como diz Freud, permite a nós o desligamento do sonho tão propício e regenerador para o combate das mazelas humanas.

Narciso e Narciso

Se Narciso encontra com Narciso
E um deles finge
Que ao outro admira (para sentir-se admirado)
o outro
pela mesma razão finge também
e ambos acreditam na mentira
Para Narciso
O olhar do outro, a voz
Do outro, o corpo
É sempre espelho
Em que ele é a própria imagem mira.
E, se o outro é
Como ele
Outro Narciso
É espelho contra espelho:
O olhar que mira
Reflete o que o admira
Num jogo multiplicado em que a mentira

De Narciso a Narciso
Inventa o paraíso
 E se amam mentindo
 No fingimento que é necessidade
 E assim
 Mais verdadeiro que a verdade.
Mas exige, o amor fingido,
Ser sincero
O amor que como ele
É fingimento.
 E fingem mais
Os dois
Com o mesmo esmero.

(Ferreira Gullar,2004)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, A M. (2000) Da patologia das sociedades civilizadas. Em Fuks, L. B. e Ferraz (orgs) *A clínica conta histórias*. São Paulo: Escuta.
2. AMARAL, M.G.T (2000) No entrelaçamento da crise da subjetividade contemporânea. <http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/mag/archives/paris2000/texte78.html>
3. ASSOUN, P-L. (1991) *O freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
4. _____ (1995) *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
5. ANDRÉ, J. (1996) *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
6. ANZIEU, D. (2000) *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo
7. AULAGNIER, P (2002) Nascimento de um corpo, origem de uma história. Em *Corpo e história. IV Encontro psicanalítico D'Aix-em-Provence*. São Paulo: Casa do Psicólogo
8. BASTOS, L.A.M., (1998) *Eu-corporando. O ego e o corpo em Freud*. São Paulo: editora Escuta Ltda.
9. BAUDRILLARD, J. (2005) *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
10. BAUMAN, Z (1998) *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
11. BEZERRA, B. (1989) Subjetividade Moderna e o Campo da Psicanálise. Em. Birman, J. (org). *Freud: 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
12. BIRMANN, J. (1999) *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34.

13. _____ (2000) *Mal estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
14. BOLLAS, C. (2000) *Hysteria*. São Paulo: Editora Escuta.
15. DEBORD, G. (1967) *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto
16. ELIAS, N. (1990). *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
17. FAIRBAIRN, W.R.D. (1980) *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana.
18. FERNANDES, M. H. (2002) Entre a alteridade e a ausência: O corpo em Freud e sua função na escuta do analista. Em: *Revista Percurso* no. 29 – 2/2002 pp.51-64
19. _____ (2005) O corpo na anorexia e na bulimia. *IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. São Paulo.
20. FIGUEIREDO, L.C. (2003) *Psicanálise. Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Editora Escuta Ltda.
21. FLORENCE, J. (1976) Identification et compulsion de répétition em *Topique*, Paris, EPI, nº 17, avril, pp.127-138.
22. _____ (1994) As identificações. Em *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará
23. FREIRE COSTA, J. (2003) *Violência e psicanálise*. São Paulo: Edições Graal
24. _____ (2004a) *O Vestígio e a Aura*. Rio de Janeiro: Editora Garamond
25. _____ (2004b) Narcisismo em tempos sombrios.
http://jurandir.costa.ig.br/ciência_e_educacao/9/artigos/narcisismo.html

26. FREUD, S. (1950[1892-1899]) *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.I. Rio de Janeiro: Imago Editora
27. _____ (1895) *Estudos sobre a histeria*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.II. Rio de Janeiro: Imago Editora.
28. _____ (1905 [1901]) *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.VII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
29. _____ (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.VII. Rio de Janeiro: Imago Editora
30. _____ (1908) *Moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.IX. Rio de Janeiro: Imago Editora
31. _____ (1910a) *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
32. _____ (1910b) *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
33. _____ (1911a) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

34. _____ (1911b) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental..* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
35. _____ (1913) *Totem e tabu.* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
36. _____ (1914). *À guisa de introdução ao Narcisismo.* Em: Obras Psicológicas de Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago (2004)
37. _____ (1915). *Pulsões e destinos da pulsão.* Em: Obras Psicológicas de Freud.Vol. I. Rio de Janeiro: Imago. 2004
38. _____ (1915) *Luto e Melancolia.* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora.
39. _____ (1919) *O 'estranho'.* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
40. _____ (1920) *Além do princípio de prazer.* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
41. _____(1921) *Psicologia de grupo e a análise do ego.* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
42. _____(1923) *O ego e o Id.* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.
43. _____ (1925) *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.* Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

44. _____ (1926) *Inibições, sintomas e ansiedade*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XX. Rio de Janeiro: Imago Editora.
45. _____ (1927) *Fetichismo*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
46. _____ (1930) *O mal estar na civilização*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
47. _____ (1931) *Sexualidade feminina*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
48. _____ (1933) *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIII Feminilidade*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora
49. _____ (1937) *Análise terminável e interminável*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
50. GALIMBERTI, U. (2004) *Os vícios e os novos vícios*. São Paulo: Paulus
51. GANTHERET, F. (1971) Remarques sur la place et le statut du corps en psychanalyse. Em *Lieux du corps. Nouvelle revue de Psychanalyse*. No. 3 printemps 1971. Paris: Gallimard. Pp. 135- 146.
52. GERGEN, K. (1992) *El Yo saturado*. Barcelona: Ed. Paidós Contexto
53. GIDDENS, Anthony (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
54. GREEN, A. (1988) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta Ltda.

55. _____ (1991) *O complexo de castração*. Rio de Janeiro: Imago Editora
56. _____ (1994) *O desligamento*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
57. _____ (2000) *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi Editores.
58. _____ (2001a) *De locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu
59. _____ (2001b) *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud. Aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amorrortu
60. GULLAR, F. (2004) *Toda poesia* Rio de Janeiro: José Olympio
61. HANNS, L (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
62. HERMANN, Fabio e MINERBO, Marion (2001) Creme e castigo – sobre a migração dos valores morais da sexualidade à comida. Em CARONE, I. (org.) *Psicanálise fim de século: ensaios críticos*. São Paulo: Hacker Editores, pp. 19-36.
63. JEAMMET, P. A abordagem psicanalítica dos transtornos das condutas alimentares em *Anorexia e Bulimia* (1999). (org.) Rodolfo Urribarri. São Paulo: Escuta.
64. JONES, E (1979) *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara
65. LACAN, J (1949/1998) O estágio do espelho como formador da função do eu. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores.
66. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. (1983) *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
67. LAPLANCHE, J. (1985) *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas
68. _____ (1998) A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. Em *A pulsão de morte*. São Paulo: Editora Escuta Ltda.

69. LASCH, C. (1979) *The culture of narcissism*. New York: Warner Books.
70. _____ (1987) *O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Editora Brasiliense.
71. LAZZARINI, E.R. (2001) *Em cena a anorexia: articulações na teoria e na clínica*. Dissertação de Mestrado. UNB. Brasília DF.
72. LAZZARINI, E.R. e VIANA, T.C. (2003) O jogo e o surgimento do eu. Em *Revista da Febrap* Ano 2003 Vol.II no. 2 pp. 107-114.
73. _____ (2004) Do que se lê ao que se escreve. Leitura e escrita em psicanálise. *Revista Pulsional*. Ano XVII. Dezembro de 2004. pp.54-60.
74. _____ (s/d) O corpo em psicanálise. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília. No prelo.
75. LECLAIRE, S. (1998) *Escritos Clínicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
76. LIMA, A.A.S. (2000) A produção paradoxal do nosso tempo: intensidade e ética. Em *A clínica conta histórias*. São Paulo: Editora escuta Ltda.
77. LIPOVETSKY, J. (2005) *A era do vazio*. São Paulo: Editora Manole
78. MAIA, M.S. (2001) Um tapete vermelho para a angústia: clínica psicanalítica e contemporaneidade. In *Percurso. Revista de Psicanálise*. Ano XVI, no. 27, 2º semestre, pp. 67-76
79. MAGALHÃES, M.C.R. (2004) Narcisismo primário e o desejo. *Pulsional Revista de Psicanálise*, Ano XVII, no. 178, junho/2004, pp. 52-61
80. MANDET, E.S.C. (1993) La fascinacion de los significados una problemática acerca de la nocion de cuerpo en psicoanálisis. Em *Psicoanálisis con niños e adolescentes*. I Revista (semestral) No. 1993. pp. 114-124. Buenos Aires.

81. MANNONI, O. (1994) A desidentificação. Em *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará
82. MCDOUGALL, J. (1983) *Em defesa de uma certa anormalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
83. _____ (2002) Um corpo para dois. Em *Corpo e história. IV Encontro psicanalítico D'Aix-em-Provence*. São Paulo: Casa do Psicólogo
84. MEZAN, R (1997) *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense
85. _____(1998) *Tempo de Muda: Ensaio de Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras
86. _____(2001) *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.
87. NAFFAH NETO, A. (1979) *Psicodrama – Descolonizando o Imaginário*. São Paulo: Editora Brasiliense
88. PONTALIS, J.B. (1990) *A força de atração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
89. _____ (2005) *Entre o sonho e a dor*. Aparecida – SP: Idéias e Letras.
90. QUEIROZ, E.F. (2000) *O discurso perverso na clínica psicanalítica. Um estudo sobre o efeito da Verleugnung no discurso*. Tese de Doutorado. PUC. São Paulo.
91. ROLNIK, SUELI (1997) Prefácio. Em Figueiredo, L.C. (1996) *A invenção do psicológico*. São Paulo: Escuta/ Educ.
92. RIBEIRO, P.C., (2000) *O problema da identificação em Freud. Recalcamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
93. ROUDINESCO, E. (1999) *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

94. SAFRA, G. (1999) *A face estética do self. Teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora
95. SANTOS, J F (2002) *O que é pós-moderno?* São Paulo: Livraria Brasiliense.
96. SENNETT, R. (1988) *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das letras.
97. _____ (2003) *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Editora Record.
98. SEVERIANO, M.F.V. (2001) *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume Editora.
99. SOUZA SANTOS, B. (1995) *Pelas mãos de Alice*. Lisboa, Portugal: Editora Aprontamento
100. _____ (1998). *Um discurso sobre as ciências*. Lisboa, Portugal: Editora Aprontamento.
101. OGDEN, T (1996) Reconsidering Three Aspects of Psychoanalytic Technique. Em *The International Journal of Psycho-Analysis* – (1996) 77, 883-899.
102. VERTZMAN, J. (2005) Vergonha, honra e contemporaneidade. Em *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XVIII, no. 181, março/2005, pp.88-99
103. VIANA, T. C. (1999) *A comédia humana, cultura e feminilidade*. Brasília: Ed UNB
104. _____ (s/d) Processos de criação e subjetivação em estudos e costumes no século XIX: Prefigurações. Em DAVIN, F. *História de costumes do século XIX*. No Prelo
105. WINNICOTT, D. (1951) Objetos e fenômenos transicionais. Em *Da pediatria à psicanálise* (1978). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.

106. _____(1958) A capacidade de estar só. Em *O ambiente e os processos de maturação* (1983). Porto Alegre: Artmed Editora.
107. _____(1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.